



2021

Estratégias de Sustentabilidade

O caso da Praça da Juventude no conjunto Marcos Freire II, Nossa Senhora do Socorro - SE.



Priscila S.F. J.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**ESTRATÉGIAS DE SUSTENTABILIDADE:
O caso da Praça da Juventude no conjunto Marcos Freire II,
Nossa Senhora do Socorro - SE.**

Autora: Priscila da Silva Farias Jesus.

Orientador(a): Prof.^a MSc. Lina Martins de Carvalho.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção de Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

**LARANJEIRAS - SE
NOVEMBRO/2021**

PRISCILA DA SILVA FARIAS JESUS

**ESTRATÉGIAS DE SUSTENTABILIDADE:
O caso da Praça da Juventude no conjunto Marcos Freire II,
Nossa Senhora do Socorro - SE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção de Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Data 16 / 11 / 2021

BANCA EXAMINADORA

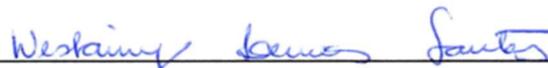


Prof.^a MSc. Lina Martins de Carvalho
Orientadora | Universidade Federal de Sergipe

Documento assinado digitalmente

 CESAR HENRIQUES MATOS E SILVA
Data: 16/11/2021 17:27:27-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. César Henriques Matos e Silva
Examinador externo | Universidade Federal de Sergipe



MSc. Weslainy Lemos Santos
Examinadora Externa | Arquiteta e Urbanista

**LARANJEIRAS - SE
NOVEMBRO/2021**

À Deus, aos meus amados pais José Unaldo e Roseleide, ao meu querido esposo Romilton.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por minha existência, por tudo que tenho, pelo pouco que sou, por minha família maravilhosa, por TUDO. Tu és meu verdadeiro amigo e consolador, que me dá forças nessa jornada e mesmo não sendo fácil, me sustenta e me guia. Sem Ele não sou nada, nem estaria aqui. TE ADORO SENHOR, ÉS MEU PORTO SEGURO!

Ao meu pai e herói José Unaldo, que com muito esforço e dedicação nunca deixou faltar nada e sempre priorizou os estudos dos filhos, nos ensinando a ser cada vez melhor, e mesmo com seu jeito durão, nos incentiva e nos ama. À minha mãe Roseleide, minha melhor amiga, meu colo, braço direito e esquerdo, que sempre me apoia, e me dá palavras de conforto sempre que preciso, é ela que sempre dá um jeitinho para tudo quando penso que não tem mais solução. Agradeço por terem me ensinado a ser o que sou e o que ainda serei e por confiarem em mim, eu os amo muito.

Ao meu irmão Paulo Henrique, meu confidente, por estar ao meu lado, aturando meus desabafos e por me dizer a verdade quando precisa (por incrível que pareça!), ele é um *brother* de verdade.

Ao meu querido esposo Romilton, por estar comigo, me apoiar, tolerar meus estresses, desabafos, minha ausência quando precisei estudar, pelas vezes que largou seus afazeres para me ajudar, pelo cuidado, carinho e amor. A toda minha linda, amada e grande família, por todo carinho e por torcerem por mim.

A todos os meus amigos, em especial aos amigos e moradores do Marcos Freire II (onde vivi por 22 anos) por compartilharem toda vivência, experiências e informações fundamentais para a conclusão desse trabalho. A todos os mestres e professores que com paciência, carinho e dedicação compartilharam seus conhecimentos em especial Ana Maria, Sarah França, Fernando Antônio, Raquel Kohler e minha orientadora Lina Martins.

Enfim, obrigada a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que chegasse a esse momento, sintam-se abraçados!

"Porque dEle e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém." (Romanos 11:36)

*"Desde criança eu vi
Se jogar lixo à toa
Ao mesmo tempo aprendi
Que isso não era uma boa*

*Como uma casa é a rua
De quem consciência tem
Quem joga lixo na rua
Deve jogar em casa também*

*E não venha me dizer
Que o cesto está cheio,
Longe ou não existe seletiva*

*O importante é saber
Que o ambiente é o meio
E cada um tome iniciativa*

*Se penso logo existo
Se existo faço lixo
Por isso persisto
Na reciclagem do lixo"*

Priscila Farias

RESUMO

O município de Nossa Senhora do Socorro está localizado na Região Metropolitana de Aracaju e abriga alguns conjuntos habitacionais que foram construídos sob a influência do crescimento populacional observado em Aracaju nos últimos anos. Tem-se observado que em tais conjuntos não foi identificada a entrega completa das áreas de lazer e seus equipamentos, a exemplo do conjunto habitacional Marcos Freire II e suas praças. A Praça da Juventude é talvez o exemplo mais marcante desse conjunto por ter recebido investimento público através da construção de alguns equipamentos. Entretanto, observa-se que se encontra em situação de precariedade, com carência de equipamentos de lazer, bem como descarte irregular de lixo doméstico, cenário insustentável, reflexo da não conscientização sobre a importância da manutenção dos espaços públicos como forma de garantir sua continuidade e durabilidade, proporcionando melhorias na qualidade da paisagem e bem-estar dos moradores. Acredita-se que os espaços públicos do referido conjunto, mais especificamente da Praça da Juventude, podem abrigar estratégias mais sustentáveis de uso e manutenção, a partir de equipamentos e ações que visem a melhoria do espaço urbano, do meio ambiente e do convívio entre os cidadãos. Assim, este trabalho consiste em propor estratégias sustentáveis à Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior que fica situada o conjunto Marcos Freire II, baseadas em critérios de sustentabilidade (ambientais, de utilização e de qualidade e conforto) sugeridos por Pereira (2008). Para isso serão apresentadas e discutidas aqui definições sobre praça, como elemento do espaço público, sua história e suas tipologias segundo alguns autores e a importância de se aplicar a sustentabilidade nesses espaços, proporcionando melhorias socioambientais não só às praças, mas à cidade como um todo. Faz-se necessário também conhecer a história do município, ao qual o conjunto faz parte, para então aprofundar no objeto de estudo, que neste caso é a Praça da Juventude do conjunto Marcos Freire II, observando os problemas relacionados às práticas pouco sustentáveis a fim de buscar soluções eficazes e que possibilitem uma melhor qualidade de vida. A metodologia utilizada para a pesquisa consistiu em revisão bibliográfica, visitas e entrevistas. Como resultados, pôde-se identificar que os níveis de sustentabilidade da praça em estudo, foram baixos. Conseqüentemente, estabeleceu-se estratégias sustentáveis, condizentes aos critérios de sustentabilidade de Pereira (2008), na tentativa de melhorar a qualidade de vida da população, cujas principais diretrizes estariam voltadas à: paisagismo e vegetação; materiais e mobiliário; acessibilidade; iluminação e drenagem; e, adaptabilidade.

Palavras-chave: Praças; Sustentabilidade; Definição de Critérios; Conjunto Marcos Freire II; Praça da Juventude.

ABSTRACT

The municipality of Nossa Senhora do Socorro is located in the Metropolitan Region of Aracaju and houses some housing complexes that were built under the influence of population growth observed in Aracaju in recent years. It has been observed that such complexes were implemented with incipient infrastructure, mainly in what concerns leisure areas, such as the Marcos Freire II residential complex and its squares. The Youth Square is perhaps the most striking example of this set for having received public investment through the construction of some equipment. However, it is observed that it is in a precarious situation, with a lack of leisure equipment, as well as irregular disposal of household waste, an unsustainable scenario, a reflection of the lack of awareness about the importance of maintaining public spaces as a way to ensure its continuity and durability, providing improvements in the quality of the landscape and well-being of residents. It is believed that the public spaces of the aforementioned complex, more specifically the Youth Square, can house more sustainable strategies for use and maintenance, based on equipment and actions aimed at improving the urban space, the environment and the interaction between the citizens. Thus, this work consists of proposing sustainable strategies for Luciano Barreto Júnior Youth Square which is located in the Marcos Freire II complex, based on sustainability criteria (environmental, use, quality and comfort) suggested by Pereira (2008). For this, definitions of squares will be presented and discussed here, as an element of public space, its history and typologies according to some authors and the importance of applying sustainability in these spaces, providing socio-environmental improvements not only to squares, but to the city as a whole. It is also necessary to know the history of the municipality, to which the complex is part, to then deepen the object of study, which in this case is the Youth Square of the Marcos Freire II complex, observing the problems related to unsustainable practices in order to seek effective solutions that enable a better quality of life. The methodology used for the research consisted of a literature review, visits and interviews. As a result, it could be identified that the levels of sustainability of the square under study were low. Consequently, sustainable strategies were established, consistent with the sustainability criteria of Pereira (2008), in an attempt to improve the population's quality of life, whose main guidelines would be focused on: landscaping and vegetation; materials and furniture; accessibility; lighting and drainage; and, adaptability.

Keywords: Squares; Sustainability; Definition of Criteria; Marcos Freire II housing; Youth Square.

FLISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Ágora de Atenas em planta baixa.....	24
Figura 2. Fórum de Roma em planta baixa	24
Figura 3. Formação das primeiras “praças”.....	25
Figura 4: a. Exemplo de Praça Medieval com traçado irregular, <i>Piazza Del Campo, Siena</i> , Itália (esquerda superior); b. Exemplo de praça medieval como local de espetáculos, <i>Piata Sfatului Central, Brasov, Romênia</i> (direita superior); c. Exemplo de praça Medieval como local de espetáculos, <i>Piazza de San Marco, Veneza, Itália</i> (esquerda inferior); d. Exemplo de Praça Renascentista, <i>Piazza Del Popolo, Roma</i> (direita inferior).	26
Figura 5. Pirâmides e o menino da bica, elementos esculturais do Passeio Público do Rio de Janeiro.	27
Figura 6. Adro da Praça São Francisco, na cidade de São Cristóvão - SE. Exemplo de Praça Colonial.....	27
Figura 7. Praça Raul Soares, em Belo Horizonte, como exemplo de praça circular.	30
Figura 8. Praça do Farol, do bairro Farolândia, Aracaju-SE, como exemplo de praça circular.	31
Figura 9. Praça dos Cristais de Burle Marx, como exemplo de praça triangular.	32
Figura 10. Praça da liberdade vista de cima, como exemplo de praça retangular, Belo Horizonte-MG.....	32
Figura 11. <i>One Chase Manhattan Plaza</i> , Nova Iorque, como exemplo de acesso físico.	36
Figura 12. Praça <i>Logan Circle</i> , Filadélfia, como exemplo de acesso visual.....	36
Figura 13. Praça Paris - RJ, como exemplo de acesso simbólico.....	37
Figura 14. Símbolos dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	42
Figura 15. Praça Victor Civita vista de cima.	48
Figura 16. Praça Victor Civita, SP, implantação.	49
Figura 17. Passeio suspenso e espaço de academia coberto da Praça Victor Civita.	50
Figura 18. Praça Conceito Consciente vista de cima.....	51
Figura 19. Turbina por onde é gerada a energia da Praça Conceito Consciente – GO.	52
Figuras 20 e 21. Pergolados feitos de madeira de reflorestamento	52
Figura 22. Praça Conceito Consciente. Destaque para os bancos de madeira de reflorestamento, piso drenante e arborização.....	53
Figura 23. a) Reaproveitamento de resíduos sólidos de longa decomposição como botas e pneus velhos (à esquerda); e b) garrafas PET, Praça Conceito Consciente -GO (à direita).	53
Figura 24. Praça Colônia Sergipe.....	54

Figura 25. Praça Colônia Sergipe.....	55
Figura 26. Praça Colônia Sergipe.....	55
Figura 27. Praça Colônia Sergipe.....	55
Figura 28. Praça Colônia Sergipe.....	56
Figura 29. Localização da região metropolitana de Aracaju.	60
Figura 30. Estrutura Urbana de Nossa Senhora do Socorro.....	60
Figura 31. Conjuntos do complexo Taiçoca.....	62
Figura 32. Usos do solo de Complexo Taiçoca.	63
Figura 33. Conjunto Marcos Freire II visto de cima, e alguns pontos de referência	64
Figura 34. Macrozoneamento do Complexo Taiçoca.....	65
Figura 35. Recorte do mapa de Áreas de Diretrizes Especiais, destacando o Marcos Freire II.....	65
Figura 36. Mapa de cheios e vazios, Marcos Freire II.	66
Figura 37. Gráfico de respostas de entrevista aos moradores do Marcos Freire II a respeito da satisfação (níveis que variam de 1 a 5) em relação às praças e outros espaços públicos do conjunto.	67
Figura 38. Gráfico de respostas de entrevista aos moradores do Marcos Freire II a respeito da satisfação (níveis que variam de péssimo a satisfatório) em relação às praças e outros espaços públicos do conjunto.	67
Figura 39. Classificação das tipologias dos espaços livres e públicos do Marcos Freire II, quanto à morfologia.....	68
Figura 40. Rotatória próximo ao Hospital.	70
Figura 41. Rotatória próxima à Ponte José Rollemberg, um dos principais acessos à Nossa Senhora do Socorro.	70
Figura 42. Terminal de Integração José Franklin de Oliveira.....	70
Figura 43. Canteiro central da avenida Coletora "C", Marcos Freire II.....	72
Figura 44. Canteiro central da avenida Coletora "C", Marcos Freire II.....	72
Figura 45. Canteiro com potencial para espaço de permanência. Avenida Coletora "C".	72
Figura 46. Praça do CEME.....	73
Figura 47. Praça do CEME.....	73
Figura 48. Praça do Hospital José Franco.....	74
Figura 49. Praça do Hospital José Franco.....	74
Figura 50. Canteiro próximo à Praça da Juventude.....	74
Figura 51. Canteiro próximo à Praça da Juventude.....	74
Figura 52. Canteiro próximo à Praça das Quadras.....	74
Figura 53. Canteiro próximo à Praça das Quadras.....	74

Figura 54. Canteiro sem ocupação.....	74
Figura 55. Canteiro sem ocupação.....	74
Figura 56. Terreno com potencial para praça.....	75
Figura 57. Terreno com potencial para praça.....	75
Figura 58. Praça do CAPS.....	75
Figura 59. Praça do CAPS,	76
Figura 60. Arborização da Praça do CAPS,	76
Figura 61. Vista aérea da Praça de Eventos, Marcos Freire II.....	77
Figura 62. Praça de Eventos, a primeira praça do conjunto Marcos Freire II.....	77
Figura 63. Praça das Quadras vista de cima.....	78
Figura 64. Lado verde da Praça das Quadras, Marcos Freire II.	79
Figura 65. Manutenção e equipamentos, Praça das Quadras, Marcos Freire II.	79
Figura 66. Praça Silvio Garcez Vieira.....	80
Figura 67. Bares existentes da Praça Terra Prometida	80
Figura 68. Praça Terra Prometida vista de cima.....	81
Figura 69. Espaço livre com função de praça, em torno do canal, extensão da Praça de Eventos.....	81
Figura 70. Espaços de geometria complexa no cruzamento próximo à Ponte de acesso José Rollemberg Leite, Marcos Freire II.....	82
Figura 71. Espaços de geometria complexa no cruzamento do Hospital José Franco, limite do conjunto Marcos Freire II.....	83
Figura 72. Espaços de geometria complexa no cruzamento do Terminal de Integração, Marcos Freire II.....	83
Figura 73. Área com uso e potencial para praça, Marcos Freire II.....	83
Figura 74. Área com uso e potencial para praça, Marcos Freire II.....	84
Figura 75. Perspectiva de Praça da Juventude padrão indicando os equipamentos.	86
Figura 76. Planta baixa de projeto básico com modelo de equipamentos para Praça da Juventude.	87
Figura 77. Praça da Juventude João Goulart, Bairro Augusto Franco, Aracaju – SE.....	87
Figura 78. Inauguração da Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior.....	88
Figura 79. Localização estratégica e dimensão da Praça da Juventude.....	93
Figura 80. Vista da Praça da Juventude, sentido à rotatória do final de linha, e equipamentos pista de skate e pista de <i>cooper</i> - Marcos Freire II.....	93
Figura 81. Quadra poliesportiva coberta, Praça da Juventude - Marcos Freire II	94
Figura 82. Painel com grafite feito por moradores, Praça da Juventude - Marcos Freire II	94
Figura 83. Paisagismo da Praça da Juventude - Marcos Freire II.....	95

Figura 84. Carência de vegetação, Praça da Juventude - Marcos Freire II.	95
Figura 85. Horta comunitária feita por moradores, Praça da Juventude - Marcos Freire II.	96
Figura 86. Mobiliário urbanos da Praça da Juventude, Marcos Freire II.	96
Figura 87. Situação do calçamento da Praça da Juventude, Marcos Freire II.	97
Figura 88. Vias no entorno da Praça da Juventude, Marcos Freire II.	97
Figura 89. Espaço onde acontece as feiras livres dias de quarta, na extensão da Praça da Juventude, Marcos Freire II.....	98
Figura 90. Esquema do processo até chegar na descrição dos níveis de sustentabilidade	99
Figura 91. Esquema do processo até chegar na elaboração das estratégias.	100
Figura 92. Dimensões de luminárias públicas.	102
Figura 93. Exemplo de jardim de chuva	103
Figura 94. Desenvolvimento da estratégia 1	108
Figura 95. Desenvolvimento da estratégia 2	109
Figura 96. Desenvolvimento da estratégia 3	110
Figura 97. Desenvolvimento da estratégia 4	111
Figura 98. Desenvolvimento da estratégia 5	111

LISTA DE ABREVIações

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
AMMA – Agência Municipal do Meio Ambiente
CAPS – Centro de Atenção Psicossocial
CEHOP – Companhia Estadual de Habitação e Obras
CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
CODISE – Companhia de Desenvolvimento Econômico de Sergipe
COHAB – Companhia de Habitação Popular
GIS – Sistemas de informação geográfica
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ME – Ministério do Esporte
NBR – Normas Brasileiras
ODM – Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
PJLBJ – Praça da Juventude Luciano Barreto Junior
PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
RSU – Resíduos Sólidos Urbanos
SEMINFRA – Secretaria Municipal de Infraestrutura e Serviços Urbanos
TORRE – Torre Empreendimentos Rural e Construção
WCS – *Word Conservation Strategy*
WWF – *Word Wildlife Fund* (atualmente conhecida como *Word Wide Fund for Nature*)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1. PRAÇAS	20
1.1. Praças no contexto de espaços públicos.....	22
1.2. Histórico.....	23
1.3. Tipologias.....	29
1.3.1. Quanto à morfologia:.....	29
1.3.2. Quanto ao uso e apropriação:.....	33
1.3.3. Quanto a vegetação e elementos construídos;	34
1.3.4. Quanto ao acesso;.....	35
CAPÍTULO 2. CRITÉRIOS DE SUSTENTABILIDADE.....	38
2.1. Douglas Farr (2008).....	40
2.2. Soares Macedo (2012).....	41
2.3. ODS (2015).....	42
2.4. Maria Pereira (2008)	43
CAPÍTULO 3. BONS EXEMPLOS DE PRAÇAS SUSTENTÁVEIS	47
3.1. Praça Victor Civita – SP.....	47
3.2. Praça Conceito Consciente – GO.....	51
3.3. Praça Colônia Sergipe (Indiaroba – SE).....	54
CAPÍTULO 4. ESTUDO DE CASO.....	58
4.1. Nossa Senhora do Socorro	58
4.2. Conjunto Marcos Freire II.....	63
4.3. Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior.....	85
CAPÍTULO 5. ESTRATÉGIAS DE SUSTENTABILIDADE APLICÁVEIS À PRAÇA DA JUVENTUDE. 99	
5.1. Nível de Sustentabilidade da Praça da Juventude:.....	99
5.2. Estratégias de Sustentabilidade para a Praça da Juventude:.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
APÊNDICE A	117
APÊNDICE B	119

INTRODUÇÃO

Apesar de ser considerado como um tema novo, a sustentabilidade foi nos anos 70 (WILHEIM, 2008) uma solução emergencial encontrada para remediar os impactos causados pelo homem à natureza, quando se passou a notar a real situação insustentável na qual se encontrava o mundo, através da poluição, do consumismo, acúmulo de resíduos, escassez dos recursos naturais e outros problemas do gênero. São práticas que se definem soluções com o intuito de servir à atual e futuras gerações, a sustentabilidade é um tema muito abrangente e possui várias vertentes tendo, muitas vezes, sua definição propositadamente burlada por muitos administradores públicos, empresas, instituições, entidades etc. a fim de conquistar popularidade, acabam realizando serviços “sustentáveis” sem qualidade. Urbanisticamente, tem-se como exemplo os espaços públicos, onde atualmente são nomeados sustentáveis apenas por questões de popularidade, apesar de não atenderem aos critérios básicos de sustentabilidade. Pois não é o fato de simplesmente rotular algo como sustentável, sem adotar critérios ou parâmetros que sigam os princípios da sustentabilidade, que irá realmente defini-lo como tal.

Uma praça, por exemplo, para ser sustentável não basta simplesmente plantar umas mudas, usar pneus velhos e considerar britas como solo drenante, vai muito além disso, é construir uma praça que sirva para atual e futuras gerações, e isso depende de várias questões, desde a tomada de decisão de se criar algo sustentável à de fato seguir premissas sustentáveis de projeto, uso e manutenção dos espaços.

Apesar de muitas tentativas e investimentos para se alcançar a sustentabilidade desde o seu surgimento, não se obteve o êxito esperado em se construir efetivamente espaços sustentáveis. Muitas obras não atendem às expectativas, sejam elas públicas ou privadas, pois são construídas com o mínimo de premissas ambientalmente corretas. Não é viável pensar em novas construções, por mais sustentável que possam ser consideradas, sem antes tentar adaptar os espaços construídos às medidas de sustentabilidade. Ou seja, se faz necessário aproveitar-se do existente.

A carência de sustentabilidade urbana tem sido um problema global, que tem se transformado num desafio para as nações, pois o ínfimo planejamento urbano, seja através da expansão das cidades existentes, seja pelo surgimento de núcleos, gera diversos problemas socioambientais. A cidade de Nossa Senhora do Socorro é um exemplo disso, apesar de a maioria de seus conjuntos habitacionais serem projetados, como é o caso do Marcos Freire II, o município necessita ainda aprimorar suas estratégias de planejamento urbano, principalmente no que consiste às medidas mais sustentáveis de organização territorial.

Nossa Senhora do Socorro se expandiu, porém não aconteceu de modo tão espontâneo, pois se deu devido à inserção das indústrias e não pelo crescimento da cidade em si. Diferentemente do que se é esperado para os centros urbanos, a sede do município não possui atualmente tanta dinamicidade urbana. Pelo contrário, observa-se que a porção mais periférica e de urbanização mais recente é a que vem se desenvolvendo de forma mais acelerada, sofrendo os efeitos de conurbação com o município de Aracaju. Hoje, os "subcentros" dos conjuntos do complexo Taiçoca são os espaços mais dinâmicos do município: João Alves, Marcos Freire, Albano Franco e Piabeta; sendo os dois primeiros os mais desenvolvidos (VARGAS *et al.*, 2009).

Face aos problemas já citados, justifica-se a necessidade de se analisar as características dos espaços públicos do conjunto Marcos Freire II, principalmente sobre a Praça da Juventude, tendo em vista o descaso tanto pelo Poder Público como pela própria população. Assim, destaca-se a seguinte problemática: de que maneira a adoção de critérios sustentáveis pode contribuir para minimizar os impactos ambientais existentes nas praças do conjunto Marcos Freire II, visto que é mais coerente com as práticas de sustentabilidade solucionar as inadequações das praças existentes antes de criar novas praças consideradas sustentáveis?

Nossa Senhora do Socorro é um município sergipano que obteve um rápido crescimento desde o surgimento dos conjuntos, os quais são bastante novos se comparados ao tempo de outros. A escolha do conjunto habitacional Marcos Freire II como objeto de estudo se deu através de vários fatores. Um deles foi ao analisar a história do município, onde se pôde observar que em sua legislação original (Projeto Grande Aracaju) constata-se o interesse em se preservar o meio ambiente, ao ver dentre os objetivos do projeto, os quais são: industrialização, turismo e preservação do meio ambiente (SANTOS e OLIVEIRA, 1994).

O projeto também previa a criação de uma área de preservação ambiental (cinturão verde). O local proposto foi a área denominada São Brás, que é uma colônia de pescadores, mas essa área de preservação não foi instalada: na área o que existe são terminais de esgotos. Isso demonstra a desatenção para com a questão ecológica, uma vez que a não construção da lagoa de estabilização possibilita a ocorrência de danos ambientais, uma vez que os dejetos são lançados no Rio do Sal e aos poucos provocam transtornos ecológicos para a comunidade, além de mudanças nas atividades pesqueiras e salineiras da população ribeirinha. Pelo que foi exposto, fica evidente que o Projeto Grande Aracaju não atendeu os objetivos propostos (SANTOS e OLIVEIRA, 1994, p. 25 e 26).

O conjunto Marcos Freire II oferece uma gama de oportunidades para se trabalhar com a sustentabilidade, visto que o local dispõe de diversas áreas com características de desuso e descaso. O estabelecimento de critérios de sustentabilidade para a melhoria das

praças do referido conjunto trará benefícios não só físicos, mas também estéticos, sociais, econômicos e principalmente ambientais.

Contudo, não basta somente preencher os espaços vazios com novas construções para trazer melhorias ao conjunto, é necessário adaptar os espaços existentes aos critérios de sustentabilidade. Como diz o arquiteto Buckminster Fuller "Você não muda as coisas lutando contra a realidade atual. Para mudar algo é preciso construir um modelo novo que tornará o modelo atual obsoleto." Para tanto é preciso antes de tudo um estudo de viabilidade, e através disso averiguar possíveis adaptações.

Objetivo Geral:

- Propor estratégias de sustentabilidade à Praça da Juventude localizada no conjunto Marcos Freire II, em Nossa Senhora do Socorro/SE.

Objetivos Específicos:

1. Realizar estudo teórico sobre praças e critérios de sustentabilidade;
2. Definir e analisar bons exemplos de praças que atendam aos critérios de sustentabilidade;
3. Analisar o objeto de estudo, contextualizando o município de Nossa Senhora do Socorro, o conjunto Marcos Freire II e a Praça da Juventude;
4. Identificar o nível de sustentabilidade da Praça da Juventude levando-se em consideração os critérios de sustentabilidade sugeridos por pereira (2008).

METODOLOGIA

Foi adotado o método tipológico como método de procedimento no qual, após comparações de fenômenos sociais complexos da realidade, foi elaborado um modelo ideal, neste caso os critérios sustentáveis, a partir de características essenciais desse conceito. Este trabalho utilizou-se da pesquisa exploratória como forma de melhor conhecer o local de estudo, utilizando-se para tanto, de técnicas de leitura espacial (mapas e imagens de satélite), visitas (atendendo às exigências sanitárias impostas pela situação de pandemia proveniente da COVID-19) e entrevistas com os moradores locais (a partir de conversas informais realizadas antes da pandemia e aplicação de questionários *online* após a detecção de surto pandêmico) sendo alcançados um total de 83 entrevistados nesta etapa. Foram observadas três etapas de pesquisa.

A primeira consistiu em pesquisa bibliográfica, a fim de adquirir embasamento teórico sobre espaços públicos, praças e critérios de sustentabilidade, com a realização de levantamento de dados bibliográficos e históricos, através de leitura. Para isso foram

escolhidos como principais autores Alex (2008), Pereira (2008), Farr (2008), Soares (2012), De Angelis (2005). Sobre Nossa Senhora do Socorro foram escolhidos Santos e Oliveira (1994) e Santos (2016).

A segunda consistiu em pesquisa documental, através de visitas (seguindo os protocolos de distanciamento e uso de máscaras em atendimento aos cuidados quanto à pandemia de COVID-19) à órgãos competentes como CEHOP – Companhia Estadual de Habitação e Obras, TORRE – Torre Empreendimentos Rural e Construção, SEMINFRA – Secretaria Municipal de Infraestrutura e Serviços Urbanos, Secretaria de Obras de Nossa Senhora do Socorro, ESTRE – Estre Ambiental, CODISE – Companhia de Desenvolvimento Econômico de Sergipe, em que foi realizada a coleta de dados, como arquivos de dados quantitativos, mapas, relatórios, questionários e afins.

A terceira consistiu em pesquisa de campo, através de visitas *in loco*, com a finalidade de analisar o objeto de estudo, detectar os problemas e buscar as possíveis soluções. As visitas ocorreram em dois momentos: a primeira antes da pandemia em que houve uma conversa informal com os moradores; e a segunda já na pandemia onde ocorreu o reconhecimento da situação atual das praças do conjunto (atendendo à todas as exigências de distanciamento e uso de máscaras), mais especificamente da Praça da Juventude.

Durante o processo foi realizada uma pesquisa antropológica através de questionários e conversas informais com os moradores da região, com um total de 93 entrevistados (sendo 83 dos questionários *online*¹, e 10 das conversas informais²), onde as perguntas foram elaboradas basicamente com o mesmo tema, os quais eram pertinentes à existência e manutenção da Praça da Juventude e os efeitos trazidos por ela. Além disso, foi executado levantamento fotográfico (espaços públicos do conjunto Marcos Freire II) com o intuito de observar as necessidades do local, bem como compreender a opinião pública e conhecer os hábitos e interesses da comunidade e com isso levantar dados quantitativos e qualitativos de fundamental relevância para a conclusão deste trabalho.

Para explorar melhor esse assunto este trabalho será dividido em cinco capítulos sendo distribuídos da seguinte forma, no Capítulo 1 serão destacados e discutidos conceitos de praças, sua história e as tipologias definidas por alguns autores, buscando uma melhor compreensão sobre esse elemento urbano e com isso obter comparativo de praças baseado nos dados encontrados.

No Capítulo 2 serão destacados o conceito, a história e os critérios de sustentabilidade definidos por alguns autores, finalizando com uma sintetização e indicação

¹ Questionários realizados a partir do aplicativo “Formulários Google”.

² As conversas informais foram realizadas com os moradores do entorno e transeuntes da Praça da Juventude, em apenas um dia.

de qual conceito irá ser utilizado para a análise das praças no local de estudo. No Capítulo 3 serão apresentados três exemplos de praças sustentáveis, observando suas principais características, considerando as definições e os critérios apresentados nos capítulos anteriores, para enfim apresentar uma análise conclusiva. No Capítulo 4 serão destacados o histórico da cidade de Nossa Senhora do Socorro, diagnóstico dos espaços públicos do conjunto Marcos Freire II, bem como a Praça da Juventude. Já no Capítulo 5º será feita uma análise da Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior, buscando identificar seu nível de sustentabilidade, bem como serão indicadas estratégias sustentáveis baseadas nos critérios de sustentabilidade apontados por Pereira (2008), que servirão, futuramente, como diretrizes para posteriores adaptações ou, até mesmo, projetos de praça.

CAPÍTULO 1. PRAÇAS

Neste capítulo serão destacados e discutidos conceitos de praças, sua história e as tipologias definidas por alguns autores, buscando uma melhor compreensão sobre esse elemento urbano e com isso obter comparativo de praças baseado nos dados encontrados.

Há várias maneiras de se definir uma praça: popular, funcional, espacial e tecnicamente, mas independentemente dos conceitos, funções e tipologias apontados pelos autores estudados, é unânime a definição de praça como um local de reunião e encontro. De Angelis (2005, p. 2) destaca que “conceitos e funções sobre as praças existem os mais diversos; porém, todos têm um ponto em comum: é o local da reunião e do encontro.” Essa é uma definição compreendida por todos, visto que qualquer pessoa ao ser questionada sobre praça responderia o mesmo, devido suas experiências vividas no espaço público.

Mas o que é uma praça afinal? Mascaro (2009) define e ainda destaca algumas de suas funções, sendo uma delas o conforto térmico.

A praça, delimitada pelas fachadas das edificações que a circundam, é um espaço pleno de significados e com ambiência própria. Responde espacialmente ao conceito de volume oco entre edifícios que servem para defini-lo como um lugar particular. No sentido estrito, praça é um local fechado – ou um interior aberto – ao qual se aplica a noção de lugar, possuindo alto conteúdo simbólico. Seus efeitos ambientais, geralmente amenizadores dos microclimas próximos, influenciam o consumo energético dos conjuntos arquitetônicos vizinhos (MASCARO, 2009, p. 131).

Caldeira (2007) também destaca como principais características de uma praça a vitalidade urbana e a função de referencial:

Com seus diversos significados – funcionais ou morfológicos – a praça representava o espaço de maior vitalidade urbana. Eram espaços referenciais, atuando como marcos visuais e como “pontos focais na organização da cidade”. Esse status alcançado pela praça ainda se faz presente no imaginário urbano. Embora apresentem transformações significativas, as praças representam verdadeiros nós de confluência social e são espaços essenciais ao cotidiano da cidade (CALDEIRA, 2007, p. 4).

A praça em relação a outros espaços públicos, possui um significado muito importante, pois é um espaço de uso coletivo onde uma pessoa obtém suas experiências e registros de memória em locais de integração social.

Uma cidade sem praça não tem a mesma notoriedade que outra com praça, esses espaços públicos em atividade dão vida e significado a uma cidade. Portanto toda praça ao ser planejada precisa possuir características próprias onde um determinado local possa ser identificado. Para que isso aconteça é necessário observar os aspectos que contribuem na elaboração do projeto, segundo De Angelis (*et al.*, 2005, p. 17) são: “Criatividade”, “inserção

na malha urbana”, “localização e distribuição”, “praça temática”, “anseios da população lindeira à praça (ouvir a população)”, “características e aptidão do terreno”, “mobiliário e estruturas”, “características do entorno”, “disponibilidade de recursos financeiros”, “disponibilidade de recursos humanos”, e “tipologia”, sendo este último o aspecto a ser observado no item 1.3 deste capítulo.

Observando a representatividade das praças no decorrer dos anos, é possível notar que atualmente elas perderam seu significado, pois antes na antiguidade elas eram como um símbolo para cidade, seja de liberdade através das *ágoras* de Atenas – onde as pessoas faziam reuniões e ali expressavam suas opiniões – ou de poder através dos *fóruns* de Roma – onde acontecia o comércio e movimentos políticos (DE ANGELIS *et al.*, 2005, p. 3).

Contudo as praças ainda têm um grande significado para a sociedade, apesar da perda de centralidade e de muitas delas serem construídas como um espaço que sobra da malha urbana, devido à ambição do poder público em construir mais residências e deixar esses espaços em segundo plano. Dessa forma os espaços vazios acabam se transformando em “estreito oásis de verde, ou meros espaços de estacionamento” (DE ANGELIS *et al.*, 2005 p. 3), ou até mesmo permanecem subutilizados como é o caso do Marcos Freire II, onde houve um planejamento urbano desprovido de infraestrutura como já foi dito anteriormente.

Como exemplo de planejamento urbano onde as praças foram priorizadas tem-se o plano de Belo Horizonte. Projetado por Aarão Reis (1894-97), foi inicialmente pensado com o intuito de valorizar o paisagismo e as grandes construções decorrentes do fortalecimento da República (ESTADO DE MINAS GERAIS, 2016)³.

Elemento essencial da malha urbana, as praças aparecem em todos os cruzamentos das grandes avenidas, assim como em lugares estratégicos, defronte a edifícios públicos. Praças de todos os tipos, tamanhos e funções: praça cívica, praça de lazer, praça de mercado, praça da Estação, *rond-points*, e praça da Igreja. Em relação aos espaços públicos do projeto, a zona urbana era composta por 24 praças, 21 avenidas, 63 ruas e um grande parque municipal; a zona suburbana contava com 7 praças, 3 avenidas e 168 ruas (CALDEIRA, 2007, p. 175).

Uma praça é muito mais que um equipamento do espaço público, é a identidade da cidade, um símbolo, um marco, uma referência, lugar de comércio, um ponto de encontro, lugar de eventos políticos e manifestações públicas, um espaço de convívio e lazer.

Praça é um elemento urbano. É um dos elementos que compõem o mosaico da cidade, portanto está vitalmente ligada à dinâmica política, estética e social que a regula. A praça além de ser um espaço livre de edificação, é um espaço público e coletivo. Público, pois pertence a todos os habitantes [...] e por ser

³ Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/02/17/interna_gerais,734868/elaborada-por-aarao-reis-planta-da-construcao-de-bh-nao-foi-cumprida.shtml>.

criado e mantido pelo poder público na grande maioria dos casos. Coletivo, pois proporciona atividades coletivas e não necessariamente individuais, algo que parece essencial a vida urbana (ROBBA *et al.*, 2002, *apud* MACEDO, 2012).

Macedo (2012, p. 165) define praça como um espaço livre público destinado a atividades sociais, compreendendo do passear a atividades esportivas, manifestações políticas e religiosas, feiras e até mesmo lugar de simples passagem de pedestres e outros encontros.

Para Sun Alex (2008, p. 23), uma praça representa tanto uma construção, como um vazio e não é simplesmente um ambiente aberto, mas um elemento de convívio social integrante da malha urbana. Sua importância refere-se a seu valor histórico, bem como a sua participação contínua na vida da cidade.

Apesar de parecer simples projetar uma praça é preciso compreender as demandas e as aspirações do público usuário, que sempre é influenciado pelas tendências e comportamentos, além disso exige o conhecimento do local para que haja um resultado esperado com êxito em relação a suas funções. Por outro lado, administradores e projetistas, tem uma ideia formada sobre como deveria ser uma praça, sempre influenciada em referências formais e funcionais, antigas ou não, ou muitas vezes em modelos internacionais (MACEDO, 2012, p. 176).

1.1. Praças no contexto de espaços públicos

Antes de falar sobre espaços públicos, é importante compreender e saber discernir algumas definições como espaços livres, áreas verdes, espaços verdes, espaços públicos e praças. Macedo (2012) define esses espaços como: (a) espaços livres ou vazios urbanos - são espaços livres de edificações localizados na malha urbana; (b) áreas verdes - são, especificamente, áreas com solo permeável destinadas a vegetação; (c) espaços verdes - são locais onde há presença de vegetações podendo conter solo permeável ou não; (d) espaços públicos - são os “espaços livres urbanos de uso e propriedade pública, pelos os quais perpassa o cotidiano da vida urbana”; (e) e as praças – são um dos elementos que constituem os espaços públicos (como as ruas, os parques e qualquer outro elemento de uso comum da sociedade) onde acontece o deslocamento e todas as demais atividades ao ar livre da população (MACEDO, 2012 e ALEX, 2008).

“A palavra ‘público’ indica que os locais que concretizam esse espaço são abertos e acessíveis, sem exceção, a todas as pessoas” (ALEX, 2008 p. 19). Dessa maneira o espaço público é um espaço em que todo e qualquer cidadão possa ter acesso, no momento em que quiser fazer uso dele, portanto numa praça – como elemento constituinte do espaço público

– há necessidade de que todos assumam uma responsabilidade quanto à preservação e conservação da mesma (HERTZBERGER 1999 *apud* CALDERÓN, 2009).

Visto isso, nota-se a importância da relação espaço público – homem – sustentabilidade. O homem tem papel fundamental no meio em que vive, tanto cuidando como depreciando e até mesmo como simples observadores (LYNCH, 1997), pois de todo modo ele trará mudanças ao ambiente, e se houver a prática da sustentabilidade com certeza essas mudanças serão positivas.

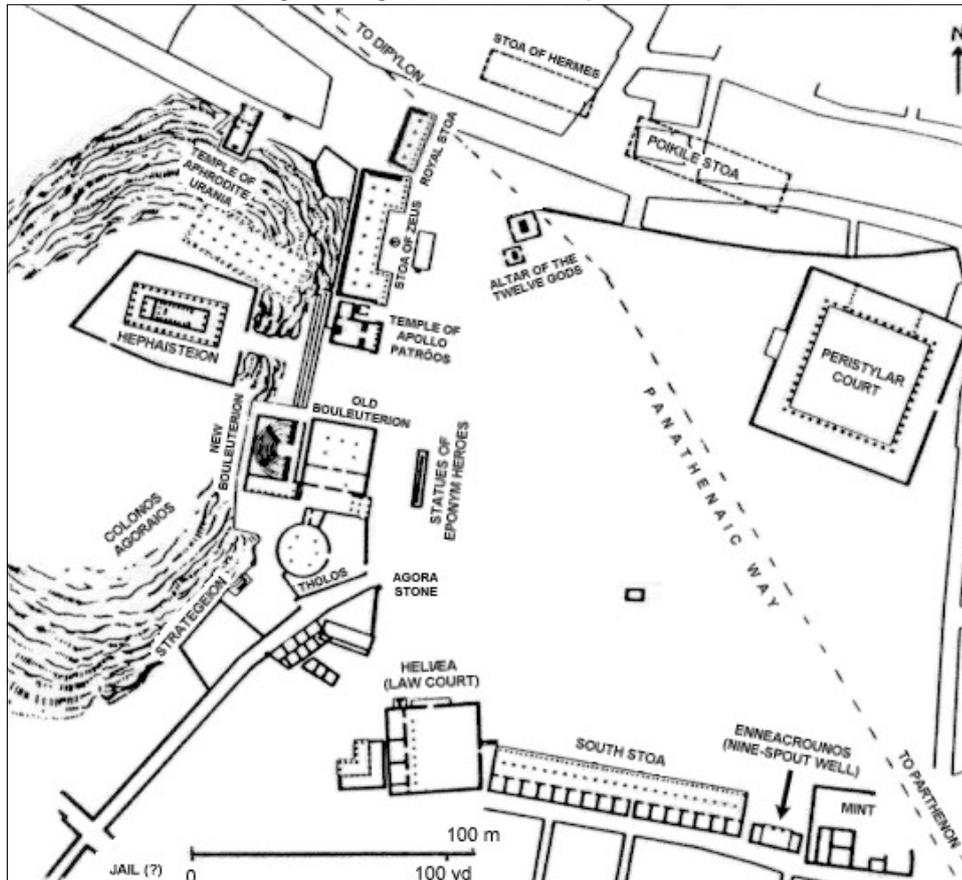
A relação entre o espaço público e o privado, em algumas cidades norte americanas ou europeias, possui certa fluidez visual, ou seja, não há barreiras físicas que impossibilitem a entrada no local, mas apesar da impressão de liberdade aparente de poder adentrar no terreno alheio, existe uma restrição onde a privacidade é obedecida. Diferentemente, no Brasil e na maioria dos países do mundo essa relação é delimitada através de barreiras como muros, cercas e paredes, diminuindo a relação entre o espaço público e o privado (MACEDO, 2012, p. 89).

1.2. Histórico

Considera-se como os primeiros indícios de praça, ainda na idade antiga, a *ágora* de Atenas (figura 1) e o *fórum* de Roma (Figura 2), ambos eram espaços abertos na malha urbana, em sua maioria, ao centro da cidade, e em seu entorno existiam teatros, templos, mercados, e outros edifícios, com a principal função de reunir, além do comércio. A diferença entre esses espaços está na forma, pois o fórum possui um traçado mais complexo e bastante desordenado (DE ANGELIS *et al.*, 2005, p. 4 e 5), (RODRIGUES, 2007).

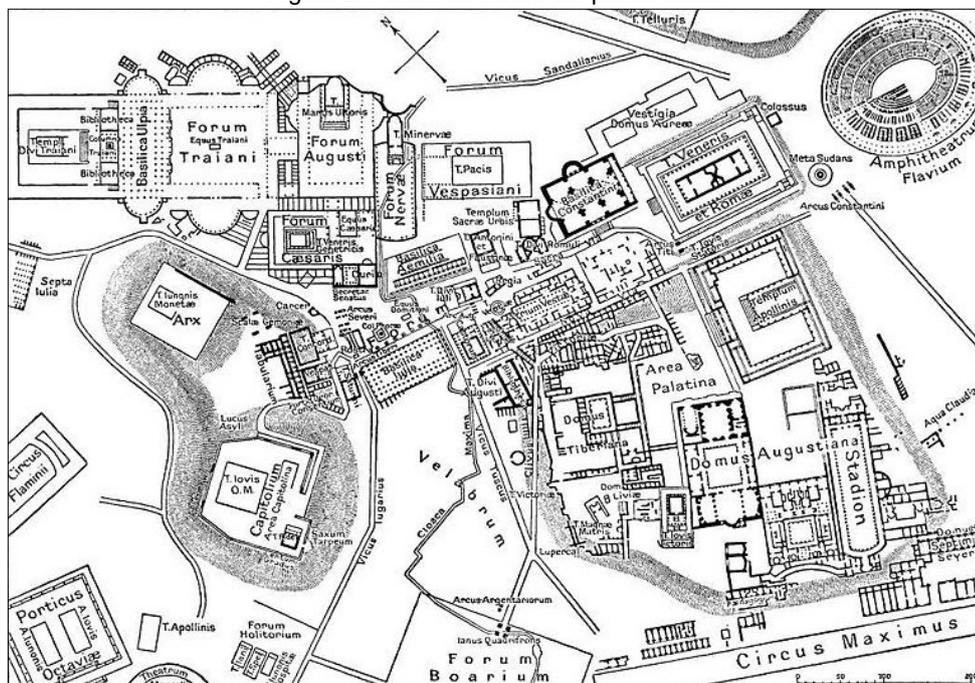
Fórum e Ágora traduzem a necessidade passada (perpetuada até hoje por outras formas de espaços públicos) de se ter um espaço onde fosse possível reunir-se, comercializar, debater ideias, adorar deuses, assistir a jogos ou simplesmente ocupar a ociosidade do tempo (DE ANGELIS *et al.*, 2005, p. 6).

Figura 1. Ágora de Atenas em planta baixa.



Fonte: RODRIGUES, 2007.

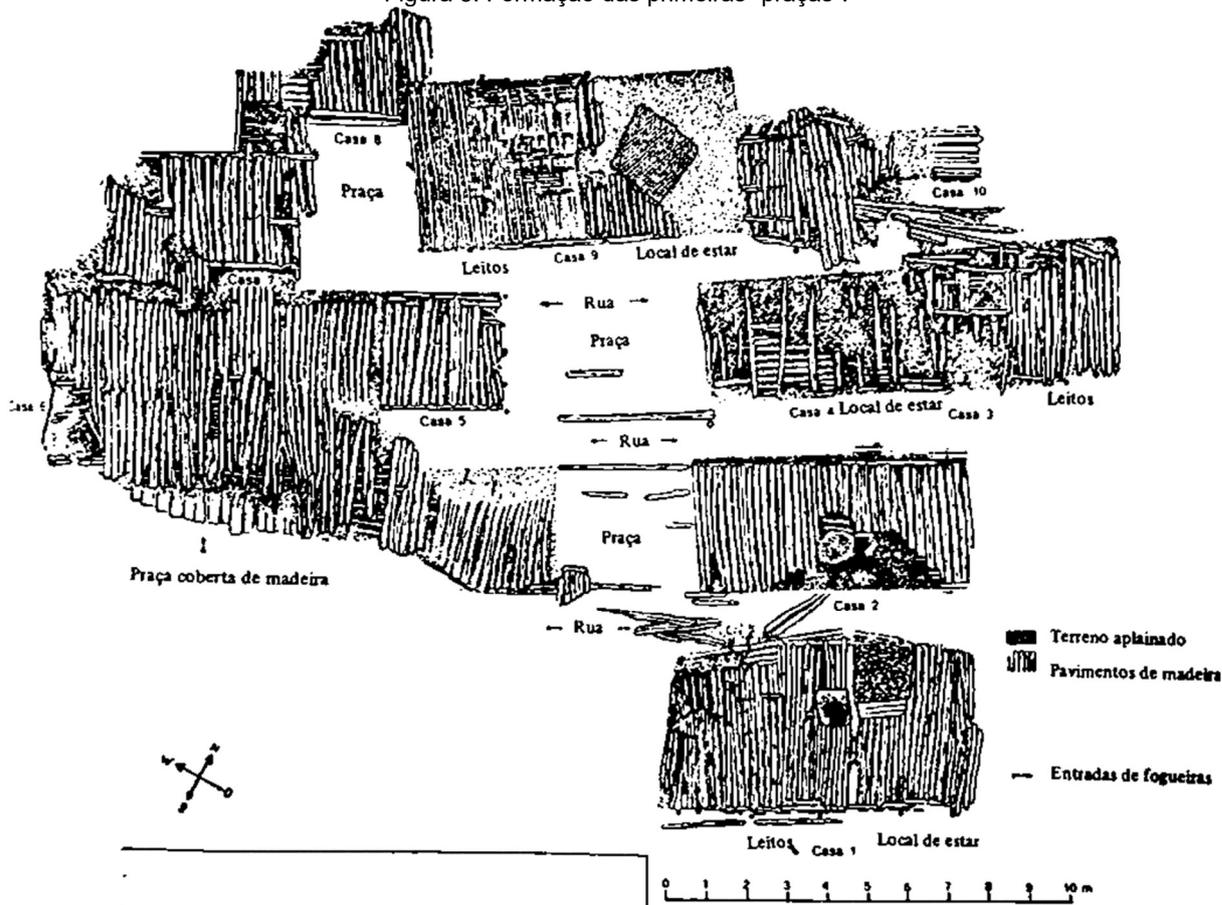
Figura 2. Fórum de Roma em planta baixa



Fonte: RODRIGUES, 2007.

Apesar dessas afirmações, em contrapartida Leonardo Benevolo (1993) apresenta em seu livro “história da cidade” sinais que indicam o surgimento do que realmente seriam as primeiras praças. É possível observar na figura 3 o plano de uma aldeia neolítica, quando se iniciou as primeiras povoações e com elas as formações dos primeiros espaços que se assemelham às praças atuais. Nota-se com esta imagem a necessidade desde os primórdios de se ter um ambiente onde reunir-se e socializar-se (BENEVOLO, 1993).

Figura 3. Formação das primeiras “praças”.



Fonte: BENEVOLO (1993, p.17).

No período medieval as praças eram, basicamente, vazios abertos na malha urbana em relação à sua forma física, elas geralmente obedeciam ao desenho resultante das vias existentes, formando assim na maioria das vezes um traçado irregular (figura 4a). Tinham como principais funções espetáculos, mercados, encontros políticos e relações sociais (figuras 4b e 4c). É a partir do renascimento que esses lugares finalmente são denominados como praças, pois até então eram apenas espaços vazios na malha urbana. A Praça Renascentista (figura 4d), tendo a perspectiva como instrumento de planejamento, foi incrementada com novos elementos como os pórticos, fontes, colunas, obeliscos e pavimentação (DE ANGELIS *et al.*, 2005).

Figura 4: a. Exemplo de Praça Medieval com traçado irregular, *Piazza Del Campo*, Siena, Itália (esquerda superior); b. Exemplo de praça medieval como local de espetáculos, *Piata Sfatului Central*, Brasov, Romênia (direita superior); c. Exemplo de praça Medieval como local de espetáculos, *Piazza de San Marco*, Veneza, Itália (esquerda inferior); d. Exemplo de Praça Renascentista, *Piazza Del Popolo*, Roma (direita inferior).



Fonte: a. Site Bagagem de bordo⁴; b., c. e d. *Google Earth*, 2020.

Considerando como os primeiros registros dos espaços com a mesma função de praça, Benevolo (1993), como já foi citado, destaca as aldeias primitivas. Já no Brasil, De Angelis (2005) considera os pátios das aldeias indígenas, onde os índios construíam suas ocas alinhadas em círculo, com um vazio central onde aconteciam as reuniões, festas e ritos, apesar de ter-se como origem o Passeio Público do Rio de Janeiro (figura 5), “recinto com as características de local ‘para ver e ser visto’”, com a mesma configuração ajardinada de uma praça (DE ANGELIS *et al.*, 2005, p. 14).

⁴ Disponível em:< <http://bagagemdebordo.com/2016/10/06/siena-toscana-italia-um-passeio-pela-idade-media/>>. Acesso em 27 de janeiro de 2021.

Figura 5. Pirâmides e o menino da bica, elementos esculturais do Passeio Público do Rio de Janeiro.



Fonte: Site *Khan Academy*⁵.

No período colonial as praças brasileiras estavam sempre vinculadas aos adros⁶ das igrejas (figura 6), que serviam não só para as atividades religiosas, mas também de recreio, mercado, políticas e militares. Esses espaços recebiam um cuidado maior dos administradores, visto que eram locais de concentração da população, bem como as edificações mais requintadas (DE ANGELIS *et al.*, 2005).

Figura 6. Adro da Praça São Francisco, na cidade de São Cristóvão - SE. Exemplo de Praça Colonial.



Fonte: Site *Expressão sergipana*⁷.

⁵ Disponível em <<https://www.khanacademy.org/humanities/art-americas/new-spain/colonial-brazil/a/mestre-valentim-passeio-publico-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2021

⁶ Adro – pátio externo descoberto e por vezes murado, localizado em frente ou em torno a uma igreja; peribolo, átrio. Fonte: dicionário *Google, Oxford Languages*, 2021.

⁷ Disponível em: <<https://expressaosergipana.com.br/10-bens-de-sergipe-que-orgulham-o-povo-sergipano/>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2021.

A partir do período moderno os espaços públicos de lazer e convivência vão perdendo o lugar por espaços privados, deixando de ser o espaço de convívio, perdendo o significado que tinha anteriormente, a praça pública à céu aberto perde a preferência diante da novidade que é a praça de alimentação de um *Shopping Center*, os cafés, bares e restaurantes (MACEDO, 2012).

No modernismo, o urbanismo brasileiro segue referências mundiais, em sua maioria europeia e norte americana, onde priorizam o automóvel, que acaba influenciando o poder público a construir novas vias, para resolver problemas de congestionamento e moradias, e assim foram criados grandes eixos de circulação (CALDEIRA, 2007).

As praças contemporâneas surgem sem relação com o cotidiano da cidade, dificultando na questão da apropriação para atividades de lazer ou mesmo atividades cívicas:

[...] comumente, não tem uma função específica, nem depende, em sentido estrito, de um edifício ou de um monumento. Sua finalidade é a de se constituir em um lugar, atrativo de encontro e reunião. Por outro lado, constata-se que o lugar onde a comunidade se reunia para realizar uma atividade coletiva (religiosa, comercial, política), cede vez a um espaço onde encontramos pessoas isoladas, solitárias; o espírito de coletividade inexistente (FAVOLE, 1995, *apud* DE ANGELIS *et al.*, 2005, p. 15).

Resumidamente existe dois tipos de praça contemporânea, a planejada por profissionais qualificados, com espaços extremamente elaborados, dotados de cuidadosos desenhos de piso, equipamentos sofisticados e um plantio simples e de caráter, por vezes escultórico, numa localização privilegiada, geralmente num bairro nobre, com potencial altamente contemplativo e manutenção assiduamente regular; e a praça desprovida de cuidados, projetada ao acaso, muitas vezes sequer tem auxílio de um profissional da área, executada apenas por exigência de uma determinada lei, que se não fosse ela, a praça talvez nem existiria (MACEDO, 2012).

O segundo tipo de praça contemporânea citada por Macedo (2012) é a realidade encontrada na maioria dos conjuntos habitacionais do Brasil, e o Marcos Freire II segue à risca essas características, a serem comentadas com mais detalhes no item 4.3 do capítulo 4.

1.3. Tipologias⁸

Pretende-se neste tópico averiguar os tipos de praças existentes no Marcos Freire II, quais as tipologias que mais se aproximam dos critérios de sustentabilidade e quais as mais viáveis à aplicação dos tais critérios.

É praticamente inevitável associar o período de construção das praças às suas funções, pois em cada intervalo de tempo surge uma necessidade distinta, fazendo assim com que se mudassem os usos, e com isso suas funções e formas. No período Colonial as praças eram utilizadas para convívio social, manifestações religiosas, uso militar, comércio e recreação. Já no período Eclético as praças eram basicamente cenários de contemplação, passeio e convívio social. No modernismo elas também tinham como uso o convívio social, contemplativo e de recreação, com inserção das atividades de lazer esportivo. Nas praças contemporâneas são focadas no atendimento das demandas como recreação infantil e esportiva (MACEDO, 2012, p. 169).

Independente da época e do uso, ao longo da história esses espaços denominados praças, foram sofrendo transformações físicas e de funções, sem perder é claro sua essência de lugar de encontro. No entanto, com o olhar de alguns autores atentando para essas alterações foi possível, de certo modo, tipificar características marcantes de cada época, classificado uma praça de diversas formas, a depender de algumas vertentes como: sua morfologia (KRIER, 1975 *apud* SUZUKI, 2016), seus usos e apropriação (KOSTOF, 1992 *apud* PINTO, 2003 e SUZUKI, 2016), os acessos (ALEX, 2008), a vegetação e os elementos construídos (VIERO e BARBOSA FILHO, 2009), dentre outros.

1.3.1. Quanto à morfologia:

Segundo Krier (1975 *apud* SUZUKI, 2016), a tipologia de uma praça pode ser dividida em seis grupos: “circulares e ovais”, “triangulares”, “retangulares”, “ortogonais”, “angulares”, “as de sistemas geométricos complexos”, e “irregulares”. A forma de uma praça pode variar de acordo com a função, a estética, a disposição das vias e construções existentes, bem como as condições topográficas do local. Krier (1975 *apud* SUZUKI, 2016) e Macedo (2012) concordam que a morfologia de uma praça é definida pela disposição das vias, “pelo casario do entorno imediato”. Ainda se pode encontrar praças com “pisos fragmentados em partes distintas” devido os recortes de vias (MACEDO, 2012, p. 170).

⁸ Tipologia – Estudo dos caracteres tipográficos de forma sistematizada, geralmente, refere-se ao desenho das fontes. Seleção dos caracteres tipográficos utilizados numa determinada tarefa gráfica; tipografia. Estudo dos traços característicos de um conjunto de dados, que busca determinar tipos e/ou sistemas: tipologia das vias urbanas. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/tipologia/>>

Dentre os seis grupos de praças identificados, destacam-se as praças circulares, triangulares e retangulares. **As praças circulares** são basicamente solução de um sistema viário, rotatórias, encontros de duas ou mais vias, servindo muitas vezes como pontos de referência (figuras 7 e 8). Apesar da principal função de uma praça ser um lugar para reunir, trata-se de uma prática pouco propensa a esse tipo de praça, pois geralmente as vias que a circundam são de tráfego de veículos, em alguns casos de alta velocidade, impossibilitando o acesso de pedestres ao espaço e com isso dando oportunidade à insegurança e criminalidade noturna. Sendo assim, essas praças tornam-se em sua maioria apenas contemplativas, como é o caso da Praça do Farol, em Aracaju – SE (figura 8).

Figura 7. Praça Raul Soares, em Belo Horizonte, como exemplo de praça circular.



Fonte: Site Wikipédia⁹.

⁹ Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_Raul_Soares>. Acesso em: 26 de janeiro de 2021.

Figura 8. Praça do Farol, do bairro Farolândia, Aracaju-SE, como exemplo de praça circular.



Fonte: Site Relatos de embarque¹⁰.

Esse formato geralmente se encontra em locais privilegiados, de alta visibilidade, devido a confluência das vias, na maioria dos casos vias principais, muitas vezes situa-se nos limites dos bairros e conjuntos das cidades, ou seja, lugares propensos ao destaque, referência e embelezamento da cidade. No Marcos Freire II, esse formato circular é bem presente, porém são espaços ainda não explorados, não construídos, sem uso, desqualificando assim a imagem urbana do local, assunto a ser melhor abordado no item 4.2 do capítulo 4.

As praças triangulares (figura 9) são espaços que “sobram” na malha urbana, como acontece em algumas praças de conjuntos habitacionais como o Marcos Freire II, onde esses terrenos são espaços que “sobram” entre as residências, e esses vazios acabam sendo destinados à tal finalidade, devido ao cumprimento da legislação pertinente que determinam porcentagens de áreas para espaços públicos (MACEDO, 2012, p. 172).

De todas as formas a mais comum entre as praças contemporâneas é a **praça retangular** (figura 10), e também a mais encontrada no Marcos Freire II, a qual geralmente possui grandes dimensões em relação às demais morfologias, oferecendo uma gama de possibilidades em termos de projeto, incluindo variedades de equipamentos, mobiliário e funções. Porque é a mais comum e a que tem maiores proporções por conta do traçado do desenho do conjunto habitacional.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.relatosdeembarque.com.br/o-primeiro-farol-de-aracaju/>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2021.

Figura 9. Praça dos Cristais de Burle Marx, como exemplo de praça triangular.



Fonte: Site Vitruvius¹¹.

Figura 10. Praça da liberdade vista de cima, como exemplo de praça retangular, Belo Horizonte-MG.



Fonte: Site PSDB-MG¹².

Diante desses exemplos vê-se que as praças de modo geral, sempre tem sua forma definida através do traçado da malha urbana, conseqüentemente das vias e em alguns casos através da topografia. A Praça da Juventude Luciano Barreto Junior também tem sua

¹¹ Disponível em <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitetismo/04.038/3456>> Acesso em: 15 de julho de 2021.

¹² Disponível em: <<https://psdbminas.wordpress.com/2015/06/03/praca-da-liberdade-e-a-sexta-atracacao-turistica-do-brasil/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2021.

forma resultante das vias que a delimitam, fica localizada no entorno de uma rotatória e possui um formato que se assemelha a um “bumerangue de duas asas”, sendo assim considerada um sistema geométrico complexo. O formato dos espaços públicos do Marcos Freire II é bem diversificado, porém aos que se caracterizam como praça predominam as formas retangulares e triangulares, podendo ser melhor observado no capítulo 4.

1.3.2. Quanto ao uso e apropriação:

Essa tipologia está relacionada à forma em que as pessoas usam as praças, a maneira que elas se apropriam desses espaços. Elas possuem culturas, hábitos, costumes, histórias diferentes em cada lugar, e são esses aspectos que influenciam a maneira que as pessoas utilizam e se apropriam de uma praça. Pode acontecer o inverso também, isto é, uma praça pode influenciar as pessoas a se comportar de determinada maneira.

Kostof (1992 *apud* SUZUKI, 2016) faz a classificação referente aos usos e funções que a praça possui, e destaca cinco tipos de praça sendo elas: praça do mercado, praça cívica, praça das armas, praça dos jogos e praça de tráfego.

A Praça do Mercado como o próprio nome sugere, é uma praça aberta onde acontece o serviço de comércio seja ele formal ou informal através das feiras livres, no terreno ou no entorno. Desde o século XVIII começaram a ser construídos os mercados cobertos substituindo as praças de mercado, porém ainda se pode encontrar nos centros urbanos menores (KOSTOF, 1992 *apud* SUZUKI, 2016).

Praça Cívica é aquela onde se encontra uma concentração de prédios e monumentos públicos em seu entorno, e onde acontece eventos políticos e outras exposições relacionadas ao poder público. Tem-se como exemplo a Praça dos Três Poderes em Brasília-DF (KOSTOF, 1992 *apud* SUZUKI, 2016).

Praça das Armas, caracterizada por, geralmente, possuir grandes dimensões e ao centro um monumento representativo de poder, Kostof (1992 *apud* SUZUKI, 2016) define essa praça como aquela que representava o lugar de repressão, que servia de palco para se “fazer justiça”, onde os poderosos expressavam sua autoridade frente à população, que da mesma maneira expressavam sua revolta. Tem-se como exemplo aquelas chamadas de *pelourinho*. “Ideia que traz por trás a facilidade de dominar um povo concentrado em um único grande espaço” (KOSTOF, 1992 *apud* PINTO, 2003, p. 28).

Praça dos Jogos, aquela que surge a partir das mudanças de hábitos adquiridos pela população. O único espaço que, a depender do jogo ali realizado, deveria ter uma arquitetura especializada. Cita-se os anfiteatros romanos construídos para os jogos de gladiadores e na Renascença a Piazza Del Campo, em Siena, para os palio italianos (corridas

de cavalo). Hoje, algumas praças foram adaptadas com equipamentos de ginástica, pistas de *cooper* e ciclovias para as novas atividades da vida moderna (KOSTOF, 1992 *apud* PINTO, 2003).

Praça de Tráfego, essencialmente uma praça que surge isolada em meio a cruzamentos movimentados, ou seja, surgem em função de ordenação e circulação dos veículos em um determinado local. Espaços que os cidadãos utilizam apenas para atravessar com certa segurança as grandes vias e avenidas abertas no tecido urbano da cidade (KOSTOF, 1992 *apud* PINTO, 2003).

Já Pinto (2003), ainda acrescenta três tipos de classificação: (a) Praça Lúdica, aquela destinada à concentração de pessoas para o lazer, a diversão, a cultura, diferenciando da praça de jogos pela função específica desta; (b) Zona de Passagem, a que existe apenas enquanto espaço público na malha urbana, por onde passam os transeuntes em direção ao seu destino final, onde não há permanência; (c) Zona Temporal, uma praça que é utilizada como terminal para o transporte coletivo da cidade, cujo tempo de permanência depende exclusivamente do tempo de chegada e saída dos transportes.

Apesar de muitas das praças do Marcos Freire II não serem implementadas, as pessoas se apropriam desses espaços dando utilidade, dos exemplos citados acima os mais recorrentes no conjunto, considerando os espaços implementados, são a praça de jogos e a de tráfego, inclusive a praça em questão (Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior) antes de sua construção era utilizada para ambas as atividades – jogos e tráfego – pelos moradores, e depois de sua implementação elas permaneceram. Ainda há outros tipos de praças existentes no Marcos Freire II que serão mais aprofundados no item 4.2 do capítulo 4.

1.3.3. Quanto a vegetação e elementos construídos;

Segundo Vieiro (*et al.*, 2009), as praças podem ser classificadas de acordo com sua vegetação e elementos presentes no seu entorno, sendo elas: (a) Praça jardim – aquela onde a natureza é priorizada, concentrando vegetações em sua área; (b) Praça seca – também chamada de esplanada ou largo, desprovida de vegetações, fazendo relação entre o construído, um forte exemplo disso é a praça dos três Poderes em Brasília; (c) Praça azul – possuem como principal característica o uso da água como elemento contemplativo, além de melhorias no conforto térmico, tem-se como exemplo alguns belvederes e jardins de várzea; (d) Praça amarela – são consideradas como praças amarelas as praias.

No Brasil, o conceito de praça está, normalmente, associado à ideia de verde e de ajardinamento urbano, ou seja, a praça jardim. Porém desde o início do século XXI, período contemporâneo, a praça deixou de ser um elemento principal/central, para ser um

complemento das atividades diárias da população, com pouca dedicação ao paisagismo. “Tanto o plantio como a implantação dos equipamentos é geralmente modesto, com a arborização disposta de modo singelo, árvores colocadas geometricamente e arbustos, quando existem, formando bordaduras e arranjos em meio aos canteiros” (MACEDO, 2012, p. 179). Essa descrição de Macedo (2012) define a praça contemporânea de modo geral e principalmente as situadas nos bairros nobres – as quais eram priorizadas, apesar de serem pouco utilizadas pelos moradores do local, devido a mudança de hábitos, com o uso de jardins privativos –, porém a maioria das praças contemporâneas se encontram “em bairros populares e de classe média” (MACEDO, 2012, p. 172 e 174), as quais utilizam de poucos recursos e investimentos públicos, conseqüentemente com um projeto muito simples, quando existe, em resumo, praças secas, cenário bem representado pelas praças do conjunto Marcos Freire II.

1.3.4. Quanto ao acesso;

Sun Alex (2008), defende o acesso como condição fundamental para o uso e apropriação de um espaço. Stephen Carr (1995 *apud* ALEX, 2008, p. 25) considera 3 tipos de acessos: (a) o acesso físico - que se refere à ausência de barreiras físicas como edificações, vegetações, ou qualquer outro tipo de obstáculo que possam dificultar o trajeto das pessoas no espaço público, o autor cita como exemplo a praça do banco *One Chase Manhattan Plaza*, em Nova Iorque, que mesmo sendo um espaço privado, é aberto a todos, ou seja, usos público (figura 11); (b) o acesso visual - que está ligado à visibilidade do usuário com o espaço, ainda que seja à distância, proporcionando percepção e segurança. Como pode ser observada na figura 12, a Praça *Logan Circle* é um exemplo de acesso visual, apesar da possibilidade de adentrar no espaço, “trata-se mais de um local para ser visto para quem passa de automóvel” (JACOBS, 2009, p. 101); (c) o acesso simbólico - que “refere-se à presença de sinais, sutis ou ostensivos, que sugerem quem é e quem não é bem-vindo ao lugar” (figura 13).

No conjunto Marcos Freire II as praças são bem acessíveis fisicamente, porém quanto ao acesso visual, mesmo com toda visibilidade dos espaços os mesmos não oferecem muita segurança. Na Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior, por exemplo, a forma como as edificações e os equipamentos estão dispostos na praça, somada à iluminação deficiente, e o baixo fluxo de pessoas que circulam na área promovem espaços intersticiais que geram insegurança para os moradores. Quanto ao acesso simbólico não cabe a nenhum dos espaços do conjunto a não ser se associado a questão do perigo, considerando como um fator de inibição.

Figura 11. *One Chase Manhattan Plaza*, Nova Iorque, como exemplo de acesso físico.



Fonte: Site The Wall Street Journal¹³.

Figura 12. Praça *Logan Circle*, Filadélfia, como exemplo de acesso visual.



Fonte: Site Wikipedia¹⁴.

¹³ Disponível em <<https://www.wsj.com/articles/downtown-tower-gets-a-symbolic-new-name-1421026854>> Acesso em: 15 de julho de 2021.

¹⁴ Disponível em <[https://en.wikipedia.org/wiki/Logan_Circle_\(Washington,_D.C.\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Logan_Circle_(Washington,_D.C.))> Acesso em: 15 de julho de 2021.

Figura 13. Praça Paris - RJ, como exemplo de acesso simbólico.



Fonte: Site Loucos por óculos¹⁵.

A análise das tipologias tem grande importância na compreensão dos espaços públicos de modo geral e principalmente os do conjunto Marcos Freire II. Através da observação de cada aspecto é possível identificar de maneira mais clara as características de cada espaço, bem como a relação homem-espaço como, por exemplo, a forma que está diretamente ligada ao uso e à função. A observância de cada classificação de tipologia é pertinente para análise quanto à viabilidade dos critérios sustentáveis nos espaços públicos do Marcos Freire II, pois apresentam características importantes que possam ser utilizadas como base para diagnóstico a ser mais aprofundado no capítulo 4, indicando a viabilidade e onde aplicar tais critérios.

¹⁵ Disponível em <<http://www.loucosporoculos.com/2014/07/praca-paris.html>> Acesso em: 15 de julho de 2021.

CAPÍTULO 2. CRITÉRIOS DE SUSTENTABILIDADE

O termo sustentabilidade tem sido muito difundido, porém sem ainda uma definição fixa, devido a todos os conceitos, diversidade e complexidade dos fatores envolvidos. Essa noção está em constante construção, pois inicialmente estava ligada apenas ao campo ambiental, e atualmente tem abrangido questões econômicas, sociais e políticas. O surgimento da sustentabilidade se deu com a publicação do livro “*Silent Spring*”¹⁶, que deu início ao movimento ambientalista, escrito por Rachel Carson e publicado em 1962. Em seguida o arquiteto paisagista escocês Ian MacHarg escreveu o livro “*Design With Nature*”¹⁷ em 1969, que foi o primeiro a explicar ao público os Sistemas de Informação Geográfica (GIS), o transecto natural e outros princípios ecológicos (FARR, 2008).

O termo Desenvolvimento Sustentável surgiu pela primeira vez em 1980, substituindo o termo “ecodesenvolvimento” no documento chamado *World Conservation Strategy*¹⁸, produzido pela IUCN e *World Wildlife Fund*¹⁹ (atualmente conhecida como *World Wide Fund for Nature*²⁰ – WWF) por solicitação do PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente). A partir daí surgiram outros eventos em favor do desenvolvimento sustentável como a Conferência de Estocolmo em 1972, onde foi feita a Declaração Estocolmo. Em 1987, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) também conhecida como Comissão de *Brundtland*²¹ desenvolveu um relatório que ficou conhecido como “Nosso Futuro Comum” ou “Relatório de *Brundtland*”, com o objetivo de “manter a capacidade do planeta para sustentar o desenvolvimento, e este deve, por sua vez, levar em consideração a capacidade dos ecossistemas e as necessidades das futuras gerações” (BARBIERI, 1997, p. 23).

Outros países, além do Brasil, também adotaram os princípios da Comissão *Brundtland*, o Canadá foi um deles, inserindo no Plano Verde Canadense (1990-95), adotou a participação da sociedade para elaboração. Para este país, desenvolvimento sustentável significa “planejamento de vida e o objetivo do Canadá é o de assegurar um meio ambiente saudável e seguro para a atual e futuras gerações e uma economia sólida e próspera” (BARBIERI, 1997, p. 27).

Apesar de o termo surgir com o intuito de preservação do meio ambiente, existem autores que o consideram de certa forma contraditório em si. Segundo Barbieri (1997) manter

¹⁶ Primavera silenciosa.

¹⁷ Desenho com a natureza.

¹⁸ Estratégia de Conservação Mundial.

¹⁹ Fundo Mundial para a Vida Selvagem.

²⁰ Fundo Mundial para a Natureza.

²¹ O nome foi dado em homenagem a primeira-ministra da Noruega, *Gro Harlem Brundtland* que presidia a Comissão.

a capacidade do planeta, que já se encontra em desequilíbrio, para sustentar o desenvolvimento, que contribui para esse desequilíbrio, é uma situação meio contraditória, mas é o que busca o documento *World Conservation Strategy*.

Não falta quem observa que a expressão desenvolvimento sustentável encerra uma contradição em si; uma espécie de oxímoro, isto é, uma combinação de palavras contraditórias. Isso era de se esperar, pois as duas palavras dessa expressão são ambíguas e suscitam diversos entendimentos. A palavra desenvolvimento evoca as ideias de crescimento econômico, mudança do padrão de vida da população e da base do sistema produtivo. Grande parte do problema relacionado com seu entendimento refere-se às políticas de desenvolvimento praticadas até então em diversos países, onde os segmentos sociais que detêm o poder político do Estado afirmam como sendo nacionais os seus próprios objetivos e interesses (WCS, 1980 *apud* BARBIERI, 1997, p. 28).

A Declaração de Política da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável de 2002, afirma que o urbanismo é construído sobre “três pilares interdependentes e mutuamente sustentadores”: desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e proteção ambiental (FARR, 2008). De modo geral, a sustentabilidade objetiva garantir qualidade de vida, mantendo a capacidade do meio ambiente, para a atual e futuras gerações, inclusive algumas leis municipais do Brasil, ligados à natureza seguem os mesmos princípios do Relatório *Brundtland*, como o Código Ambiental de Nossa Senhora do Socorro (inciso III do parágrafo único do Art. 1º):

(...) o desenvolvimento sustentável é aquele que possibilita a gestão do desenvolvimento, da utilização e da proteção dos recursos naturais, segundo os padrões nacionais ou internacionais, em ritmo e nos limites que permitam à população presente assegurar seu bem-estar socioeconômico e cultural, de forma a garantir a preservação desses recursos também para as futuras gerações; tem por meio a proteção e a recuperação da função de sustento vital do ar, da água, do solo e dos ecossistemas naturais e construídos, bem como atenuar e mitigar todo efeito prejudicial das atividades que afetem o meio ambiente (N. SRª DO SOCORRO, 2007).

Atualmente, o termo sustentável vem sendo incorporado à diversas situações, sempre com a intenção de se demonstrar intenções menos agressivas ou mesmo inofensivas ao meio ambiente, porém, na prática, nem sempre isso acontece. Na área da construção o termo também foi usado como “Arquitetura sustentável”, “construção sustentável”, “urbanismo sustentável”, “ecoarquitetura”, “arquitetura biofílica” etc.

“Muitas vezes, o termo é utilizado para expressar a sustentabilidade ambiental” afirma Ignacy Sachs (2009) que ainda aponta outras dimensões para este conceito, sendo elas: social, cultural, ambiental, territorial, econômica e política. A partir destas dimensões Sachs (2009) apresenta critérios de sustentabilidade.

Mais especificamente sobre o urbanismo sustentável, tem-se que foi resultado de três movimentos, também considerados novos, foram eles: "os movimentos do crescimento urbano inteligente", "Novo Urbanismo" e "construções sustentáveis", que, segundo Farr (2008, p. 14 e 21) forneceram bases filosóficas e práticas para o desencadeamento do urbanismo sustentável em questão. E sobre a qualidade de vida através do urbanismo sustentável, Douglas Farr (2008) diz que:

Caso tenha êxito, não só reduzirá drasticamente os danos ambientais como também oferecerá melhorias assombrosas à qualidade de vida atual. O contexto desse estilo de vida é o urbanismo sustentável, a criação e a sustentação de comunidades cujo projeto é tão bem direcionado a uma vida de alta qualidade que as pessoas optarão, com prazer, por satisfazer suas necessidades diárias a pé e utilizando o transporte público. Em comparação com o estilo de vida norte-americano que conhecemos, a vida no urbanismo sustentável é mais saudável, agradável, independente e, além disso, mais longa (FARR, 2008, p. 27).

Para uma definição do que significa os critérios de sustentabilidade e seus benefícios para as cidades e para as praças urbanas, optou-se por descrever mais detalhadamente os seus significados e sua aplicabilidade espacial tomando como base quatro referências que tratam do assunto, são elas: (a) Farr (2008); (b) Macedo (2012), (c) ODS (2015); (d) Pereira (2008), apresentados em ordem crescente de afinidade com o tema. No final dessas descrições será apontada no tópico 2.5 uma síntese das informações obtidas por esses autores de modo que seja possível sugerir caminhos para a aplicação de critérios de sustentabilidade à Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior, no conjunto Marcus Freire II.

2.1. Douglas Farr (2008)

De modo geral, Farr (2008) defende o urbanismo sustentável como um todo, porém a partir disso podem-se extrair aspectos específicos que possam ser considerados critérios para praças sustentáveis, afinal essas são elementos que compõem o urbanismo.

Farr (2008) considera que o urbanismo sustentável é aquele que possui um bom sistema de transporte público, possibilitando deslocamentos a pé, integrando com edificações, além de infraestrutura de alto desempenho. A compacidade (densidade) e a biofilia (acesso humano à natureza) são valores centrais do urbanismo sustentável.

O urbanismo sustentável enfatiza que o apelo pessoal e os benefícios sociais da vida no bairro – satisfazer necessidades diárias a pé – são maiores em bairros que integram cinco atributos: **definição, compacidade, totalidade, conexão e biofilia** (FARR, 2008, p. 28).

O autor afirma que o tamanho limitado de um bairro aumenta as chances de uma pessoa ser reconhecida ou de encontrar um amigo, e que também serve para aumentar a

convivência e o valor das relações e transações que ocorrem dentro dele, estimulando uma mudança no comportamento e afirmando o sentimento de pertencimento. No ponto de vista de Farr é impossível ter um urbanismo sustentável no lugar onde a densidade populacional é baixa, pois dessa maneira prioriza o uso de transporte privado, dificultando o uso do transporte público de modo eficiente e ainda mais o tráfego a pé. Para ele “o aumento da densidade populacional de um bairro possibilita na melhoria do serviço de transporte público”. O aumento da densidade reduz a distância caminhada e pode reduzir a compra e o uso de automóveis e substituir o deslocamento de carro pelo deslocamento a pé, em alguns casos radicalmente (FARR, 2008, p. 31).

A compacidade também é vista por Farr (2008) como ponto positivo em relação à sustentabilidade, pois ele diz que “uma população maior em um bairro aumenta o poder de compra de bens e serviço” e afirma que isso melhora a sustentabilidade dos empreendimentos comerciais. Imagina-se então uma cidade qualquer, com a população adensada, conseqüentemente movimentada, necessita de um planejamento dinâmico e isso insere diversidade dos usos, bem como um lugar de encontro e socialização, dando vida à cidade e pode-se com isso então deduzir que praças maiores seriam como uma diminuição dessa densidade, pois criariam vazios entre as edificações; e que as praças poderiam ser pensadas em tamanhos menores, serem inseridas no contexto urbano de forma mais planejada, serem mais assertivas, mais dinâmicas, dialogando com o meio natural, com o comércio e as atividades do entorno, etc. Talvez, praças menores, mais articuladas com o meio urbano, e interconectadas entre si, surtissessem um efeito melhor, mais sustentável.

De todos os aspectos apresentados por Farr (2008), o principal a ser considerado como critério sustentável a ser utilizado em praças é a biofilia, visto que ambos os temas têm em comum a preservação da natureza e conexão do homem com a natureza.

2.2. Soares Macedo (2012)

Macedo (2012) não trata diretamente sobre os critérios de sustentabilidade, porém analisando seus textos é possível extrair fatores e conceitos que possam ser assim considerados, como por exemplo a manutenção, durabilidade e adaptabilidade, sendo os dois primeiros critérios também apontados por Maria Madalena Dias Calhau Esquível Pereira (2008), porém a autora destaca apenas a manutenção da estrutura verde, sendo que Macedo destaca a manutenção como um todo, além de destacar a durabilidade, quando afirma que as praças:

São espaços que, devido a exposição constante as intempéries e ao uso de um público incerto e diversificado, devem ser necessariamente adaptáveis a novos usos, de fácil manutenção e alta durabilidade, permitindo um uso

múltiplo e diversificado, de modo a atender públicos diversos e de todas as faixas etárias (MACEDO, 2012, p. 176).

Os autores Robba e Macedo (2003) destacam não só a importância da existência de praças na cidade como também suas qualidades, denominando-as valores ambientais, funcionais, estéticos e simbólicos. Em resumo, os valores ambientais estão ligados ao conforto térmico, buscando controlar temperatura com melhoria na ventilação, minimizar insolação das áreas adensadas, melhorar a drenagem e proteger o solo e os cursos d'água. Esses valores têm muita relação com a sustentabilidade, visando a preocupação com meio ambiente. Um planejamento urbano de uma cidade sustentável deve priorizar os valores ambientais.

Os valores funcionais denotam a importância das praças através de sua função, destacando como principal a de recreação e lazer. Apesar da variedade de opções entre outros espaços de lazer numa cidade, “o espaço livre atrai sempre mais e mais frequentadores” (ROBBA *et al.*, 2002 p. 44).

Os valores estéticos e simbólicos referem-se à importância do significado e da beleza que uma praça pode proporcionar ao local. Esses valores estão diretamente relacionados à representatividade que uma praça pode exercer numa cidade, através do embelezamento urbano, da identidade e referência que esse espaço oferece.

2.3. ODS (2015)

Os ODS são os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, apresentados na agenda 2030. Esses objetivos foram criados em 2015 e tem como precedente os 8 ODM (Objetivos de Desenvolvimento do Milênio). Cada Objetivo de Desenvolvimento Sustentável contém uma série de metas as quais os países têm de cumprir.

Figura 14. Símbolos dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.



Fonte: Site Defesa Civil²², 2021.

²² Disponível em: <<http://www.defesacivil.pr.gov.br/Pagina/ODS-Objetivos-de-Desenvolvimento-Sustentavel>>. Acesso em 15 de jul., 2021.

Dentre todos os ODS destacam-se os objetivos 3 e 11, onde: o objetivo 3 resume-se em assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades, e dentre todas as metas destaca-se o item “3.9 - Até 2030, reduzir substancialmente o número de mortes e doenças por produtos químicos perigosos, contaminação e poluição do ar e água do solo”; e o objetivo 11 cidades e comunidades sustentáveis – que em resumo, contém 10 metas que buscam tornar as cidades e comunidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis. Considerando apenas as metas pertinentes aos espaços públicos, foram destacadas as seguintes metas:

11.4 Fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural do mundo

11.6 Até 2030, reduzir o impacto ambiental negativo per capita das cidades, inclusive prestando especial atenção à qualidade do ar, gestão de resíduos municipais e outros

11.7 Até 2030, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência.

11.a Apoiar relações econômicas, sociais e ambientais positivas entre áreas urbanas, periurbanas e rurais, reforçando o planejamento nacional e regional de desenvolvimento

11.c Apoiar os países menos desenvolvidos, inclusive por meio de assistência técnica e financeira, para construções sustentáveis e resilientes, utilizando materiais locais (Agenda 2030)²³

É importante citar os ODS como exemplo, pelo interesse em comum em se preservar o meio ambiente, por parte dos dirigentes e líderes internacionais, através de uma agenda que exige atingir os objetivos até 2030. Esses objetivos são muito abrangentes, todos coincidem com as premissas deste trabalho, porém numa escala maior. Eles servirão como base para análise quanto aos critérios sustentáveis restringindo às praças.

2.4. Maria Pereira (2008)

A arquiteta portuguesa Maria Madalena Dias Calhau Esquível Pereira (2008), com o intuito de tornar as praças em locais mais confortáveis, saudáveis, seguros e ecológicos, analisa e define, em sua tese de mestrado, os critérios que levam à sustentabilidade das praças e à sua aplicabilidade na prática arquitetônica. Tais critérios sustentáveis são subdivididos em três aspectos, sendo: critérios ambientais, critérios de utilização e critérios de qualidade e conforto. Os ambientais correspondem ao consumo energético, materiais utilizados, drenagem e utilização das águas pluviais e manutenção da estrutura verde; os de utilização destacam o nível de acessibilidade, amenidades locais e adaptabilidade; os de

²³ Disponível em:< <http://www.agenda2030.org.br/ods/11/>>. Acesso em: 28 de janeiro, 2021.

qualidade e conforto referem-se à qualidade do ar e ruído. A autora estabelece subtópicos para estes critérios de sustentabilidade:

Quadro 1. Síntese dos critérios de sustentabilidade

Critérios Ambientais
• Consumo energético
• Gestão de águas
• Materias utilizados
• Manutenção da estrutura verde
Critérios de utilização
• Nível de acessibilidade
• Amenidades locais
• Adaptabilidade
Critérios de qualidade e conforto
• Qualidade do ar e dos microclimas
• Ruído

Fonte: Tese de Madalena Pereira (2008).

Critérios Ambientais- estão ligados à redução de desgastes ambientais físicos e econômico.

Consumo energético – está relacionado à redução do consumo de energia, através de métodos construtivos, e artificios como equipamentos que consumam menos energia elétrica, como lâmpadas de LED, ou que produzam a própria energia como as placas fotovoltaicas.

Gestão de águas – visa reduzir o consumo de água com estratégias como aproveitamento de águas pluviais; estimular a infiltração de águas pluviais diretamente no solo, evitando-se sobrecarga do sistema de drenagem artificial, atentando-se para as condições de relevo, permeabilidade e tipo de solo.

Materias utilizados – um dos mais importantes critérios. Diferente das praças comuns, a escolha dos materias a serem utilizados numa praça sustentável deve obedecer determinados princípios como a preferência por materiais oriundos do local, evitando a necessidade de transporte, além de preservar a cultura local; a utilização de materiais reciclados, minizando a exploração de recursos naturais; o uso de materias com certificado ambiental, os chamados ecológicos; “(...)os materiais recicláveis também são uma opção, contudo, quando comparados com os materias reciclados não dão uma resposta ambiental tão eficaz, pois acabam por contribuir para o aumento do consumo de materias” (PEREIRA, 2008, p. 35); e por fim materias duráveis e resistentes, reduzindo os gastos com manutenção.

Manutenção da estrutura verde – a estrutura verde corresponde às vegetações usadas na composição paisagística do espaço, com a finalidade de melhorar a qualidade do ar, criar sombras, filtrar ruídos, embelezar o ambiente, delimitar espaços, etc. Para isso é importante, de preferência, que seja feita a escolha de uma vegetação nativa e que sejam necessárias pouca manutenção e pouca rega.

Critérios de utilização

Nível de acessibilidade – este critério busca assegurar não só a entrada, mas também a circulação e o uso de todo o espaço a todo e qualquer cidadão na praça, através dos acessos, passagens, percursos, tipo de pavimentação, topografia, atravessamento, uso de equipamentos e mobiliários.

Amenidades locais – buscam incentivar a permanência das pessoas na praça de acordo com as necessidades do local. Refere-se aos elementos naturais (espelhos d'água, mirante etc.) ou sociais (edifícios de comércio, serviço, habitações, etc.) que organizados espacialmente na praça, proporcionam uma agradável e prazerosa maneira de passar o tempo no espaço público, tornando-se atraente aos usuários e garantindo dinamismo e segurança ao local. Para isso deve-se observar às necessidades do espaço, atender as exigências da população, bem como as questões econômicas do local, levando em consideração o comércio, principalmente se for diversificado em produtos e acessível às várias classes sociais, pois é uma das atividades que mais atrai os usuários ao espaço público.

Adaptabilidade – depende dos usos existentes no local, da forma, do tamanho e da maneira como a praça se relaciona com o entorno. Tem como principais características a atemporalidade e a versatilidade. Este critério está relacionado à liberdade de poder adaptar-se a outras atividades, evitando que, com o tempo, o espaço se torne obsoleto.

Critérios de qualidade e conforto

Qualidade do ar / microclimas – considera-se a condição climática e sensação térmica do local. Este critério busca garantir o conforto térmico às pessoas que frequentam o local, utilizando de elementos como vegetação, espelhos d'água, entre outros que equilibrem o microclima do local tornando o espaço mais agradável de acordo com cada situação climática natural.

Ruído – refere-se à redução de ruídos oriundos do entorno e do tráfego intenso no local, utilizando artifícios que minimizem a poluição sonora no ambiente e garantam o conforto aos usuários. Os “pavimentos silenciosos”, as barreiras acústicas através de

vegetação (árvores, arbustos, cercas vivas, etc.) e outros elementos são soluções encontradas para atender esse critério.

Todos os critérios destacados por Pereira (2008) são pertinentes aos objetivos deste trabalho, visto que a autora fez uma análise sobre praças sustentáveis semelhantemente ao que se deseja alcançar com o referente trabalho.

Sintetização e escolha

Para que uma praça se torne sustentável ela não precisa atender a todos os critérios de sustentabilidade, porém é necessário que eles sejam avaliados para então se obter um nível de sustentabilidade, ou seja, determinar o quanto ela é sustentável ou o mínimo que precisa ser feito para atingir os padrões mínimos de sustentabilidade.

Cada referência apresentada serve como base para se obter, de forma eficiente, um compilado de informações necessárias de critérios sustentáveis. De cada referência foram consideradas apenas as informações pertinentes ao tema abordado, a saber: Douglas Farr (2008) – a biofilia, Soares Macedo (2012) – manutenção e a durabilidade, ODS (2015) – aplicação do objetivo 11, mesmo que sejam colocados de forma abrangente, Pereira (2008) – todos os critérios sustentáveis.

Como já foi citado no tópico anterior, dentre todas as referências citadas, Pereira (2008) naturalmente abrange vários tipos de critérios de sustentabilidade, além de serem os que mais se assemelham em todos os sentidos ao tema abordado neste trabalho, pois se adequa a análise à escala de praças, por isso serão todos adotados como a principal referência para análise da Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior. As demais referências, apesar de serem relevantes no quesito sustentabilidade, não apresentam informações tão específicas.

CAPÍTULO 3. BONS EXEMPLOS DE PRAÇAS SUSTENTÁVEIS

Nesse capítulo serão apresentados três exemplos de praças sustentáveis, a Praça Victor Civita – SP, a Praça Conceito Consciente – GO, e a Praça Colônia Sergipe – SE, observando suas características, considerando as definições apresentadas anteriormente e os critérios de sustentabilidade adotados, para enfim apresentar uma análise conclusiva. Averiguou-se a importância das praças na cidade, se houve um bom planejamento e se suas funções foram bem definidas.

Dentre tantos desafios que são estabelecidos no ato de ser projetar uma praça no atual tempo contemporâneo, tem-se que a imposição de critérios sustentáveis é um dos mais desafiadores, tendo em vista a dificuldade em se atender à parâmetros tão amplos e diversificados, que são aqueles baseados pelos princípios básicos de sustentabilidade. Entre todos os espaços públicos a praça tem sido o que recebe menos investimentos por parte da administração pública (MACEDO, 2012, p. 173).

Segundo Macedo (2012) “somente em ocasiões excepcionais, uma praça será projetada por um especialista, por um paisagista, contratado para fazer uma ou mais praças em locais de alta visibilidade” (MACEDO, 2012, p.179) e os dois primeiros exemplos a seguir mostram isso, são exemplos não só de praça sustentável, mas também mostra um empenho maior do poder público em lugares mais favorecidos.

“Paradoxalmente, a praça não é entre os espaços públicos aquele sobre o qual recaem os maiores cuidados das diversas administrações municipais, para as quais não existem na maioria das cidades estruturas adequadas de manutenção” (MACEDO, 2012, p. 173).

3.1. Praça Victor Civita – SP

A praça Victor Civita fica localizada no bairro de Pinheiros (figura 15), no município de São Paulo, foi projetada por Levisky Arquitetos Associados, com a participação da arquiteta Anna Dietzsch. Conta com uma área de 15 mil m² (quinze mil metros quadrados), tendo sua obra iniciada em 2006 e finalizada em 2007.

Figura 15. Praça Victor Civita vista de cima.



Fonte: Archdaily²⁴, 2008.

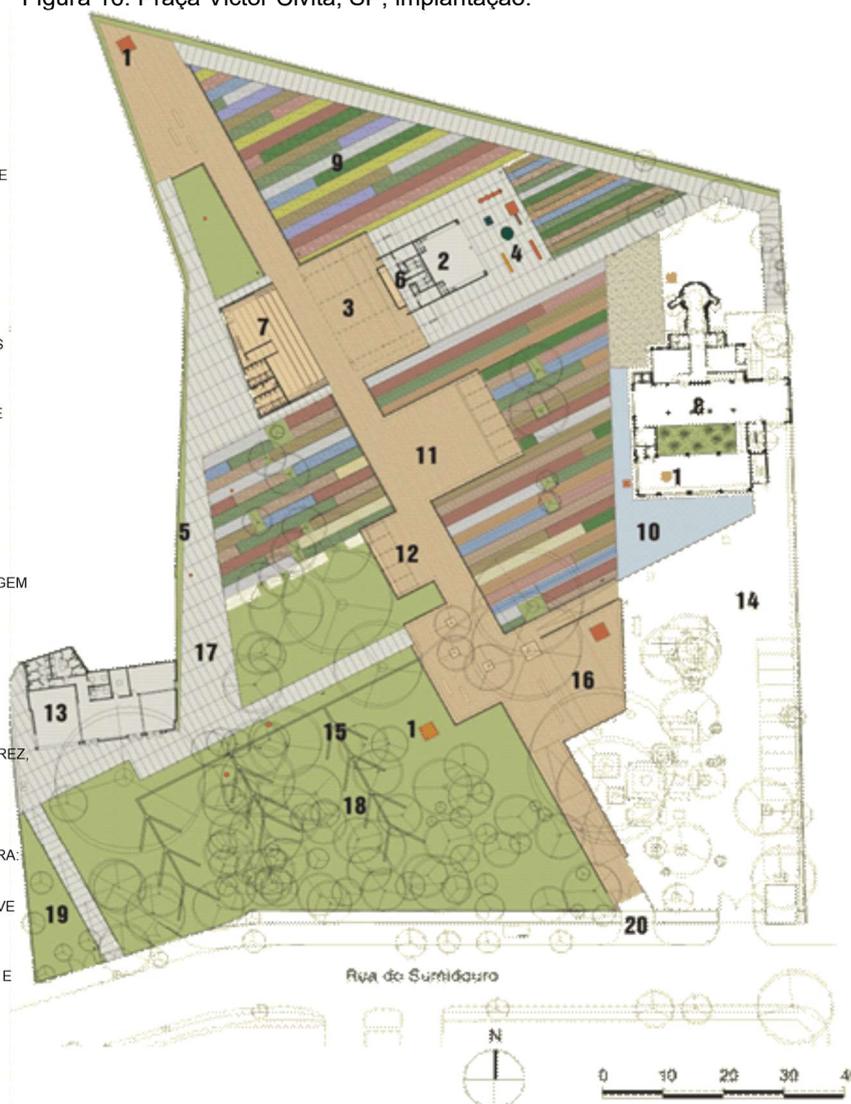
Onde hoje existe uma praça sustentável, já foi cenário de muita poluição. Durante 40 anos (1949 -1989), funcionava um incinerador de lixo não só domiciliar, bem como hospitalar, tornando impossível qualquer tipo de utilização do terreno. Em 1989 o mesmo foi desativado, passando a abrigar no local três cooperativas de separação de material reciclável, onde tiveram que desocupar a área em 2006, quando deu-se início às obras da praça Victor Civita.

A praça teve um papel fundamental na recuperação de uma área degradada e contaminada, pois seu projeto utilizou-se de tecnologias sustentáveis, desde seu programa que prevê atividades educativas ligadas às questões ambientais, como o Museu Aberto da Sustentabilidade, oficina de educação ambiental e outros (figura 16). Desde o processo construtivo até a conclusão da obra foram observadas características sustentáveis.

²⁴ Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-10294/praca-victor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-julia-dietzsch>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2021.

Figura 16. Praça Victor Civita, SP, implantação.

1. EXPOSIÇÃO ARTE TEMPORÁRIA: CURADORIA MASP
2. OFICINA DAS CRIANÇAS: ATIVIDADES E WORKSHOPS EDUCATIVOS; ONG VERDESCOLA
3. ARENA COBERTA PARA SHOWS E APRESENTAÇÕES CULTURAIS
4. PLAYGROUND
5. JARDIM VERTICAL: PROPOSTA DE TRATAMENTO PARA MUROS URBANOS
6. CAMARINS
7. ARQUIBANCADA PARA 240 PESSOAS E BANHEIROS
8. ANTIGO INCINERADOR: CENTRO DE EXPOSIÇÕES E CURSOS (MUSEU DA REABILITAÇÃO)
9. JARDINEIRAS: LABORATÓRIO DE PLANTAS
10. SISTEMAS DE FILTRAGEM E RECICLAGEM ÁGUAS SERVIDAS
11. DECK SUSPENSO DE MADEIRA CERTIFICADA
12. GISONÁTICA
13. CENTRO DA TERCEIRA IDADE
14. PRAÇA DOS PARALELÉPIDOS: XADREZ, BLOCOS INTERATIVOS, ETC.
15. IRRIGAÇÃO POR GRAVIDADE: USO DE ÁGUA RECICLADA IN-LOCO
16. ALARGAMENTOS DO DECK DE MADEIRA: "SALAS URBANAS"
17. DECK PERMEÁVEL DE CONCRETO LEVE
18. JARDINS EXISTENTES
19. NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO DO SOLO E ÁGUAS SUBTERRÂNEAS (CETESB)
20. ENTRADA PRINCIPAL



Fonte: Site Archdaily²⁵, adaptado pela autora.

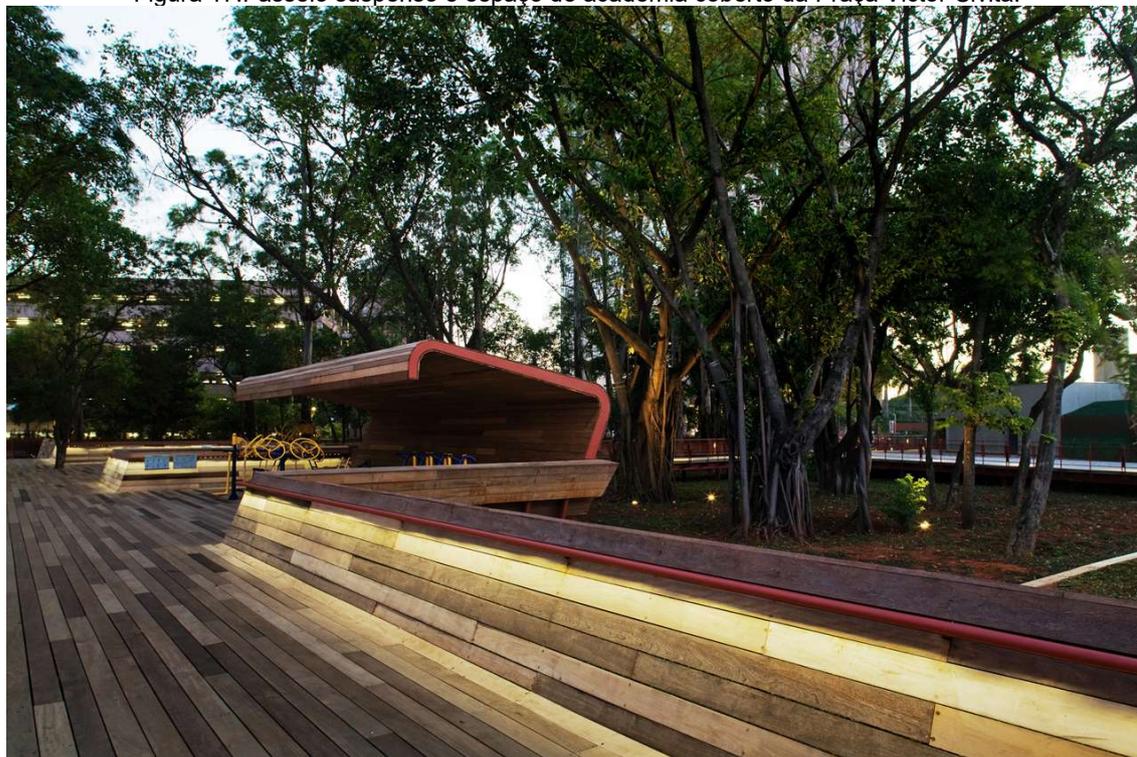
Todo o processo construtivo seguiu os critérios de sustentabilidade buscando reduzir o entulho e o consumo de energia. Utilizou-se de materiais reciclados, legalizados e certificados, fazendo-se reuso da água, aquecimento solar e manutenção da permeabilidade do solo. “Os percursos oferecidos no Museu Aberto, com proposta extremamente educativa, trazem informações sobre as técnicas e tecnologias adotadas no projeto, bem como soluções de recuperação e remediação de áreas contaminadas.” (HELM, 2011).

Sua estrutura tem como principais materiais metal e madeira; o metal sustenta o *deck* de madeira certificada, suspenso a quase um metro do solo contaminado (figura 17). O projeto da praça também conta com reuso de águas pluviais e servidas, adotados

²⁵ Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-10294/praca-victor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-julia-dietzsch>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2021.

no funcionamento da praça, além do racionamento energético alcançado com a utilização de placas solares. Junto a essas experiências, o usuário tem também acesso a outros programas, como à arena coberta, ao Museu da Reabilitação instalado no edifício do Incinerador, ao Centro da Terceira Idade, à Oficina de Educação Ambiental, ao Núcleo de Investigação de Águas e Solos subterrâneos e à Praça de Paralelepípedos.

Figura 17. Passeio suspenso e espaço de academia coberto da Praça Victor Civita.



Fonte: Site Archdaily²⁶.

A praça dispõe de atividades que contribuem não só com sua função principal de reunir, mas também de sensibilizar, educar e conscientizar. Dentre essas atividades estão: Centro de Informação para o Envelhecimento; Núcleo de Informação e Estudos Ambientais (cursos de extensão, palestras, oficinas e visitas guiadas); Exposições Permanentes. A preocupação com a sustentabilidade pode ser observada por todos os ângulos e aspectos: econômico (através dos espetáculos, exposições e cursos, que tornam o empreendimento autossustentável), cultural (através da arena, os museus, a oficina, etc.) e ecológico (por meio da certificação da madeira, laboratório de plantas, uso de sistemas orgânicos para a reciclagem de água e racionamento energético).

Pode-se tomar como inspiração para análise da Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior em todos os sentidos, principalmente em relação ao aproveitamento dos

²⁶ Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-10294/praca-victor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-julia-dietzsch>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2021.

espaços para atividades sustentáveis de conscientização, a escolha dos materiais, o reuso de águas pluviais, a utilização das placas solares, e a horta comunitária.

3.2. Praça Conceito Consciente – GO

O projeto da “Praça Conceito Consciente” (figura 18), inaugurado em janeiro de 2013, foi realizado em parceria com a Prefeitura da cidade de Goiânia – GO, por intermédio da Agência Municipal do Meio Ambiente (AMMA), e da Consciente Construtora, e conta com uma área total de 1.400 m² (mil e quatrocentos metros quadrados).

Figura 18. Praça Conceito Consciente vista de cima.



Fonte: Site Curtamais, 2016.²⁷

O projeto com conceito sustentável, e o intuito de sensibilizar a população em relação a atitudes sustentáveis, conta com piso drenante e valas, absorvendo e escoando 90% da água da chuva, substituindo a tradicional grama. Dessa forma, há uma economia de água que pode ser usada para realizar a manutenção do local. A praça gera sua própria energia elétrica através de painéis fotovoltaicos que captam a energia solar, convertendo-o em energia elétrica que alimentam as lâmpadas LED e o sistema elétrico do espelho d'água, além de contar com turbinas que são acionadas pela água da chuva que também geram energia elétrica (figura 19), dessa maneira a praça reduz o consumo de energia.

²⁷ Disponível em: <<https://www.curtamais.com.br/goiania/as-10-melhores-fotos-de-goiania-no-instagram-esta-semana>>. Acesso em: 18 out, 2021.

Figura 19. Turbina por onde é gerada a energia da Praça Conceito Consciente – GO.



Fonte: Site Foursquare²⁸

Na construção foram utilizados materiais reciclados como a madeira de reflorestamento ou de reuso, containers reutilizados, garrafas PET e pneus (figuras 20 a 23). Os containers foram transformados no Espaço Cultural Atílio Correia Lima, onde foram reutilizados substituindo a alvenaria convencional. Com as garrafas PET e botas velhas foram feitas hortas verticais (figura 23) e pneus foram transformados em vasos e bancos, há um jardim sensorial para os deficientes visuais, e rampas de acesso e passeio público mais largo para as pessoas com mobilidade reduzida, onde mostra a preocupação com o ambiente e também com a acessibilidade.

Figuras 20 e 21. Pergolados feitos de madeira de reflorestamento



Fonte: Site Aldeia²⁹

²⁸ Disponível em: < <https://pt.foursquare.com/canalconsciente>>. Acesso em: 18 out, 2021.

²⁹ Disponível em: < <http://aldeiatem.com/post/10014/a-primeira-praca-sustentavel-de-goias>>. Acesso em: 18 out., 2021.

Figura 22. Praça Conceito Consciente. Destaque para os bancos de madeira de reflorestamento, piso drenante e arborização.



Fonte: Site Aldeia

Figura 23. a) Reaproveitamento de resíduos sólidos de longa decomposição como botas e pneus velhos (à esquerda); e b) garrafas PET, Praça Conceito Consciente -GO (à direita).



Fonte: Foursquare

Quanto à vegetação foram utilizadas espécies de grande porte como Ipê Rosa e Branco, bem como plantas aromáticas como orégano, tomilho, cebolinha, pimenta, etc., e plantas frutíferas como pitanga, jaboticaba e acerola. O espaço possui um estacionamento bem arborizado, parquinho e uma estrutura de pergolado, para vasos de plantas, feitos com madeira de reflorestamento, um espelho d'água e um bosque com as plantas frutíferas.

3.3. Praça Colônia Sergipe (Indiaroba – SE)

A Praça fica localizada no Povoado Colônia Sergipe no município de Indiaroba – SE, por isso recebe esse nome (figuras 24 a 28). O projeto foi realizado em 2017, e trata-se de uma iniciativa da escola pública Colégio Municipal Arquibaldo Mendonça de Araújo, juntamente com a comunidade, através de um projeto da prefeitura chamado “Adote uma praça: Escola transformadora é escola em ação”. O espaço oferece atividades de lazer, recreação, contemplação e convívio.

Figura 24. Praça Colônia Sergipe



Foto: Carlos Siqueira Fontenele, 2018³⁰.

Devido o recurso financeiro e mão-de-obra limitados, a praça não utilizou de tecnologias avançadas como os exemplos anteriores, porém a dedicação e participação da comunidade teve grande importância tanto na execução como na manutenção, pois o diferencial dessa praça está na valorização e contato direto da população, o que influencia diretamente na questão da afetividade e atratividade por ela.

Os materiais utilizados foram reciclados ou reutilizáveis (figuras 25 a 28) como os pneus, garrafas PET e galões de água, madeira de reflorestamento e paletes. Utilizou das cores de forma lúdica e divertida. Os pneus usados tiveram papel importante, passaram a servir de vasos para hortas e plantas, de brinquedos para o parquinho, além de bancos e jardins verticais.

³⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/carlos.siqueirafontenele/photos>>. Acesso em: 22 jan., 2020.

Figura 25. Praça Colônia Sergipe



Foto: Carlos Siqueira Fontenele, 2018.

Figura 26. Praça Colônia Sergipe



Foto: Carlos Siqueira Fontenele, 2018.

Figura 27. Praça Colônia Sergipe



Foto: Carlos Siqueira Fontenele, 2018.

Figura 28. Praça Colônia Sergipe



Foto: Carlos Siqueira Fontenele, 2018.

Um fator importante foi que apesar de não haver tantas alternativas em relação aos recursos financeiros, isso contribuiu na redução de gastos com materiais de construção, redução de recursos naturais e redução de gases poluentes no transporte de matérias, devido ao uso de objetos reciclados adquiridos pelos próprios moradores no local.

Como já foi dito no item 2.5 do capítulo anterior, uma praça para ser sustentável não precisa atender todos os critérios de sustentabilidade e isso pode ser observado através dos exemplos destacados neste capítulo, pois cada um possui com um perfil distinto, consoante a cada situação, a saber: (a) a Praça Victor Civita é extremamente sustentável, em vários aspectos, do projeto ao uso, situa-se num local privilegiado, recebeu bastante investimento tanto público quanto privado, recuperando uma área tóxica. A praça é contemporânea e conta com uma área ampla, dispendo de muitos equipamentos e atividades, na maioria educativas, além de ser esteticamente bela; (b) a Praça Conceito Consciente apresenta uma situação bem semelhante à anterior, situada num bairro nobre, recebeu investimentos público e privado, porém numa área dez vezes menor, com menos equipamentos e atividades; (c) já a Praça Colônia Sergipe fica localizada num lugar humilde, foi executada através de doações, com investimentos da própria população. Houve a participação da população em todo o processo, desde o planejamento até a execução e manutenção. O espaço dispõe de poucos equipamentos e atividades de lazer e encontro, entretanto, possui um forte laço de pertencimento para com a comunidade.

Pode-se compreender através desses exemplos que existem vários fatores que favorecem para que um espaço se torne sustentável, como a dimensão do terreno, investimentos públicos ou privados, a participação da população, e principalmente que haja a preocupação com a natureza e o interesse em preservá-la, pois é possível que a sustentabilidade seja implementada mesmo com poucos recursos.

A Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior, de acordo com o que será melhor explorado e descrito no próximo capítulo, não se apresenta preponderante em termos de critérios de sustentabilidade, mas tem potencial para isso, ela possui uma área ampla, uma estrutura física favorável, conta com a participação dos moradores, através da horta comunitária e dos painéis artísticos, e um diferencial entre os exemplos citados oferecendo equipamentos e atividades esportivas.

CAPÍTULO 4. ESTUDO DE CASO

Neste capítulo serão apresentadas informações precedentes ao objeto de estudo, a Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior, dessa forma serão destacados o histórico da cidade de Nossa Senhora do Socorro e diagnóstico do conjunto Marcos Freire II.

4.1. Nossa Senhora do Socorro

O município de Nossa Senhora do Socorro teve seu processo de ocupação territorial iniciado no século XVIII a partir de agrupamentos populacionais, em sua maioria aldeias indígenas, possivelmente da tribo dos Tupinambás, aproximando-se na época à três mil habitantes, tendo como principal atividade o plantio de mandioca e cana-de-açúcar (MOTT, 1986 *apud* SANTOS e OLIVEIRA, 1994). Porém foi em 25 de setembro de 1718, com a construção da capela Santo Amaro das Brotas, o mesmo nome que recebia a vila a qual pertencia, e onde na mesma época era denominada Nossa Senhora do Socorro do Tomar da Cotinguiba, que passou a tornar-se freguesia. Os espaços territoriais de Nossa Senhora do Socorro foram classificados primeiro como freguesia, depois como vila e por fim como cidade, obedecendo sempre aos interesses jurídicos e religiosos. A categoria era elevada de acordo com as necessidades da igreja e do poder administrativo (SANTOS e OLIVEIRA, 1994).

Nossa Senhora do Socorro é um município do estado de Sergipe, localizado no leste do estado, fazendo parte da Região Metropolitana da capital Aracaju (figura 29), de acordo com sua urbanização o município é subdividido em três regiões (figura 30): a sede, que consiste ao Centro Histórico em que se localiza o Centro Administrativo municipal, e dois complexos, Jardim e Taiçoca, onde se encontra a maior parte da população, que segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), possui uma população de 181.928 habitantes sendo o segundo mais habitado do estado perdendo apenas para a capital. Seu crescimento urbano se deu por meio do Projeto Grande Aracaju (1979), com a construção do Distrito Industrial de Nossa Senhora do Socorro e dos conjuntos habitacionais do complexo Taiçoca (SANTOS e OLIVEIRA, 1994).

A partir da década de 80, o município começou a passar por transformações urbanísticas. A cidade-sede não sofreu grandes alterações, entretanto, seus povoados foram alvos de empreendimentos imobiliários que provocaram uma considerável mutação em áreas antes ocupadas por mangues e pouco povoadas [...] Outro ponto pra a criação desse projeto foi o estrangulamento da área do Distrito Industrial de Aracaju (D.I.A.), que originalmente situava-se em área periférica e na

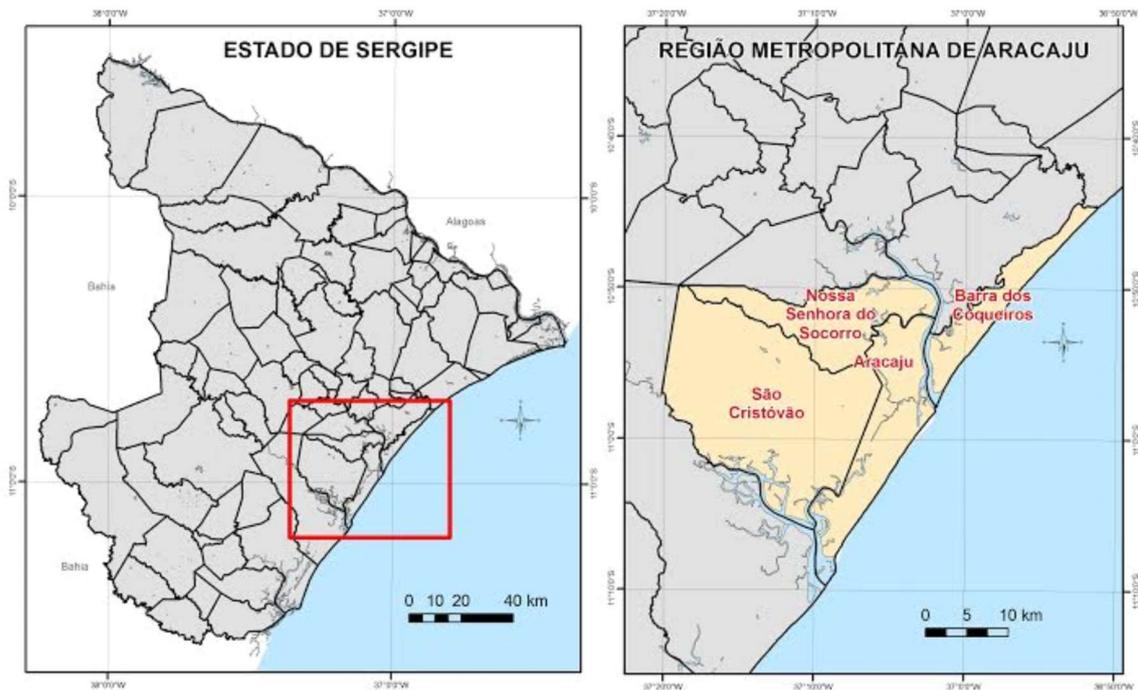
atualidade está compreendido no espaço urbano de Aracaju (SANTOS e OLIVEIRA, 1994, p. 21).

Logo, a área urbana que se resumia à Sede, se expandiu de forma dispersa no início da década de 90 (SANTOS e OLIVEIRA, 1994). Nossa Senhora do Socorro então passou a ser cidade dormitório, com o fluxo pendular dos moradores à capital Aracaju, cidade vizinha onde passaram a trabalhar. Esse fenômeno se assemelha ao que ocorreu em meados dos anos 70 nas cidades norte-americanas, crescimento migratório do campo para a cidade e das cidades menores para as cidades maiores (WILHEIM, 2008), porém no caso de Nossa Senhora do Socorro, o crescimento não se deve apenas ao crescimento industrial e sim ao surgimento progressivo do setor de serviços, e da oferta de emprego para mão-de-obra de baixa qualificação.

É importante perceber que tanto o crescimento populacional quanto a acentuação de sua dinâmica urbana observadas em Nossa Senhora do Socorro, fizeram com que novos hábitos fossem identificados em seus moradores, principalmente no que consiste ao uso dos espaços públicos. Tais mudanças de hábitos, simultaneamente ao crescimento da população, inclui o consumismo, bem como o aumento da demanda de resíduos descartados, pois segundo Jorge Wilhelm uma “característica decorrente dos aumentos quantitativos em cidades é a poluição crescente” (WILHEIM, 2008, p. 29). Além do consumo desenfreado, atrelado aos maus hábitos, há também o individualismo indiferente ao impacto que pode vir a causar ao meio ambiente, não só pelo consumo de recursos naturais e de materiais de longa decomposição, mas também por falta de triagem, ou pelo descarte em locais inapropriados, atrelado ao desserviço do poder público com a falta de manutenção.

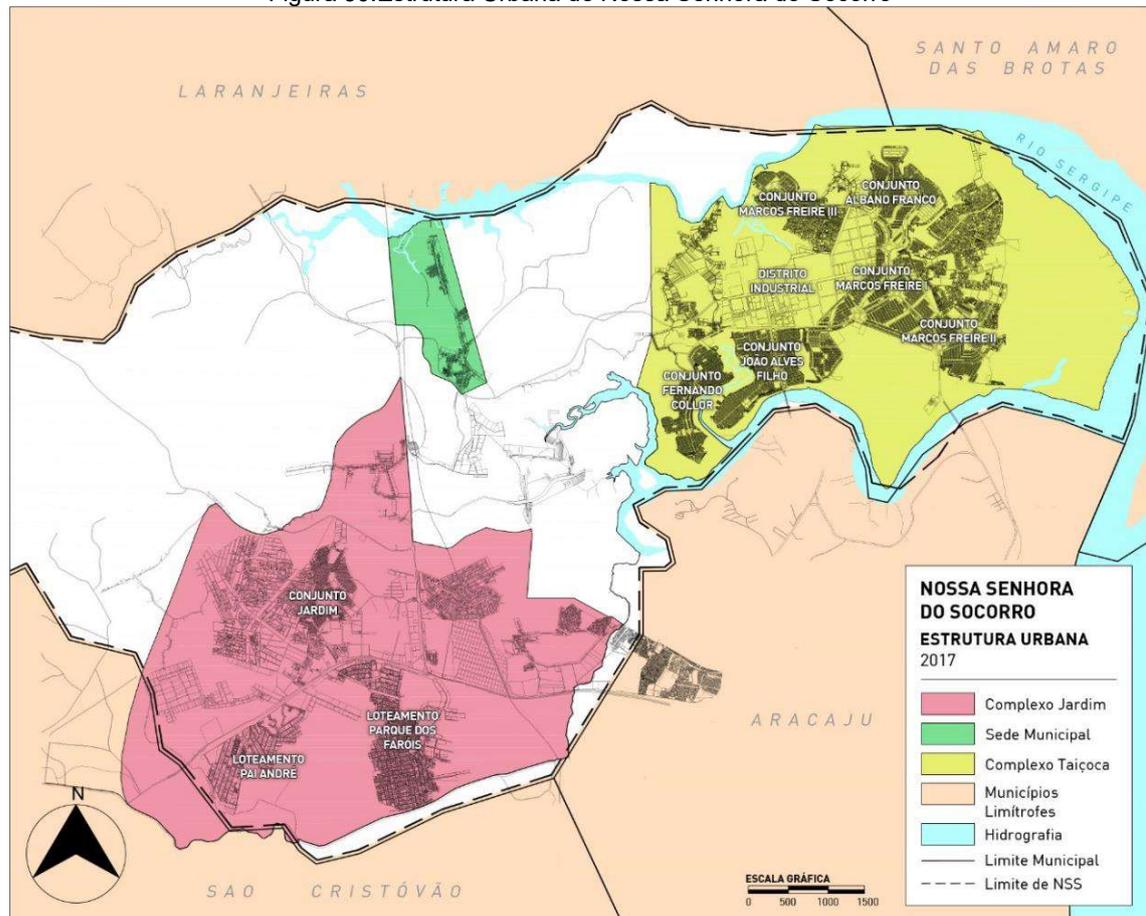
Os conjuntos tiveram suas moradias construídas nas proximidades das indústrias do então Distrito Industrial (SANTOS *apud* FRANÇA, 1999, p. 11). Em geral, foram construídos de forma dispersa pelo território do município, ocasionando no surgimento de vazios urbanos intersticiais - espaços subutilizados ou destinados à futura ocupação - que se caracterizam como um dos principais focos de descarte irregular de resíduos domésticos ou provenientes da construção civil. Em relação a sua vegetação é do tipo rasteira e matas de restinga, abundância de coqueiros e grande área coberta por mangues que fazem margem com os rios: Cotinguiba, Sergipe e Rio do Sal. O seu clima é tropical quente e úmido, com 1 a 3 meses secos e um inverno mais assíduo com um período de chuvas entre os meses de março a agosto.

Figura 29. Localização da região metropolitana de Aracaju.



Fonte: Santos (2016).

Figura 30. Estrutura Urbana de Nossa Senhora do Socorro

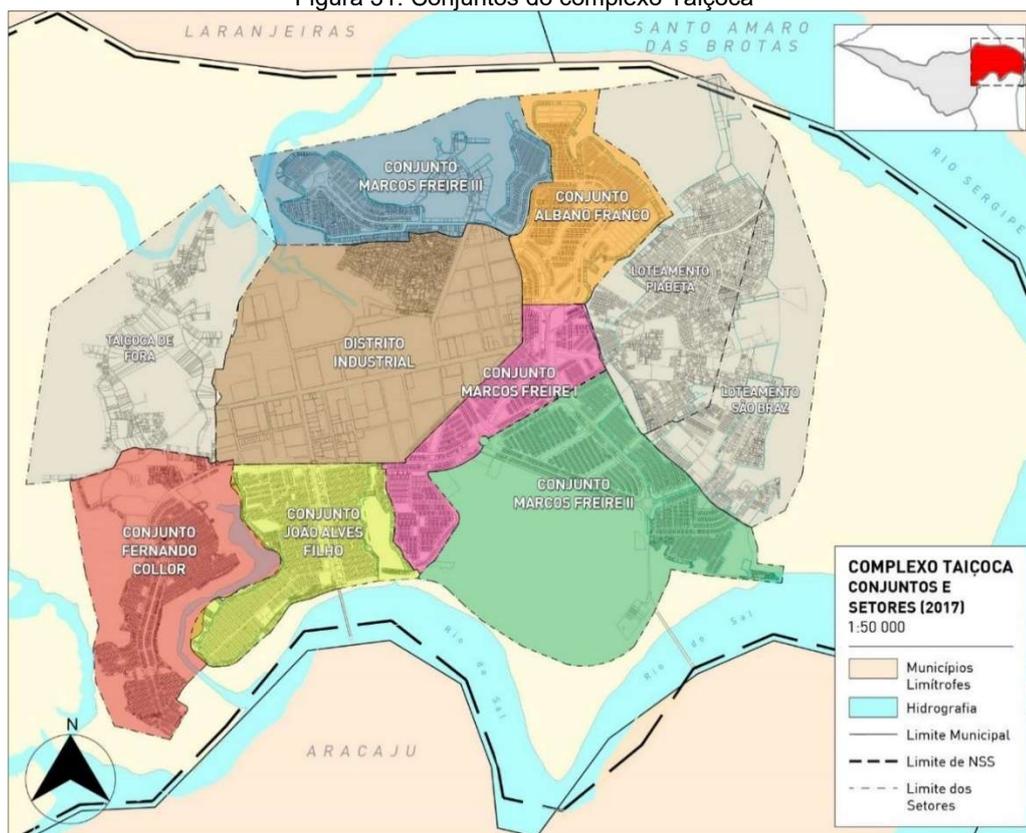


Fonte: Rodrigues (2017).

A sua economia é bem diversificada com presença nos três setores. No primário os principais produtos agrícolas são: banana, coco-da-baía, batata doce, manga, mandioca e feijão, e a pescaria tem grande expressão para a manutenção de parte da população, a criação de camarão em cativeiro tem tido grande destaque na região, o principal recurso mineral encontrado é o sal gema, apresentando-se como único devido ao seu enorme grau de pureza, também havendo presença de outros recursos minerais como: calcário e argila. No setor secundário a cidade tem grande relevância em relação a crescimento percentual das indústrias no país, segundo dados do IBGE (2004) o município foi o que mais atraiu empresas entre os anos de 1987 e 2002, teve um crescimento de 566 unidades para 1824 em 2002, com um crescimento percentual de 81,9%, as principais indústrias são nas áreas: têxtil, mineral, alimentícia e automobilística. No setor terciário a chegada do primeiro *shopping* fora da capital foi o ápice da economia no município, tendo também um forte comércio local em diversificadas áreas, atraindo para essa região empresas de renome nacional.

De acordo informações da Companhia Estadual de Habitação e Obras (CEHOP), antiga Companhia de Habitação Popular (COHAB) os conjuntos habitacionais do complexo Taiçoca (figura 31) tiveram suas obras iniciadas entre 1987 e 1990 (tabela 1), o conjunto Marcos Freire II é um dos primeiros a ser construído, inaugurado em 1992, juntamente com o conjunto Marcos Freire I, foi um dos que mais se desenvolveram tanto fisicamente quanto economicamente.

Figura 31. Conjuntos do complexo Taiçoca



Fonte: Rodrigues (2017).

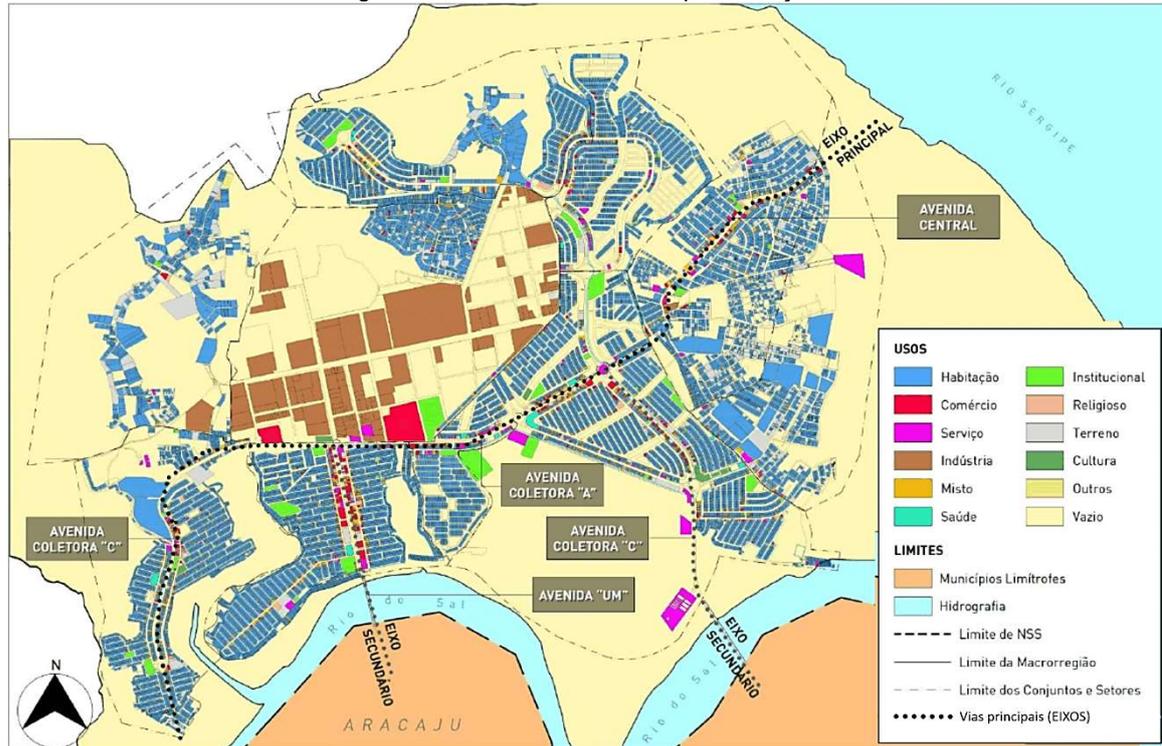
Tabela 1. Relação dos Conjuntos Habitacionais do Complexo Taiçoca.

CONJUNTO HABITACIONAL	DATA DE INAUGURAÇÃO	UNIDADES
João Alves Filho	30/04/1988	2.458
Marcos Freire I	30/03/1992	1.718
Marcos Freire II	30/03/1992	3.692
Fernando Collor I	30/03/1992	1.023
Fernando Collor II – 1ª etapa	30/12/1994	1.844
Fernando Collor II – 2ª etapa	28/02/1994	
Marcos Freire III	30/11/1995	2.043
Siri III	31/03/1997	108
Albano Franco I	30/04/1998	400
Albano Franco II	30/05/2004	1.053

Fonte: CEHOP, adaptado pela autora (2020).

As edificações do complexo Taiçoca são predominantemente residências de um a dois pavimentos. Porém o gabarito máximo de altura observado, em casos particulares e nos condomínios que foram surgindo a partir de 2010, é de até quatro pavimentos. Há presença de edificações comerciais e de serviços que, em sua maioria, concentram-se nos eixos das vias principais (figura 32).

Figura 32. Usos do solo de Complexo Taiçoca.



Fonte: Rodrigues (2017). Adaptado pela autora (2021).

É possível observar a expansão da cidade e o crescimento dos conjuntos habitacionais. Há uma concentração de habitações em todos os conjuntos do complexo, indicando o crescimento da população, além do surgimento das habitações verticais e das habitações irregulares. Pode-se observar que dentre todos os conjuntos do complexo, o Marcos Freire II, mesmo com o crescimento populacional e econômico, foi um dos conjuntos habitacionais que mais se mantiveram sem grandes alterações no desenho inicial da malha urbana.

4.2. Conjunto Marcos Freire II

O Marcos Freire II, que também faz parte do complexo Taiçoca, foi um dos primeiros conjuntos a ser projetado em Nossa Senhora do Socorro, e um dos mais desenvolvidos, tanto em crescimento populacional, quanto economicamente. A localidade teve as construções da ponte José Rollemberg Leite, do Terminal de Integração José Franklin de Oliveira e do *Shopping* Prêmio como principais impulsionadores do seu processo de crescimento e urbanização (figura 33).

Figura 33. Conjunto Marcos Freire II visto de cima, e alguns pontos de referência

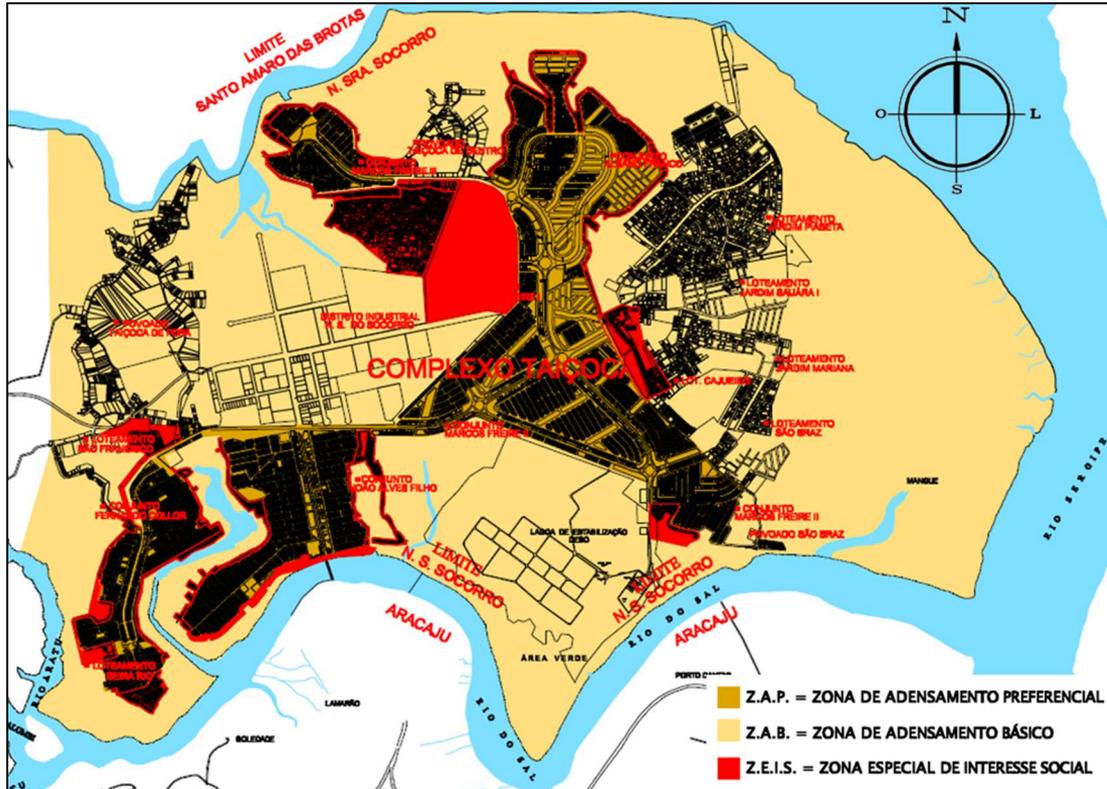


Fonte: Base cartográfica *Google Earth* (2020), adaptado pela autora (2021)

O conjunto encontra-se na Zona de Adensamento Preferencial (ZAP) do município (figura 34), a qual prevê a “disponibilidade de infraestrutura básica, equipamentos urbanos e boa acessibilidade, possibilitando adensamento até o limite do coeficiente básico de aproveitamento”, que nesse caso é dois (PDDU, 2015).

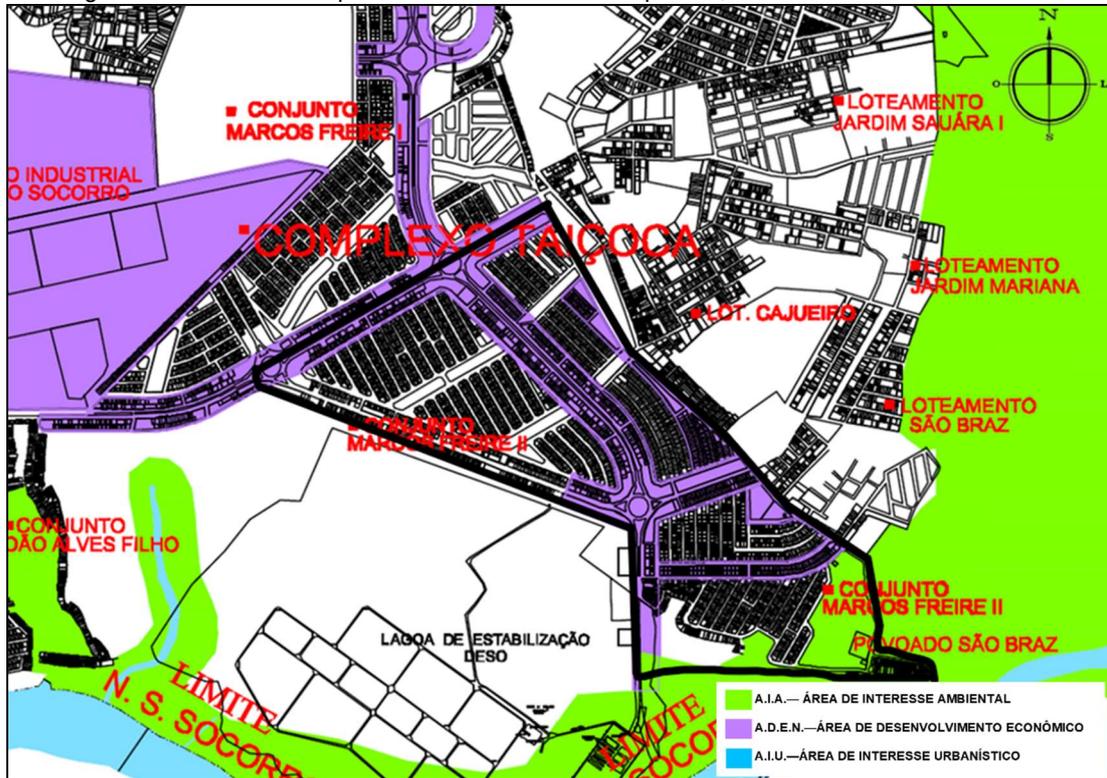
A maior parte do território do conjunto Marcos Freire II é considerada como Áreas de Diretrizes Especiais (ADE), ou seja, “áreas do território municipal com destinação específica e normas próprias de uso e ocupação do solo, que se sobrepõem às do Macrozoneamento”, possuindo duas classificações, Área de Desenvolvimento Econômico (ADEN) ao centro do conjunto, nos eixos principais de circulação – onde serão estimulados o crescimento e a diversificação de atividades econômicas e de serviços, isto é, de uso não residencial –, e Área de Interesse Ambiental (AIA) às margens do Rio do Sal – de preservação e conservação ambiental, definidas em legislação federal, estadual ou municipal (figura 35).

Figura 34. Macrozoneamento do Complexo Taíçoca.



Fonte: Anexo 2, PDDU do Município de Nossa Senhora do Socorro (2015). Adaptado pela autora (2020).

Figura 35. Recorte do mapa de Áreas de Diretrizes Especiais, destacando o Marcos Freire II

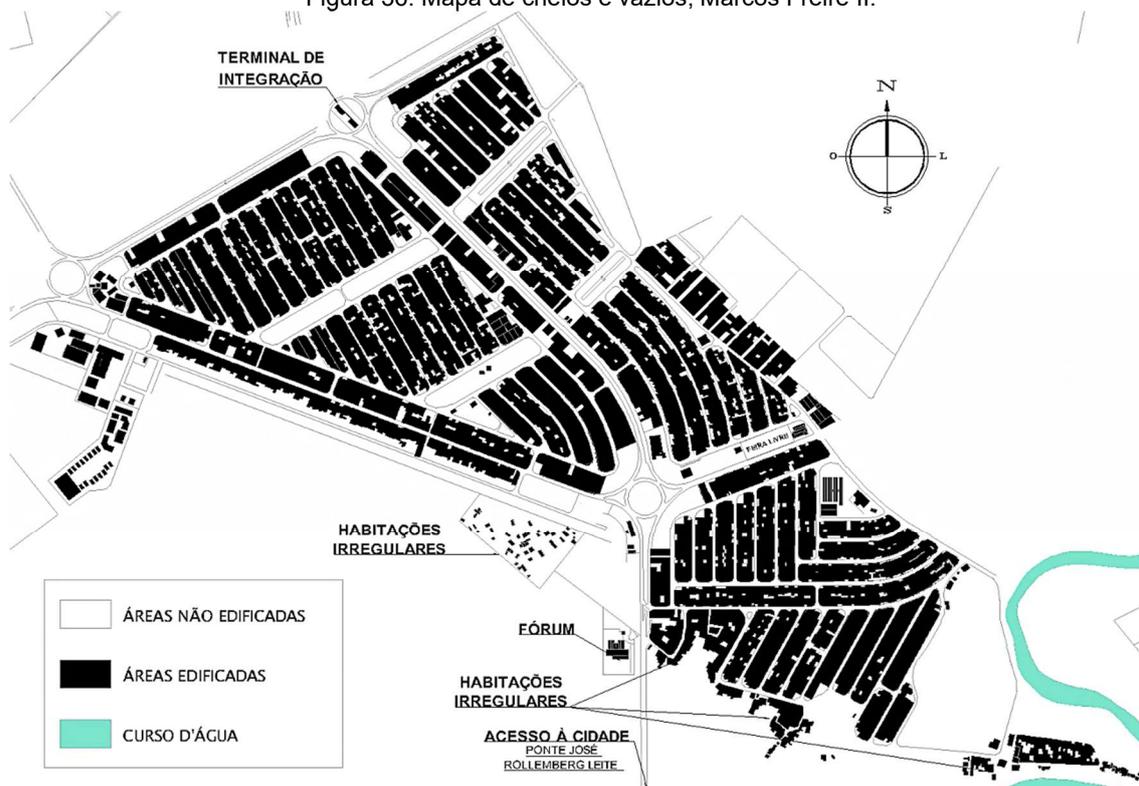


Fonte: Anexo 3, PDDU do Município de Nossa Senhora do Socorro (2015). Adaptado pela autora (2020).

O conjunto Marcos Freire II possui uma considerável quantidade de áreas livres, onde algumas delas já possuem praças, outras são áreas subtilizadas, muitas delas destinadas a mesma finalidade, porém encontram-se sem construção ou inacabadas, ou em alguns casos são administradas pela própria população, outras são terrenos sem ocupação com grande potencial para o uso coletivo, inclusive muitas delas já são apropriadas. As praças existentes devido à falta de manutenção e ao vandalismo encontram-se em mal estado, além de terem pouca arborização, causando desconforto à população.

É possível observar no mapa a seguir (figura 36) que nas áreas edificadas predominam as residências, já os espaços vazios têm características similares, além de serem áreas sem edificações, são bem pontuais, distribuídos de maneira regular e com dimensões semelhantes. Esses espaços, mesmo os não implementados, são utilizados pelos moradores para atividades de uso coletivo, caracterizando-os como praças.

Figura 36. Mapa de cheios e vazios, Marcos Freire II.

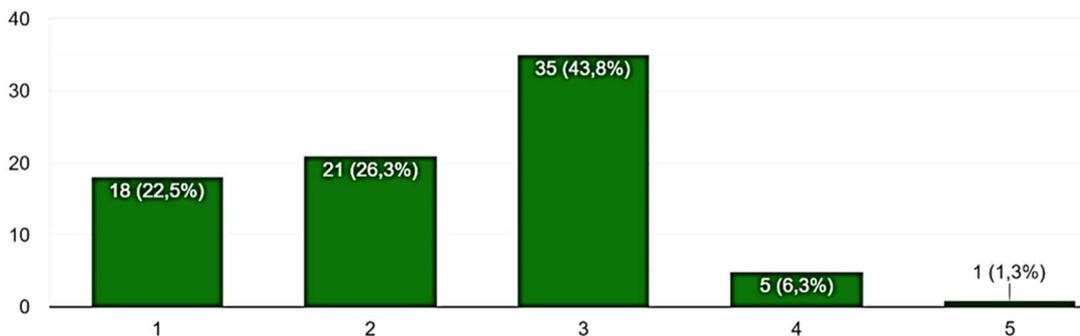


Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Segundo entrevista realizada com os moradores do Marcos Freire II, há uma insatisfação por parte deles com relação às praças existentes (figuras 37 e 38). Na verdade, os espaços públicos do conjunto não tiveram a devida atenção por parte do poder público. Desde sua fundação essas áreas foram deixadas em último plano.

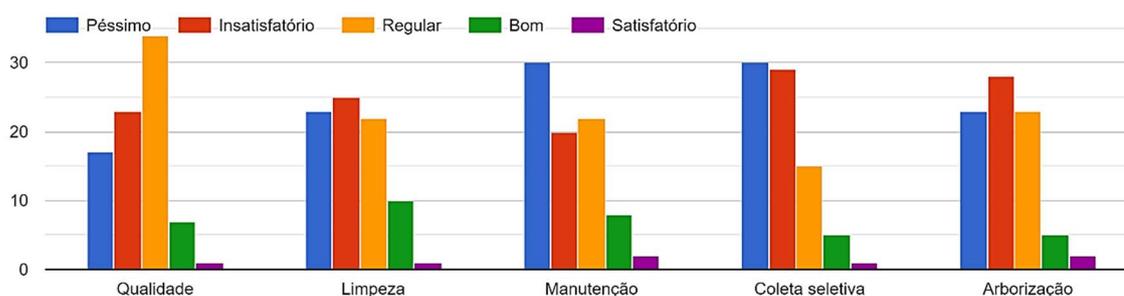
Figura 37. Gráfico de respostas de entrevista aos moradores do Marcos Freire II a respeito da satisfação (níveis que variam de 1 a 5) em relação às praças e outros espaços públicos do conjunto.

80 respostas



Fonte: Formulários Google adaptado pela autora (2020).

Figura 38. Gráfico de respostas de entrevista aos moradores do Marcos Freire II a respeito da satisfação (níveis que variam de péssimo a satisfatório) em relação às praças e outros espaços públicos do conjunto.



Fonte: Formulários Google, adaptado pela autora (2020).

O objetivo dessa entrevista foi conhecer melhor os moradores do Marcos Freire II, saber a opinião e o sentimento deles em relação a esses espaços e a situação em que eles se encontram. A mesma questão foi feita de duas maneiras: uma mais objetiva, com alternativas de 1 a 5, onde a resposta “1” seria péssimo e “5” satisfatório; e a segunda mais específica, com alternativas distribuídas em aspectos (qualidade, limpeza, manutenção, coleta seletiva e arborização), ambas com a seguinte indagação: “De modo geral, qual o seu grau de satisfação em relação às praças e outros espaços públicos do Marcos Freire?”. Fica evidente a insatisfação da maioria dos entrevistados, pois apenas uma pequena minoria mostra-se satisfeita. Vê-se então que há uma deficiência em todos os aspectos observados em entrevista, a maioria relacionada à sustentabilidade.

Diagnóstico Dos Espaços Públicos Do Marcos Freire II

Antes de realizar o estudo de viabilidade dos critérios sustentáveis nos espaços públicos do Marcos Freire II, é necessário fazer um diagnóstico geral, para melhor compreensão desses espaços, observando as características de cada um, usando como base os estudos realizados nos capítulos anteriores. O conjunto Marcos Freire II é rico em espaços livres. Com exceção das calçadas estreitas, possui muitas áreas a serem melhor aproveitadas, pois muitos desses espaços estão em desuso, servindo apenas como “depósito” de lixo a céu aberto. Esses espaços são resultantes da malha urbana marcada pelos grandes cruzamentos – considerando sua composição pelas rotatórias, terrenos no entorno das mesmas e os canteiros.

Tomando como base as definições do item 1.3 do capítulo 1, considerando as tipologias quanto à morfologia, os espaços livres públicos³¹ do Marcos Freire II podem ser classificados como: (a) circulares; (b) retilíneos estreitos; (c) triangulares; (d) retangulares; (e) de geometrias complexas (figura 39).

Figura 39. Classificação das tipologias dos espaços livres e públicos do Marcos Freire II, quanto à morfologia.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

³¹ Pela conformação, características dos usos observados e distribuição espacial ao longo desses espaços, subentende-se que são todas áreas públicas, pois são encontrados equipamentos públicos nesses espaços como o Hospital Regional José Franco Sobrinho, a Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior, com exceção do posto de gasolina, localizado ao sul do conjunto.

Em modo geral os espaços melhor aproveitados pelos moradores são, respectivamente, as áreas com geometria complexa, que são os terrenos em desuso no entorno da rotatória; os retilíneos estreitos que são os canteiros localizados ao longo das vias principais; os triangulares, as sobras da malha urbana; e os terrenos retangulares, principalmente os que ficam no entorno dos canais. É notória a circulação e permanência nessas tipologias, talvez devido à pequena dimensão da maioria desses espaços, o que facilita na manutenção e cuidados dos próprios moradores.

Circulares:

Os espaços livres públicos de formato circular são localizados nos cruzamentos das principais vias do conjunto. Apesar de serem elementos marcantes em termos de desenho urbano, pontos nodais de direcionamento e circulação no conjunto, observa-se que não são identificados como pontos de referência, como bem coloca Lynch (1997), pois são isentos de construções, de elementos vegetativos, ou qualquer outro elemento que remeta à identidade, pertencimento ou mesmo uso por parte da população. Segundo Lynch (1997), para que haja identificação é necessário distinção.

Uma imagem viável requer, em primeiro lugar, a identificação de um objeto, o que implica a sua distinção de outras coisas, o seu reconhecimento como uma entidade separável. Falamos de identidade, mas não no sentido de igualdade com outra coisa qualquer, mas significando individualmente ou particularidade (LYNCH, 1997, p.18).

O autor Kevin Lynch (1997) descreve em seu livro “A imagem da cidade”, as definições de cruzamento como um dos principais elementos da imagem urbana:

Os cruzamentos são pontos, locais estratégicos de uma cidade, através dos quais o observador nela pode entrar e constituem intensivos focos para os quais ele se desloca. Podem ser essencialmente junções, locais de interrupção num transporte, um entrecruzar ou convergir de vias, momentos de mudança de uma estrutura para outra. Os cruzamentos podem, também, ser simples concentrações que revestem de importância por serem a condensação de alguns hábitos ou pelo seu caráter físico, tais como a esquina de uma rua ou um largo rodeado de outros elementos. Alguns destes nós de concentração são o foco ou “resumo” de um bairro. É destes nós que a sua influência irradia muitas vezes, tornando-se, por vezes, um cruzamento o símbolo de um bairro. Podem, por isto também, chamar-se “centros”. Muitos destes nós partilham da natureza tanto das junções como das concentrações. O conceito de cruzamento está relacionado com o de via, pois os cruzamentos são típicas convergências de vias, factos do percurso. Estão, semelhantemente, ligados ao conceito de bairro, devido ao seu caráter de núcleo, que, por sua vez, é o foco intenso, o centro polarizador do bairro. Em qualquer caso ou imagem, encontram-se focais e, em alguns casos, eles são até a característica dominante (LYNCH, 1997, p. 58 e 59).

As rotatórias são terrenos circulares, geralmente localizados nos limites dos conjuntos habitacionais do complexo Taiçoca, no cruzamento das vias principais, pontos nodais que auxiliam no tráfego de veículos e até mesmo como referência de localização (figuras 40 a 42). Resultante do desenho das vias, talvez tenha sido um dos primeiros espaços a serem demarcados na malha urbana, são espaços potenciais, mas são pobres em dinâmicas. Atualmente são espaços sem ocupação onde poderiam ter alguma função na vida urbana, como é o caso do Terminal de Integração José Franklin de Oliveira, que no ano de 2009 deixou de ser apenas um vazio urbano, um espaço residual, para dar lugar ao Terminal de Integração.

Figura 40. Rotatória próximo ao Hospital.



Fonte: Google maps, 2020.

Figura 41. Rotatória próxima à Ponte José Rollemberg, um dos principais acessos à Nossa Senhora do Socorro.



Foto tirada pela autora, 2020

Figura 42. Terminal de Integração José Franklin de Oliveira



Fonte: Google Maps, 2020.

É uma pena que essas áreas, com exceção do Terminal de Integração, estejam desocupadas, pois são rotatórias largas com potencial para diversos usos, principalmente contemplativo, pelo fato de serem pontos nodais, onde deveriam ser lugares de destaque na cidade, pois são bem visíveis. Jane Jacobs (2009) em seu livro “Morte e vida das grandes cidades” destaca a praça *Logan Circle*, na Filadélfia como um exemplo bem-sucedido de praça contemplativa em uma rotatória, que também é considerada como ilha de tráfego.

A rotatória foi adornada com um chafariz que jorra alto e um jardim bem cuidado. Ainda que não seja convidativo ir lá a pé e se trate mais de um local para ser visto para quem passa de automóvel, a rotatória recebe um punhado de pessoas nos dias claros (JACOBS, 2009, p.101).

Em relação ao fato de ser contemplativo, a autora ainda fala que:

[...] os parques que existem em princípio somente para agradar aos olhos, sem outras finalidades, têm de estar necessariamente onde os olhos os vejam; e devem ser necessariamente pequenos, porque para cumprir bem sua função, devem fazê-lo com beleza e intensidade, não superficialmente (JACOBS, 2009, p. 117).

Esses espaços podem assumir diversas funções, devido ao espaço razoável e localização, mas por ter grande visibilidade e serem pontos referenciais o mais indicado seria que fossem ocupados com praças com usos distintos e variados, com elementos que corroborem a particularidade de cada uma, com perfil mais contemplativo.

Retilíneos estreitos

Os espaços classificados como retilíneos estreitos são os canteiros centrais localizados ao longo das vias principais, onde é concentrada a maior parte dos imóveis comerciais. É possível compreender toda a extensão dessa tipologia observando a figura 43. São espaços bem arborizados, tornando o ambiente mais sombreado, arejado e confortável, convidativo à permanência, propício ao comércio ambulante de alimentos, bem como passeio ciclístico, pois ainda dispõe de ciclovias (figuras 43 a 45). Entretanto, apesar da apropriação por parte dos moradores, esses canteiros não dispõem de nenhum mobiliário urbano, o que prejudica de certa forma a permanência das pessoas. Mesmo que esses espaços sejam praticamente para circulação de pedestres e ciclistas, seria muito mais agradável se houvesse um local de parada, para descansar, conversar, que houvesse alguns coletores de lixo ao longo de todo o percurso. Esses espaços são estreitos e bem agradáveis no quesito conforto térmico, porém não possuem mobiliário algum, o contrário das praças implementadas que até possuem mobiliário urbano, mas num espaço grande, sem conforto, e pouco arborizado.

Figura 43. Canteiro central da avenida Coletora "C", Marcos Freire II



Foto tirada pela autora, 2020.

Figura 44. Canteiro central da avenida Coletora "C", Marcos Freire II



Foto tirada pela autora, 2020.

Figura 45. Canteiro com potencial para espaço de permanência. Avenida Coletora "C".



Fonte: Tatyane Teodoro, 2017.

Os moradores já se apropriavam desses espaços desde o surgimento dos conjuntos, onde inicialmente foram construídos barracas e quiosques, muitos deles clandestinos os quais na maioria funcionava bares, lanchonetes e sorveterias, porém no início dos anos 2000 com a reforma das vias, foram todos retirados, com a proposta de melhorias ao sistema viário do município, e conseqüentemente impactando os responsáveis e usuários do comércio. Anos depois, no início de 2013 foi inaugurada a ciclovia. A modificação trouxe melhorias na mobilidade e no paisagismo, com a inserção da arborização, porém o comércio informal poderia ter sido realocado para um local específico, como por exemplo, as áreas livres de maiores dimensões.

Triangulares

Para efeito de classificação foram consideradas como formas triangulares as sobras da malha urbana, os "retalhos", pois algumas não formam geometricamente um triângulo exato, devido aos acabamentos dos cantos arredondados.

A praça denominada "Praça do CEME³²" (figuras 46 e 47), é um exemplo onde mostra a importância da participação da população na preservação dos espaços públicos. Os próprios moradores do local cuidam das plantas, regam, varrem a praça, e alguns até mesmo fazem a manutenção, fazendo alguns reparos. Apesar de ser fisicamente semelhante a praça anterior, ela tem esse diferencial, que é o cuidado dos usuários.

Figura 46. Praça do CEME



Fonte: Google Earth, 2020.

Figura 47. Praça do CEME



Foto tirada pela autora, 2020.

Os espaços destacados nas figuras 48 a 53 são os menores dessa tipologia, onde funcionam bares e, apesar das dimensões, ainda são arborizados.

³² Nome adotado pela autora por estar localizada próximo ao Colégio CEME –Centro Educacional Minha Escola.

Figura 48. Praça do Hospital José Franco.



Fonte: *Google Earth*, 2020.

Figura 49. Praça do Hospital José Franco.



Foto tirada pela autora, 2020.

Figura 50. Canteiro próximo à Praça da Juventude.



Fonte: *Google Earth*, 2020.

Figura 51. Canteiro próximo à Praça da Juventude.



Foto tirada pela autora, 2020.

Figura 52. Canteiro próximo à Praça das Quadras.



Fonte: *Google Earth*, 2020.

Figura 53. Canteiro próximo à Praça das Quadras.



Fonte: *Google Earth*, 2020.

O canteiro em desuso apresentado nas figuras 54 e 55 é o único dessa tipologia sem ocupação alguma, bem como não possui nenhuma vegetação, sujeito ao descarte de lixo à céu aberto.

Figura 54. Canteiro sem ocupação.



Fonte: *Google Earth*, 2020.

Figura 55. Canteiro sem ocupação.



Foto tirada pela autora, 2020.

O terreno apresentado nas figuras 56 e 57 tem potencial para praça, afinal as pessoas utilizam o espaço como tal. O espaço é pequeno, porém bem arborizado, apesar de não oferecer uma boa dinâmica do espaço, pois os bancos ficam dispersos onde não tem sombra, e possui bares e lanchonetes. Porém segundo relatos de alguns moradores, no local deveria existir uma creche, talvez seja essa a razão de não ter um nome que o identifique.

Figura 56. Terreno com potencial para praça.



Fonte: *Google Earth*, 2020.

Figura 57. Terreno com potencial para praça.



Foto tirada pela autora, 2020.

Esses espaços triangulares são bem menores em relação às outras tipologias (circulares, geometrias complexas, retilíneos estreitos, retangulares). Porém, apesar disso a maioria deles são bem arborizados e aconchegantes, por isso são bem frequentados e propícios a cuidados dos próprios usuários, mas devido ao tamanho pequeno não dispõe de muitas atividades, onde apenas três desses espaços são praças construídas, nos demais funcionam bares e lanchonetes.

A Praça do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) (figuras 58 a 60) é uma exceção dessa tipologia triangular, pois também se assemelha com a tipologia dos espaços retilíneos estreitos, porém é um espaço mais largo e possui equipamentos caracterizando-se como praça, diferente dos retilíneos que são locais de passagem e localizam-se nos eixos das vias.

Figura 58. Praça do CAPS



Fonte: *Google Earth*, 2020.

Figura 59. Praça do CAPS,



Foto tirada pela autora, 2020.

Figura 60. Arborização da Praça do CAPS,

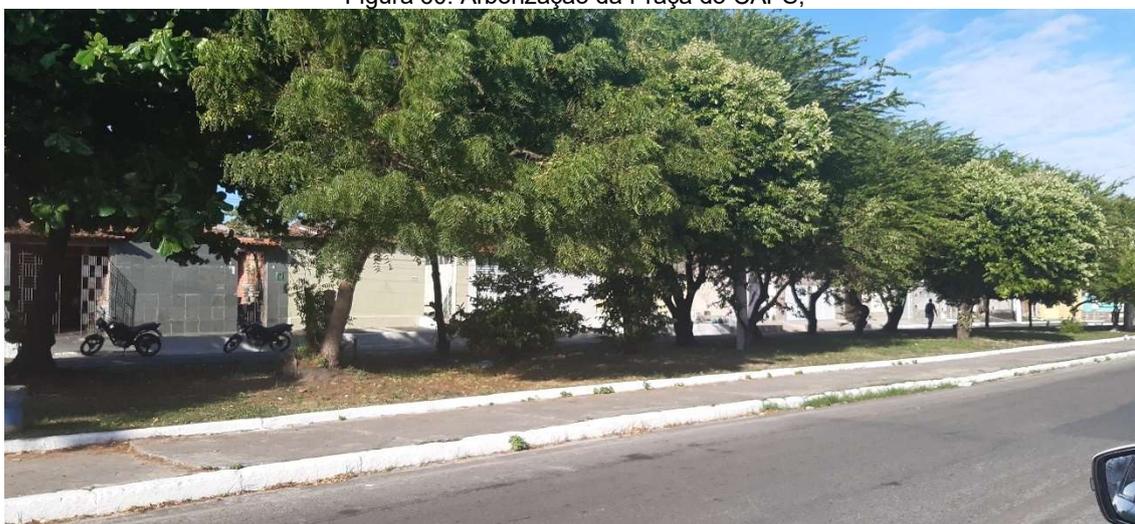


Foto tirada pela autora, 2020.

Pôde-se observar então que essa forma é mais adequada para canteiros, pequenas praças e comércio alimentício.

Retangulares

Para essa classificação foram destacados os espaços que possuem as formas retilíneas largas ou quadradas considerando, de modo geral, a geometria semelhante à forma retangular. Para descrever melhor, serão utilizados cinco exemplos, são elas: Praça de Eventos, Praça das Quadras, Praça Silvio Garcez Vieira, Praça Terra Prometida e espaço livre com função de praça no entorno de canal de drenagem.

O primeiro exemplo de praça retangular encontrada no conjunto Marcos Freire II é a Praça de Eventos (figuras 61 e 62). A praça foi a primeira a ser construída no conjunto Marcos Freire II, também chamada de Praça do Monteiro, nome de uma figura

popular do local, dono de muitas propriedades no conjunto e idealizador dessa construção. Inicialmente tudo girava em torno dessa praça, por isso ela é conhecida como Praça de Eventos, sendo ainda hoje um dos principais pontos de referência do conjunto. Ela não oferece muitos equipamentos, inicialmente possuía canteiros que serviam de assento para encontros que foram retirados com o tempo, porém ainda contém um palco no qual acontece vários tipos de eventos, religiosos, escolares, culturais, artísticos, etc., bar, abrigo de ônibus e uma galeria onde funcionam outros barzinhos, lanchonetes, farmácia, barbearia e outros serviços que variam com o tempo de acordo com as locações, incluindo uma rádio que funcionava anteriormente. Diante de sua dimensão pequena é consideravelmente arborizada com espécies de porte médio. Possui em seu entorno serviços como mercearias, farmácias, academia, armarinho, padarias, borracharia, igrejas, salões de beleza, lanchonetes etc.

Figura 61. Vista aérea da Praça de Eventos, Marcos Freire II



Fonte: Google Earth, 2021.

Figura 62. Praça de Eventos, a primeira praça do conjunto Marcos Freire II



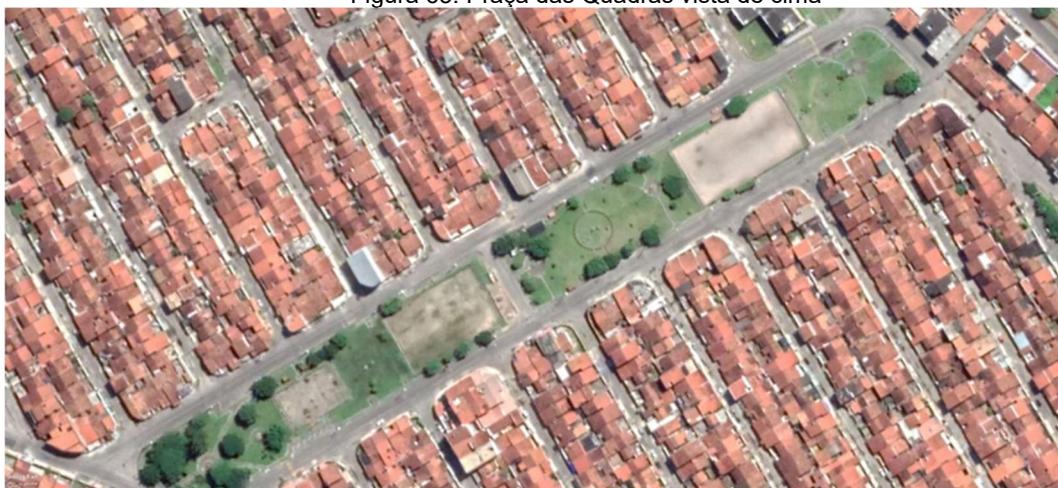
Foto tirada pela autora, 2020.

Diante dos estudos apontados anteriormente referente às tipologias, essa praça se classifica quanto à sua morfologia como retangular, resultante do desenho das vias e quadras. Quanto ao uso e apropriação ela pode ser classificada como praça de mercado, devido ao comércio existente no próprio terreno e no entorno imediato; lúdica por proporcionar muitos eventos; e zona de passagem pelo fato de estar inserida entre lotes, sendo delimitada por lotes residenciais e comerciais e duas vias, onde as pessoas passam até chegar ao seu destino. Já em relação à sua vegetação pode ser considerada como praça seca, devido a suas características de largo e apesar de sua arborização, ele possui pouca área permeável, fazendo relação com o construído.

Quanto ao acesso ela não possui barreiras físicas, possibilitando a passagem das pessoas no espaço, possui uma fluidez visual, quanto ao acesso simbólico é um espaço acessível a todos na maior parte do tempo, porém deve-se considerar que apresenta sinais que dificultam a permanência de algumas pessoas em certos horários, devido ao desconforto causado pelo comportamento de clientes dos barzinhos e alguns jovens usuários de drogas.

O segundo exemplo de praça retangular é a Praça das Quadras (figura 63), a segunda a ser construída no conjunto, por muitos anos foi a principal praça do Marcos Freire II, diferente da primeira ela possui vários equipamentos, muitos voltados ao esporte, por isso o nome, sendo eles parque infantil, bancos de concreto, estacionamento, uma considerável área verde, quadras, e campo de futebol, podendo ser classificada como praça de jogos, observando sua tipologia quanto ao uso e apropriação. É também uma praça retangular resultante do desenho das vias, sendo cortada ao centro por outra via, devido a extensão do terreno. Em seu entorno predominam os lotes residenciais, porém existem alguns lotes comerciais como padarias, *delicatessen*, igrejas, escolas, creches, barbearias, academias, mercearias etc.

Figura 63. Praça das Quadras vista de cima



Fonte: Google Earth, 2021.

Referente às tipologias também pode ser considerada como zona de passagem, onde estando localizada entre quadras as pessoas utilizam-na para travessia de uma quadra a outra. Já em relação à sua vegetação pode ser considerada tanto como praça seca quanto como praça jardim. Observando a imagem de satélite pode-se notar as duas características nos lados opostos. É relevante destacar nessa praça a importância da participação da população quanto aos cuidados dela, pois devido sua grande extensão fica notório as áreas onde é mais cuidada (figura 64). Com isso, nota-se que o lado mais verde e arborizado, os moradores fazem a rega das plantas e a limpeza matinal, já o outro lado tem uma área permeável, porém é escasso de arborização, causando assim certo desconforto ao se sentar nos bancos durante o dia (figura 65).

Figura 64. Lado verde da Praça das Quadras, Marcos Freire II.



Foto tirada pela autora, 2020.

Figura 65. Manutenção e equipamentos, Praça das Quadras, Marcos Freire II.



Foto tirada pela autora, 2020.

A Praça Silvio Garcez Vieira (figura 66) fica localizada na extensão de um dos canais do conjunto Marcos Freire II, possui forma retangular, dispõe de atividades como

encontro e parque infantil. Apesar de ser a mais nova do conjunto, não apresenta tantas inovações em estrutura e equipamentos se comparada às outras existentes, nem apresenta grandes preocupações com o meio ambiente. Sua construção é mais um feito político com o intuito de popularidade, tanto que visivelmente parece uma obra inacabada. Contudo, sua construção trouxe melhorias, ainda que mínimas, como o embelezamento dessa área e a interação social, além de ser mais um local para atuação do comércio ambulante.

Figura 66. Praça Silvio Garcez Vieira



Foto tirada pela autora, 2020.

O espaço livre, atualmente chamado de praça Terra Prometida é, em resumo, uma área não implementada de aproximadamente quatorze mil metros quadrados, praticamente no centro do conjunto, que no momento tem sido utilizada para descarte irregular de lixo doméstico. O espaço conta com um campo de areia improvisado pelos próprios moradores e ainda possui duas pequenas edículas onde funcionam barzinhos, fora isso esse espaço consideravelmente grande só serve como passagem para os moradores (figuras 67 e 68).

Figura 67. Bares existentes da Praça Terra Prometida



Foto tirada pela autora, 2020.

Figura 68. Praça Terra Prometida vista de cima.



Fonte: *Google Earth*, 2021.

A Praça Terra Prometida possui uma área extensa que, apesar de não construída, é bem frequentada pelos moradores. O espaço se assemelha à Praça das Quadras não só fisicamente, mas também encontrando-se no seu entorno edificações residenciais, comerciais, como bares, lanchonetes, panificação, academias, mercearias, e outros usos como igrejas. Alguns moradores do entorno também cuidam do espaço através do plantio de mudas, porém neste caso há também quem descarte o lixo em algumas áreas da praça, talvez a ausência de infraestrutura seja um fator motivador para que isso aconteça.

O canal de drenagem próximo à Praça de Eventos (figura 69) também é um espaço público livre com função de praça. O local recebeu como investimento um tratamento paliativo por parte de alguns administradores públicos. Sem progresso, o espaço permaneceu sua estrutura, nem equipamentos públicos e como mobiliário urbano apenas uns bancos de concreto.

Figura 69. Espaço livre com função de praça, em torno do canal, extensão da Praça de Eventos.



Foto tirada pela autora, 2020.

Esse espaço também possui uma área considerável que poderia ser melhor explorada, aliás essa tipologia de praças do conjunto Marcos Freire II, como já foi comentado, têm muitas características em comum, portanto deveriam ter o mesmo perfil de uso e função de praça.

Espaços com geometria complexa

Os espaços considerados com geometria complexa, fisicamente tem um formato semelhante à um “bumerangue” e estão localizados no entorno das rotatórias, típico dos conjuntos habitacionais do Complexo Taiçoca, onde funcionam praças e outros equipamentos, próximo à um dos principais acessos, sendo isso um potencial para outros equipamentos públicos de uso coletivo, devido ao tamanho, boa localização e topografia favorável.

No conjunto existem oito espaços com essa tipologia, quatro deles estão ocupados, são eles: a Praça da Juventude, a área do posto de gasolina (áreas 2 e 3, na figura 70), o Hospital Regional José Franco Sobrinho e a Praça do SESC (áreas 3 e 4, figura 71), os demais espaços não possuem construção. O terreno próximo ao terminal de Integração (área 4, figuras 72 a 74) é sempre movimentado através de eventos como parques de diversões, circos e mesmo quando não acontece esse tipo de evento e ainda que o local não disponha de mobiliário urbano, as pessoas fazem uso do espaço através do comércio ambulante de alimentos. No seu entorno também se encontra uma concentração de imóveis comerciais, principalmente do ramo alimentício, o que acaba influenciando na concentração de pessoas no local, devido a circulação, aumentando ainda mais o potencial do espaço para o uso coletivo (figuras 72 a 74).

Figura 70. Espaços de geometria complexa no cruzamento próximo à Ponte de acesso José Rollemberg Leite, Marcos Freire II.



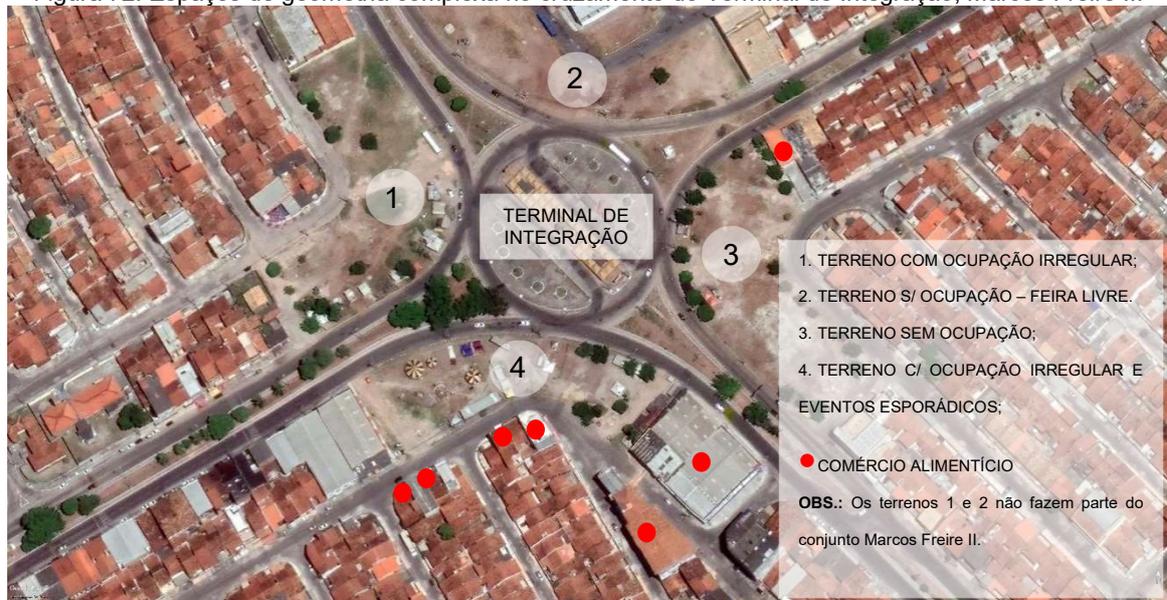
Fonte: *Google Earth*, adaptado pela autora, 2020.

Figura 71. Espaços de geometria complexa no cruzamento do Hospital José Franco, limite do conjunto Marcos Freire II.



Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2020.

Figura 72. Espaços de geometria complexa no cruzamento do Terminal de Integração, Marcos Freire II.



Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2020.

Figura 73. Área com uso e potencial para praça, Marcos Freire II.



Foto tirada pela autora, 2020.

Figura 74. Área com uso e potencial para praça, Marcos Freire II.



Foto tirada pela autora, 2020.

As áreas com essa tipologia têm em comum, não só a forma, mas também possuem terrenos amplos e localização de notoriedade, sendo um potencial para equipamentos de maior porte, como praças, escolas públicas, creches, estabelecimentos comerciais como feiras e mercados, e outros usos.

Definição do objeto de estudo

Em resumo, os espaços públicos do Marcos Freire II, construídos ou não, são bem aproveitados pelos moradores, apesar de alguns não apresentarem estrutura, equipamentos, compatíveis ao conforto de uso por parte da população. Sabe-se que o conjunto é predominantemente residencial, com isso percebe-se que nos locais onde no entorno imediato predominam vias mais estreitas e casas, as áreas livres são mais arborizadas e cuidadas. Já nas áreas com vias mais largas e onde predominam os imóveis comerciais, com exceção de um trecho da avenida coletora “C”, essas áreas são desprovidas de vegetação e cuidados por parte dos moradores. Nota-se então o papel fundamental dos moradores para a vitalidade nas ruas, não só como atores, mas também como agentes passivos, isto é, eles são agentes transformadores, atuantes no cuidado e manutenção dos espaços, figuras que compõem a imagem/paisagem da cidade. Pode-se perceber então que a população e o poder público assumem um papel importante para a boa manutenção dos espaços públicos da cidade. O poder público no seu papel de promotor investindo e equipando estes espaços, e a população no seu papel de usuária, mantendo, zelando e fiscalizando a melhoria dos espaços de forma contínua.

Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas atividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadores deste espetáculo, mas sim uma parte ativa dele, participando com os outros num mesmo palco (LYNCH, 1997, p. 11 e 12).

Todos os espaços analisados possuem terrenos praticamente planos, são bem acessíveis (com exceção das rotatórias) e estão bem localizados, sendo assim bons espaços para serem explorados, porém essas áreas tiveram pouco ou nenhum investimento público, tanto para execução de obra quanto para manutenção, necessitando de cuidados e requalificação. De todos os espaços públicos do conjunto Marcos Freire II, a Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior foi uma das poucas implementadas e, visivelmente, a que mais recebeu investimentos públicos, sendo assim a mais equipada e indicada para o estudo de viabilidade, seguindo um dos princípios da sustentabilidade, que é aproveitar o existente.

A necessidade de trabalhar com a temática da sustentabilidade se dá pela necessidade de minimizar os impactos ambientais, visto que o meio ambiente em geral clama por cuidados, e o Conjunto Marcos Freire II não é exceção. A maioria das praças do conjunto Marcos Freire II se encontram sem infraestrutura, sem equipamentos de lazer. Como consequência dessa omissão política de não estruturar estes espaços, a população acabou se apropriando deles. Através das visitas realizadas *in loco* pôde-se observar dois diferentes tipos de comportamento quanto a estes espaços que, com base no projeto do conjunto Marcos Freire II, supõe-se que deveriam ser praças. O primeiro tipo de comportamento seria sua utilização para atividades informais de lazer e consumo, como campos improvisados de “pelada” e instalação de comércio informal para alimentação. Um segundo tipo de comportamento identificado diz respeito ao desprezo completo por estes espaços, havendo a prática comum de descarte de resíduos sólidos domiciliares. Através dessas observações é possível compreender que estes espaços além de terem potencial por poderem proporcionar a interação social e novas dinâmicas urbanas (como espaços de lazer, comércios e serviços), são também carentes de atenção diante das práticas de comportamento não sustentável pelos moradores ao descartarem seu lixo doméstico. Com isso, esse trabalho abarca essas duas questões, os benefícios quanto à infraestrutura e propagação de uma melhor consciência, educação ambiental.

Como diz Vicente Del Rio “no fundo esta temática é dependente da educação social, tanto da população quanto dos seus dirigentes; reporta-se desde o nível de comportamento ao de detalhamento do mobiliário urbano.” (DEL RIO; 1990, p. 120). Pois todos devem fazer a sua parte sem esperar a atitude do próximo, se todos contribuírem se alcançará o resultado esperado.

4.3. Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior

Antes de abordar sobre os critérios de sustentabilidade, é importante fazer uma análise geral da praça como uma praça convencional, isto é, “não sustentável” e a

partir daí observar quanto aos critérios de sustentabilidade, averiguando se atende algum, ou quais critérios poderiam ser adaptados.

A Praça da Juventude do conjunto Marcos Freire II é uma obra recente e uma das poucas praças construídas e conseqüentemente a mais equipada do conjunto, feita através de um projeto federal que já segue critérios básicos para execução de obra. Tendo em vista que será analisada a viabilidade da praça quanto aos critérios sustentáveis, a escolha da mesma foi dada devido a vários fatores, seu tamanho, está em uma localização estratégica, é um espaço utilizado pelos moradores mesmo antes de sua construção, inclusive como zona de passagem (assunto abordado no tópico 1.3.). A Praça da Juventude é um programa com modelo de praça nacional, criada pelo Ministério do Esporte (ME), com o objetivo de promover a inclusão social por meio de práticas esportivas e de lazer, onde todas elas oferecem uma estrutura física padrão no que se refere aos equipamentos públicos em forma de módulos, tendo como requisito uma área mínima de sete mil metros quadrados para execução (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2013).

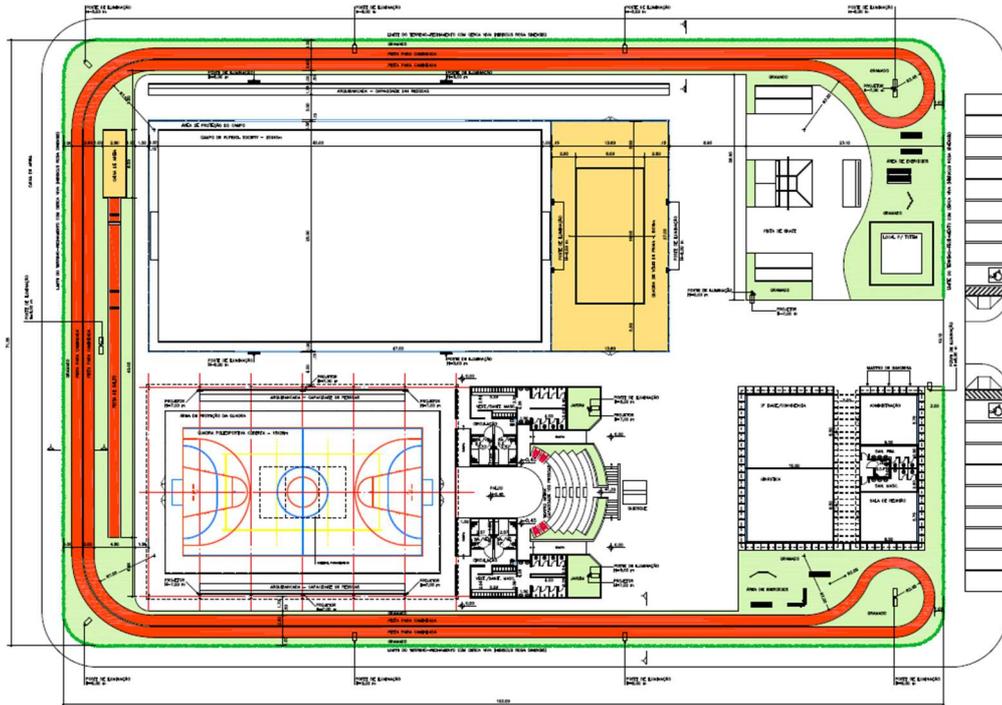
Um projeto básico de Praça da Juventude tem o desafio de adequar esses módulos (equipamentos –figuras 75 e 76) a cada situação, dependendo de vários fatores, desde posições diversas de implantação, geometrias distintas, disponibilidade da área e topografia de cada terreno, posicionamento de mobiliário e equipamentos verificando a incidência solar, localização do terreno, pré-existência de outros equipamentos, entre outros.

Figura 75. Perspectiva de Praça da Juventude padrão indicando os equipamentos.



Fonte: Ministério do Esporte, adaptado pela autora, 2021.

Figura 76. Planta baixa de projeto básico com modelo de equipamentos para Praça da Juventude.



Fonte: Ministério do Esporte.

A primeira praça dessa natureza no Brasil fica localizada no bairro Augusto Franco, Aracaju - SE, no local já existia a praça que recebia o nome de João Goulart, porém passou por uma reforma onde foram adaptados os equipamentos exigidos pelo programa. Fica evidente ao observar na sua implantação, na paginação dos pisos, na vegetação (figura 77), que a praça recebeu investimentos, apesar de ter sido uma reforma, houve dedicação quanto ao projeto e ao paisagismo – talvez por se tratar de um modelo pioneiro, com investimentos de órgãos federais, e intenção de notoriedade.

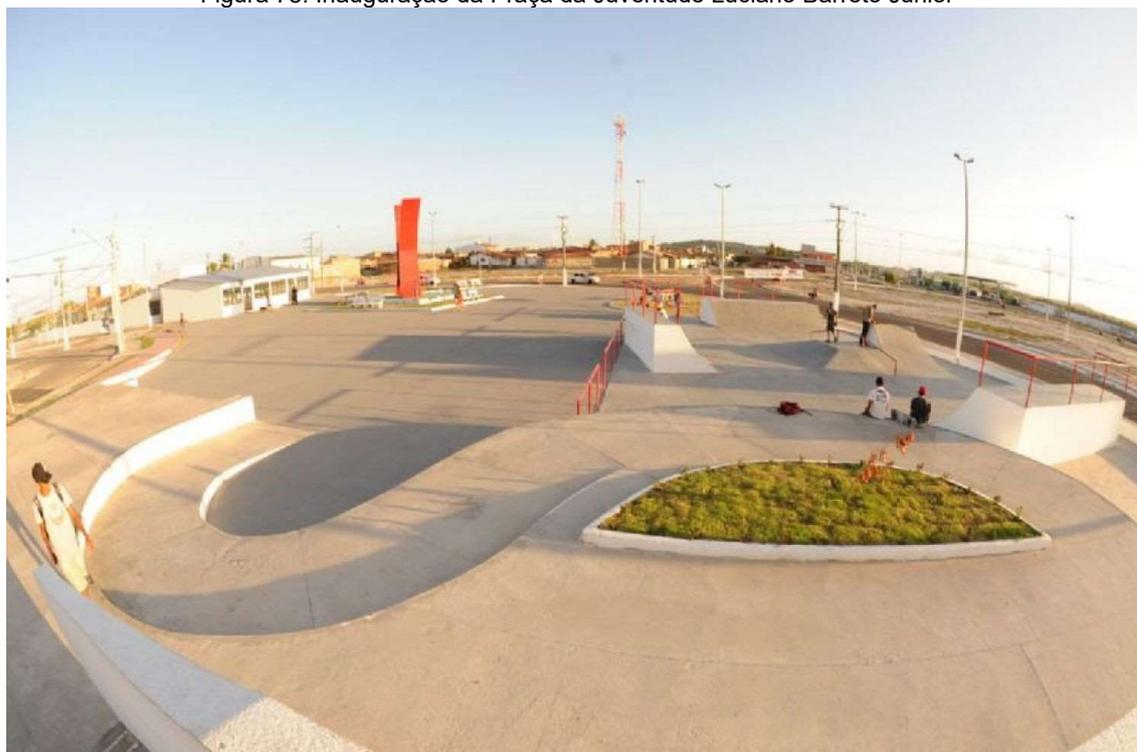
Figura 77. Praça da Juventude João Goulart, Bairro Augusto Franco, Aracaju – SE.



Fonte: Ministério do Esporte

Já na Praça da Juventude do Marcos Freire II, não se pode observar o mesmo (figura 78), onde desde sua inauguração não se nota essa preocupação com as áreas verdes, além de ter uma estrutura inferior, mesmo sendo um projeto padrão. A praça possui uma área de mais de 13mil m² (treze mil metros quadrados), foi inaugurada em 2013, recebendo o nome de Luciano Barreto Júnior, e é a segunda desta natureza no Estado. O espaço oferece um programa para atividades esportivas e de lazer como quadra poliesportiva coberta, quadra de vôlei, campo de futebol *society*, pista de salto, pista de *cooper*, pista de *skate*, anfiteatro com arquibancada, academia de ginástica em alvenaria, área de convivência para adultos, crianças e melhor idade, estacionamento, área verde, dois vestiários e administração, internet *Wi-Fi* gratuita, três salas para oficinas, cursos e projetos, além da administração e policiamento da Guarda Municipal. No seu entorno imediato existe um grande espaço livre aberto, com uma área de aproximadamente 5mil m² (cinco mil metros quadrados), onde funciona também a atividade de feira livre nas quartas-feiras desde 2019, porém só foi asfaltada em 2020.

Figura 78. Inauguração da Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior



Fonte: Jornal do Dia, publicado em 08 de fevereiro de 2013 - 02:28

Apesar de aparentar atratividade, por ser um espaço consideravelmente grande, e devido a vasta quantidade de atividades disponíveis nesse espaço, a praça ainda apresenta pontos que precisam de melhorias, para atingir o sentimento de pertencimento e identidade, bem como melhorias em termos de critérios de

sustentabilidade, para garantir o funcionamento com qualidade para a atual e futuras gerações.

A Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior foi a terceira praça a ser projetada no conjunto e, apesar de ter sido implementada, apresenta alguns problemas que poderiam ter sido evitados, como por exemplo, falhas no conforto térmico, devido a pouquíssima arborização, que não é compatível com o tamanho da praça, além da escolha dos materiais utilizados para execução.

O espaço não oferece segurança, onde deveria ser um ponto de encontro para todos, tem sido de uso restrito por parte de alguns usuários devido a situações de perigo, tornando-a insegurança e pouco frequentada.

Diagnóstico da praça:

O diagnóstico da praça foi realizado a partir de duas análises: uma baseada em observações feitas através de visitas ao local pela própria autora, já a segunda foi baseada na opinião dos moradores da região e de pessoas que frequentam o espaço, através de entrevistas (em apêndice B). Foi possível então elaborar um quadro onde são destacados os pontos positivos e negativos observados (Quadro 2).

Através de visitas ao local, foi possível perceber que a praça tem grandes proporções e possui muitos equipamentos esportivos, que atraem um público diversificado durante o dia. Ocorrem algumas atividades para idosos no início da manhã, mas os jovens são os que mais frequentam, pois além deles utilizarem os equipamentos ([ver Prancha de Equipamentos da Praça da Juventude em apêndice A](#)), também fazem outras atividades como caminhada, *cooper*, etc. e em diversos horários. Apesar da praça ter alto potencial de integração social e ser bastante ampla (com treze mil metros quadrados), é, contudo, evidente a carência de equipamentos de lazer e mobiliários de permanência, tais como bancos, áreas sombreadas, comércio, serviços, etc., dificultando as possibilidades de socialização entre moradores e transeuntes. A proposta de praça esportiva é plausível, porém alguns dos equipamentos dela, como a pista de salto e o centro de convivência com sala de ginástica, são pouco utilizados, supõe-se que isso se deva ao fato de não haver preocupação em atender às necessidades dos moradores durante o planejamento.

Em modo geral, o público usuário da praça se agrada do espaço, porém não escondem certa insatisfação e revelam os aspectos que poderiam ser melhorados que, em sua maioria, são a falta de segurança e abandono por parte do Poder Público. Segue alguns depoimentos que corroboram com essa realidade:

[...] se tivesse uma organização, tivesse uma pessoa que tomasse conta dessa praça, isso aí era maravilhoso né? Mas a praça vive abandonada,

por conta dos mala né mesmo? Fazendo o que não deve, arrebatando tudo aí, empinando as pessoas idosas de dormir. [...] porque, não tem uma pessoa que tome conta disso aí. Fica por conta deles né? (Transcrição completa nas páginas 119-121).

[...] mulher, melhorou bastante né? Só que assim tá abandonada né, porque tinha que ter guarda municipal e não tem, aí tá aí abandonada. [...] segurança né que não tem, manutenção também ela nunca teve depois que foi feita. “Melaram” aí com umas tintzinhas, mas tá aí, abandonada (Transcrição completa nas páginas 121-122).

Uma das qualidades observadas pelos usuários é a boa localização, que trouxe muitos benefícios para o local e um deles foi a ocupação do grande espaço vazio onde anteriormente era um areal.

[...] antes da praça um areal aí danado, só tinha mais era poeira [...] (Transcrição completa nas páginas 119-121).

[...] Aqui era tudo areia, daqui até o outro lado da feira [...] (Transcrição completa nas páginas 122-126).

Quadro 2. Diagnóstico preliminar da Praça da Juventude Luciano Barreto Junior

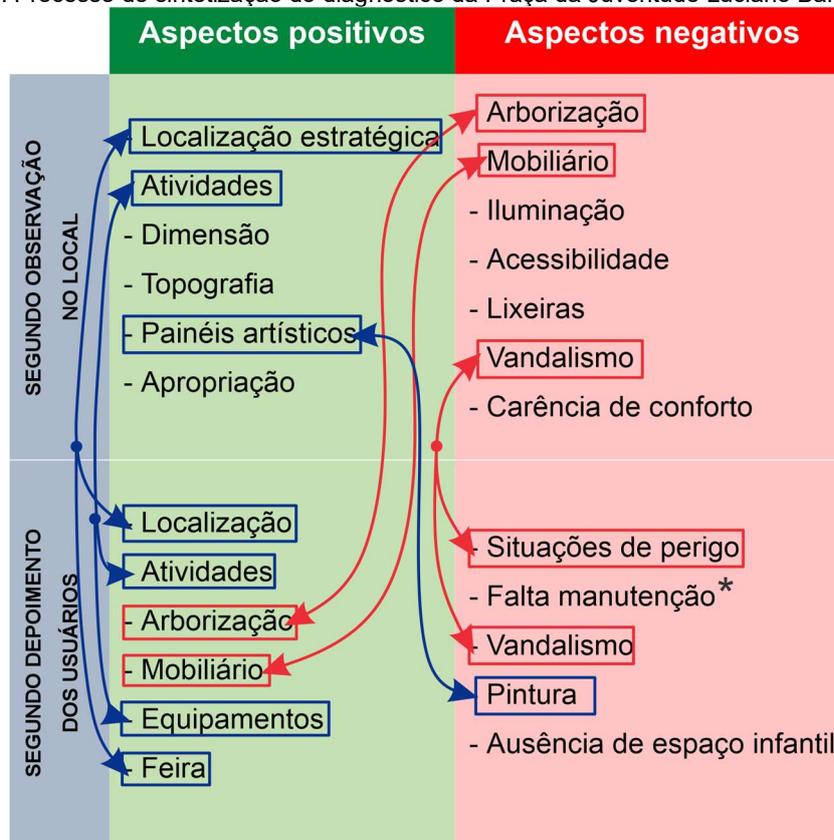
	Aspectos positivos	Aspectos negativos
SEGUNDO OBSERVAÇÃO NO LOCAL	<ul style="list-style-type: none"> - Localização estratégica - Atividades - Dimensão - Topografia - Painéis artísticos - Apropriação 	<ul style="list-style-type: none"> - Arborização - Mobiliário - Iluminação - Acessibilidade - Lixeiras - Vandalismo - Carência de conforto
SEGUNDO DEPOIMENTO DOS USUÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> - Localização - Atividades - Arborização - Mobiliário - Equipamentos - Feira 	<ul style="list-style-type: none"> - Situações de perigo - Falta manutenção - Vandalismo - Pintura - Ausência de espaço infantil

Elaborado pela autora, 2021.

Visto que muitos aspectos se assemelham entre as duas análises, foi feito um segundo quadro (Quadro 3) com o objetivo de sintetizar as características da praça apresentadas tanto pelas observações no local quanto pelos depoimentos dos usuários; definindo, assim, características mais próximas aos critérios de sustentabilidade

propostos por Pereira (2008). Porém nenhum dos aspectos apresentados pelos moradores e usuários foi desprezado, pois são relevantes.

Quadro 3. Processo de sintetização do diagnóstico da Praça da Juventude Luciano Barreto Junior.



* Esse aspecto não foi ignorado, visto que relaciona-se com todos os outros, foi distribuído.

 Aspectos positivos repetidos.

 Aspectos negativos repetidos.

Elaborado pela autora, 2021.

Os aspectos identificados como “localização”, “atividades” e “vandalismo” coincidiram em ambas as análises, permanecendo os dois primeiros como aspectos positivos e o último como negativo. Já os aspectos “arborização” e “mobiliário” foram classificados como negativos, pois apesar de o público achar a praça bem arborizada e mobiliada, não é o que se observa com um olhar mais técnico. O aspecto “equipamentos” corresponde ao aspecto “atividades”, logo foram incorporados entre si, assim como a “pintura” foi associada aos “painéis artísticos”, “feira” e “localização”, “situações de perigo” e “vandalismo”. O aspecto “falta de manutenção” foi distribuído entre os demais, visto que tem relação com todos os outros. O aspecto “ausência de espaço infantil” permanece como negativo.

Para efeito de análise quanto à sustentabilidade, foi elaborado o quadro síntese das análises (quadro 4), onde foram destacados os aspectos observados em ambas as análises.

Quadro 4. Diagnóstico síntese (final) da Praça da Juventude Luciano Barreto Junior.

	Aspectos positivos	Aspectos negativos
RESULTADO DA SINTETIZAÇÃO DAS ANÁLISES	<ul style="list-style-type: none"> - Localização estratégica - Atividades - Dimensão - Topografia - Painéis artísticos - Apropriação 	<ul style="list-style-type: none"> - Arborização - Mobiliário - Iluminação - Acessibilidade - Lixeiras - Vandalismo - Carência de conforto - Ausência de espaço infantil

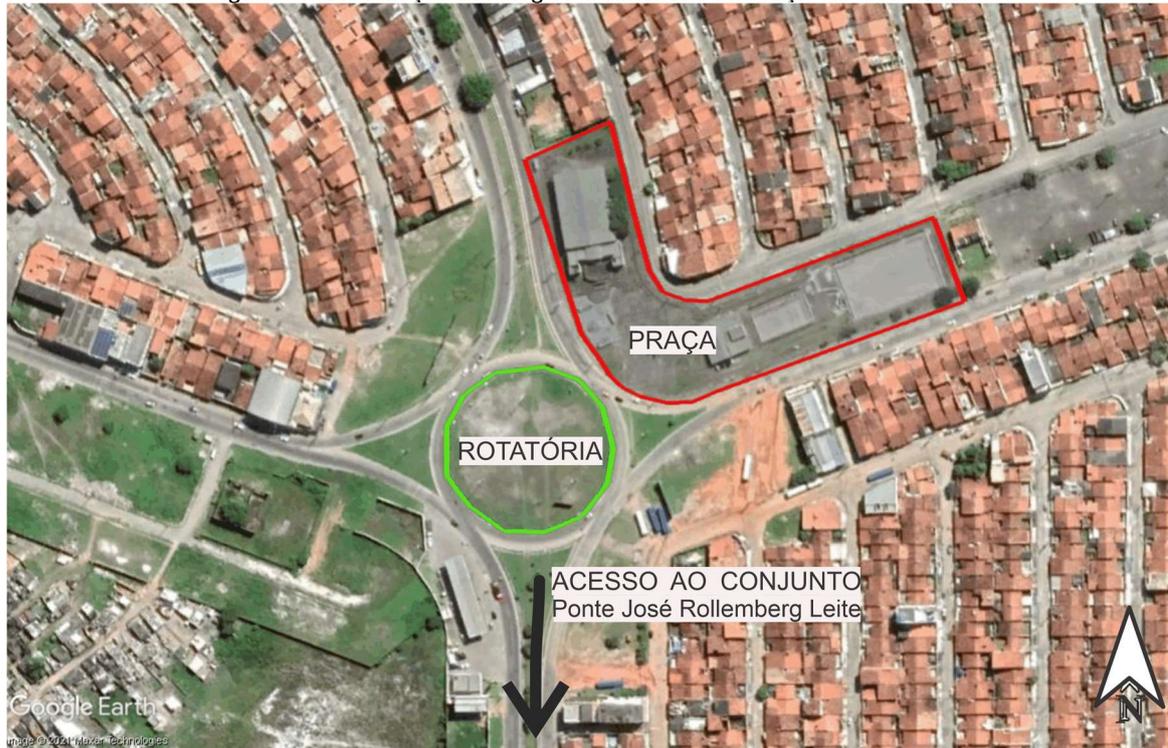
Elaborado pela autora, 2021.

Esses aspectos positivos e negativos observados foram apresentados a partir da sobreposição da opinião da população, através dos depoimentos dos usuários obtidos em entrevista, e das observações feitas através de visitas no local, levando em conta a relação de cada aspecto à sustentabilidade.

Com relação aos aspectos positivos, observou-se:

- **Localização Estratégica** – a Praça da Juventude tem como primeiro aspecto positivo a localização estratégica, visto que fica situado bem próximo à um dos principais acessos da cidade (Ponte José Rollemberg Leite), tendo visibilidade, pois fica em frente à uma das rotatórias do conjunto (figura 79 e 80).
- **Atividades** – as atividades desenvolvidas na praça em análise atraem pessoas até mesmo dos conjuntos vizinhos, por concentrar muitas atividades do gênero esportivo num mesmo espaço, sendo um caso atípico das tipologias de praças do conjunto Marcos Freire II e adjacentes (figuras 80 e 81).
- **Dimensão** – é outra característica positiva, possuindo uma área grande que possibilita uma maior quantidade de atividades, além das esportivas (figura 79).
- **Topografia** – possui topografia plana, sendo um ponto favorável na implantação dos equipamentos e execução da obra.

Figura 79. Localização estratégica e dimensão da Praça da Juventude.



Fonte: *Google Earth*, adaptado pela autora, 2021.

Figura 80. Vista da Praça da Juventude, sentido à rotatória do final de linha, e equipamentos pista de skate e pista de cooper - Marcos Freire II



Foto tirada pela autora, 2020.

Figura 81. Quadra poliesportiva coberta, Praça da Juventude - Marcos Freire II



Foto tirada pela autora, 2020.

- **Painéis artísticos e Apropriação** – como já foi dito anteriormente, a participação da comunidade local no processo de implementação de uma praça, ainda que seja apenas no processo pós construtivo, administrando, cuidando da mesma, aumenta o sentimento de pertencimento, de apropriação. O mesmo acontece na Praça da Juventude do Marcos Freire II, onde a comunidade teve a oportunidade de participar apenas no processo pós construtivo – tendo em vista que essa praça segue um programa nacional padronizado – onde foram feitos os painéis artísticos (ver figura 82) através de um campeonato realizado após a inauguração da praça com os próprios moradores da região.

Figura 82. Painel com grafite feito por moradores, Praça da Juventude - Marcos Freire II



Foto tirada pela autora, 2020.

A partir daqui serão apresentados os pontos negativos para posterior análise quanto aos critérios sustentáveis.

- **Arborização** – Já foi visto anteriormente que o paisagismo não foi prioridade na execução da praça, apesar de no ponto de vista de alguns usuários ela ser bem arborizada. No local ainda existe algumas árvores, porém a quantidade delas não é proporcional à dimensão do espaço, e durante o dia não é possível encontrar locais confortáveis com sombra para reuniões ou encontros (figuras 83 e 84). As áreas permeáveis além de serem poucas, estão desgastadas e algumas sem vegetação. Porém existe no terreno uma área destinada à uma espécie de horta comunitária feita pelos próprios moradores, demonstrando o interesse em manter um maior contato com a natureza por parte dos moradores, apesar de singela (figura 85).

Figura 83. Paisagismo da Praça da Juventude - Marcos Freire II.



Adaptado pela autora, 2020.

Figura 84. Carência de vegetação, Praça da Juventude - Marcos Freire II.



Foto tirada pela autora, 2020.

Figura 85. Horta comunitária feita por moradores, Praça da Juventude - Marcos Freire II.



Foto tirada pela autora, 2020.

- **Mobiliário** – Como trata-se de uma praça voltada ao esporte, a maior parte do mobiliário são aparelhos de academia e ginástica ao ar livre. Os problemas encontrados neste espaço são: (a) a pequena quantidade em relação à dimensão da praça, principalmente os de permanência e reunião como os bancos, além disso os existentes estão em péssimo estado; (b) a distribuição do mobiliário em lugares sem sombra o que torna desconfortável a permanência durante o dia; (c) a escolha do concreto como principal material construtivo (além da falta de sombras na maior parte do terreno), pois contribui no desconforto térmico, tornando incômodo o uso dos bancos inclusive durante a noite devido à capacidade de absorção de calor do material; (d) a falta de manutenção também é um problema não só do mobiliário, mas na praça como um todo (figura 86).

Figura 86. Mobiliário urbanos da Praça da Juventude, Marcos Freire II.



Foto tirada pela autora, 2020.

- **Iluminação** – Atualmente a iluminação da praça se dá através de lâmpadas de vapor, apesar de haver planos de substituição por lâmpadas de LED, o que aponta uma inclinação para a sustentabilidade. A praça é bem iluminada, os postes de iluminação são bem distribuídos, porém são altos, supõe-se que isso se deva ao vandalismo, para evitar o furto de materiais.

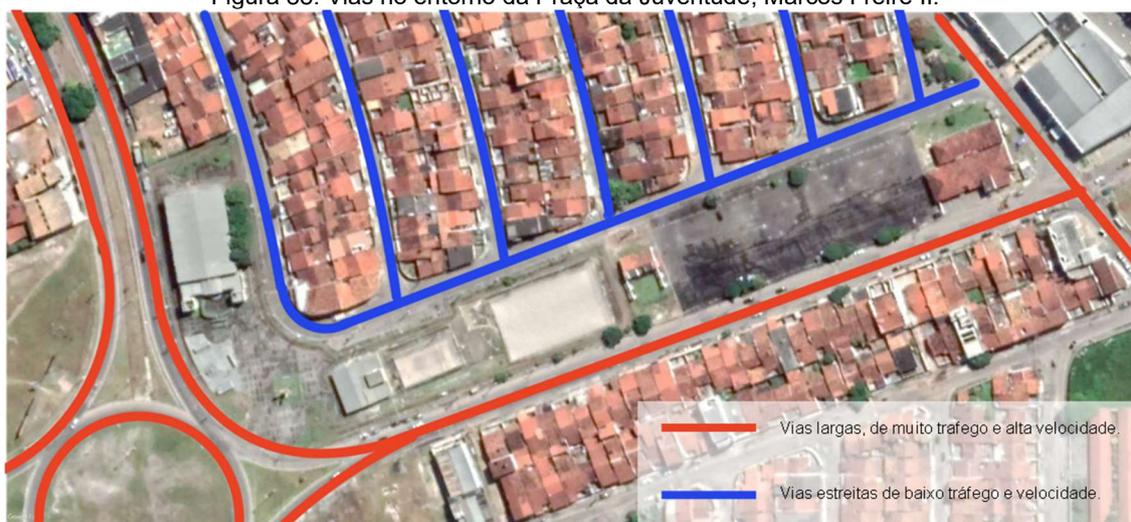
- **Acessibilidade** – Foi visto nos itens 1.3.4. e 2.4. que a acessibilidade pode ser definida de várias formas, visual e principalmente física. Mas para isso depende de vários fatores como o tipo e a regularidade da pavimentação, topografia do terreno, o entorno, atravessamento, entrada, passagens e percursos. No caso da Praça da Juventude, o espaço possui uma topografia plana favorável à pavimentação, entretanto, as calçadas e percursos encontram-se irregulares, dificultando o acesso de pessoas portadoras de necessidades especiais e idosos. O acesso à praça se dá através das vias que a circundam, porém nas vias mais largas, que são de tráfego de maior velocidade, o atravessamento e a entrada são mais difíceis para o pedestre. Apesar da praça ser do gênero esportivo, a mesma não possui ciclovias e nenhum percurso que facilite a entrada de bicicletas (figuras 87 e 88).

Figura 87. Situação do calçamento da Praça da Juventude, Marcos Freire II.



Foto tirada pela autora, 2020.

Figura 88. Vias no entorno da Praça da Juventude, Marcos Freire II.



Fonte: *Google Earth*, adaptado pela autora, 2020.

- **Lixeiras** – Apesar de fazerem parte do mobiliário, é importante destacar as lixeiras separadamente, para reforçar a questão da sustentabilidade. Existem poucas lixeiras no espaço e isso contribui para a poluição da praça (como acontece na Praça do CAPS, citada no item 4.2), e no seu entorno é possível encontrar algumas lixeiras dispersas na área destinada à feira livre, ainda assim a quantidade não é compatível à dimensão do espaço (figura 89).

Figura 89. Espaço onde acontece as feiras livres dias de quarta, na extensão da Praça da Juventude, Marcos Freire II



Foto tirada pela autora, 2020.

- **Vandalismo** – corresponde aos danos e prejuízos causados por determinados usuários, que inclui depredação, furto de materiais construtivos e/ou partes do mobiliário, depredação, etc.

- **Carência de conforto** – observa-se na praça a carência do conforto em diversos quesitos térmico, acústico e lumínico, como já foram citados nos itens anteriores. Além do ergonômico, visto que o mobiliário existente não oferece nenhum conforto ao sentar-se.

- **Ausência de espaço infantil** – Apesar do tamanho da praça e da diversidade de atividades, o espaço não oferece atividades exclusivas para crianças como um parque infantil ou algo do gênero. A inserção de um espaço infantil aumentaria a atratividade da praça e com isso o número de frequentadores.

É possível através deste diagnóstico, desenvolver uma análise mais aprofundada a respeito, identificando o nível de sustentabilidade da Praça da Juventude com base nos critérios de sustentabilidade de Pereira (2008) e com isso traçar estratégias sustentáveis baseadas, tanto nos aspectos positivos e negativos diagnosticados no processo de análise da praça, quanto nos critérios de sustentabilidade apontados por Pereira (2008), assunto a ser melhor abordado no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 5. ESTRATÉGIAS DE SUSTENTABILIDADE APLICÁVEIS À PRAÇA DA JUVENTUDE.

Este capítulo tem como objetivo identificar o nível de sustentabilidade da Praça da Juventude Luciano Barreto Junior, mensurado a partir dos critérios de sustentabilidade apontados pela autora Pereira (2008) descritos anteriormente no tópico 2.1 do capítulo 2; e propor estratégias de sustentabilidade à Praça da Juventude, baseadas, tanto nos critérios de sustentabilidade indicados por Pereira (2008), quanto no diagnóstico da praça realizado a partir dos aspectos positivos e negativos identificados em visitas ao local e pelos próprios usuários da praça em questão.

Assim, este estudo servirá como referência para trabalhos que possuem o objetivo de analisar um determinado espaço com base no estabelecimento de critérios para a projeção de praças com maior nível de sustentabilidade.

5.1. Nível de Sustentabilidade da Praça da Juventude:

Após todo o estudo de praças, referências de praças sustentáveis, e sintetização dos critérios de sustentabilidade, é possível tomá-los como indicadores e com isso averiguar o nível de desempenho sustentável, ou seja, se já se encontra na praça indícios de sustentabilidade, contribuindo assim para a implementação de futuras propostas de melhoria para o espaço.

Ao aplicar os critérios de sustentabilidade sugeridos por Pereira na Praça da Juventude, podemos identificar os problemas da praça e, com isso, verificar o nível de sustentabilidade da mesma (figura 90).

Figura 90. Esquema do processo até chegar na descrição dos níveis de sustentabilidade*

CRITÉRIOS ESTABELECIDOS POR PEREIRA (2008)	CARACTERÍSTICAS DA PRAÇA	NÍVEL DE SUSTENTABILIDADE*
Críticos Ambientais <ul style="list-style-type: none"> Consumo energético Gestão de águas Materiais utilizados Manutenção da estrutura verde 	Críticos Ambientais <ul style="list-style-type: none"> Iluminação inadequada. Sem reaproveitamento. Concreto predominante. Carência de vegetação. 	Críticos Ambientais <ul style="list-style-type: none"> baixo baixo baixo baixo
Críticos de utilização <ul style="list-style-type: none"> Nível de acessibilidade Amenidades locais Adaptabilidade 	Críticos de utilização <ul style="list-style-type: none"> Pavimentação danificada. Mobiliário inadequado, carência de dinâmica de atividades. 	Críticos de utilização <ul style="list-style-type: none"> baixo baixo
Críticos de qualidade e conforto <ul style="list-style-type: none"> Qualidade do ar e dos microclimas Ruído 	Críticos de qualidade e conforto <ul style="list-style-type: none"> Sem tratamento térmico, acústico e ergonômico. 	Críticos de qualidade e conforto <ul style="list-style-type: none"> baixo

Elaborado pela autora, 2021.

* Foram estabelecidos como níveis de sustentabilidade: baixo, médio e elevado. Sendo baixo de 0% a 40%, médio de 41% a 60% e elevado de 61% a 100%.

Como mostra a figura acima, o nível de sustentabilidade da Praça da Juventude é baixo, o que corrobora a necessidade de se aplicar estratégias sustentáveis que melhorem este nível.

5.2. Estratégias de Sustentabilidade para a Praça da Juventude:

Para tal estudo foi necessário uma análise do local, como foi apresentada no capítulo anterior, identificando os principais aspectos a melhorar observados tanto pelos moradores como pela autora, como se pode observar no quadro 2 do item 4.3. Para isso, após destacados os aspectos onde necessita-se de melhoria, serão identificados em quais critérios cada aspecto se insere, averiguando suas possíveis causas, para então obter um resultado satisfatório na elaboração das estratégias sustentáveis que melhor se adequem à situação da Praça da Juventude Luciano Barreto Junior, resultando em 5 (cinco) estratégias (figura 91).

Figura 91. Esquema do processo até chegar na elaboração das estratégias.



Elaborado pela autora, 2021.

As estratégias a adotar dependem da observância dos aspectos identificados e dos critérios sustentáveis definidos por Pereira (2008). Porém, tais critérios podem ser atendidos de maneiras diferentes a depender de vários fatores como clima, topografia, localização, posição geografia, dimensão, etc., pois cada praça tem sua particularidade. Cidades possuem climas, culturas, malhas urbanas diferentes que possibilitam maiores ou menores dimensões de praças. O objetivo desta pesquisa é investigar, seguindo os critérios sustentáveis mais viáveis para a situação da Praça da Juventude Luciano Barreto Junior, estratégias sustentáveis para os aspectos identificados que necessitam de melhorias.

A aplicação desses critérios pretende, a partir do diagnóstico da Praça da Juventude obtido no item 4.3 do capítulo anterior, avaliar a adaptação dos usos, funções, manutenção e preservação do natural e existente, que possibilitem uma vivência sustentável da praça.

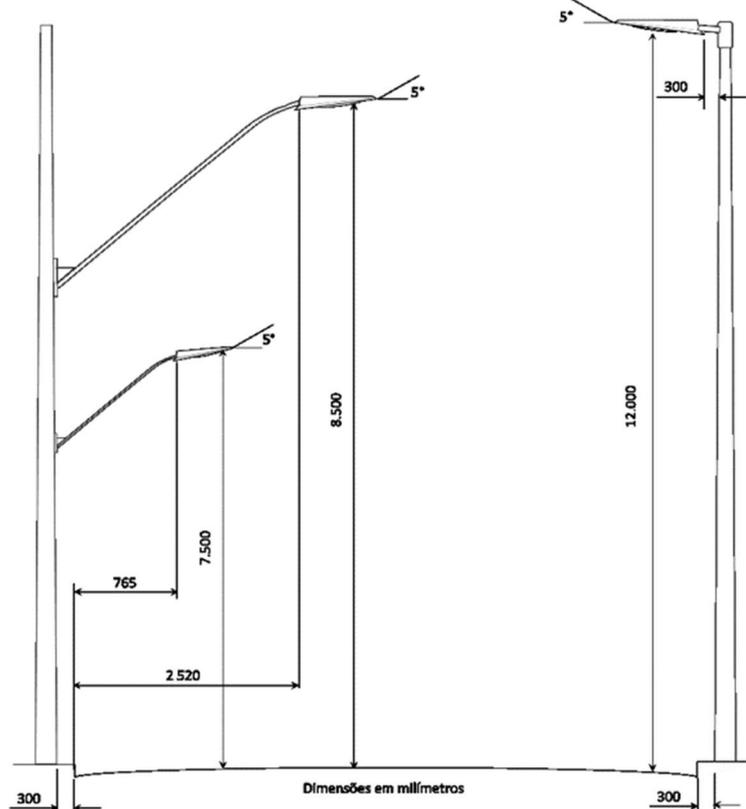
Estratégias são os percursos que permitirão obter os resultados desejados, no processo de transformação da praça. Elas apontam os caminhos a serem percorridos para que se alcance o objetivo central. Sendo assim, os percursos utilizados para se obter a inserção/adequação dos critérios de sustentabilidade à Praça da Juventude, são: primeiro diagnosticar os problemas de modo geral, identificando os aspectos positivos, os quais seriam aprimorados, e corrigir os aspectos a melhorar, de acordo com os critérios sustentáveis de Pereira (2008) descritos no capítulo 2, considerando tanto os aspectos apontados pelos moradores, bem como os observados pela autora, vistos no item 4.3 do capítulo anterior. A partir daí, distinguir cada aspecto e correlacionar aos de Pereira (2008), seguindo a mesma subdivisão de aspectos dos critérios de sustentabilidade, sendo eles ambientais, de utilização, e de qualidade e conforto, para então apontar suas possíveis causas e por fim destacar as estratégias sustentáveis que melhor se adequem à praça em questão.

A praça em questão apresenta pontos positivos e alguns deles a encaminham para um bom desempenho sustentável, visto que seu princípio é que perdure para a atual e futuras gerações, são eles: a localização estratégica; a variedade de atividades que atraem frequentadores; outra característica positiva é sua dimensão, aumentando a variedade de atividades, além das esportivas; a topografia plana, sendo um ponto favorável na implantação dos equipamentos e execução da obra, além da questão da acessibilidade;

A seguir serão apontados para cada critério de sustentabilidade identificado por Pereira (2008) primeiro a situação atual da praça, destacando os aspectos negativos e depois sugestão de algumas estratégias de melhoria com base nos critérios sustentáveis.

Em modo geral, os **Crítérios Ambientais** estão ligados à redução de desgastes ambientais físicos e econômicos. Quanto ao Consumo energético, Pereira (2008) refere-se ao uso de estratégias para reduzir o consumo de energia. A praça apresenta atualmente iluminação através de lâmpadas de vapor, com previsão de substituição por lâmpadas de LED, porém os postes são altos, o que diminui a qualidade da iluminação, exigindo uma potência maior e, com isso, consumindo mais energia. As estratégias referentes a esse critério seriam: o aumento/inserção de pontos de iluminação de baixo consumo como as de LED e inserção de luminárias mais baixas (de preferência próximo aos bancos) (figura 92); e aproveitar as coberturas edificações existentes (quadra coberta e, salas de administração e ginástica) para inserir placas fotovoltaicas e assim produzir sua própria energia.

Figura 92. Dimensões de luminárias públicas.



Fonte: Energisa, 2020³³.

Quanto à Gestão de Águas, está relacionado à estratégias que promovam a redução do consumo de água. Foi identificado no projeto padrão da praça, o esquema de drenagem no campo de futebol *society*, porém não há uma gestão eficiente das águas, pois não foi detectado um sistema sustentável de drenagem, bem como nenhum aproveitamento das águas de chuva. As estratégias referentes a esse critério seriam: o incentivo à permeabilidade do solo como forma de amenizar o volume de água a ser escoada (principalmente onde já existe vegetação); inserção de estratégias mais sustentáveis de drenagem, de modo que privilegiem o manejo das águas pluviais e não somente o escoamento (a exemplo dos jardins de chuva apontados por Cormier e Pellegrino (2008) (figura 93); aproveitamento de águas pluviais, através de “técnicas de baixo impacto ambiental” como calha desconectada³⁴ e cisterna³⁵, ou a coleta da água para um bom sistema de drenagem, observando antes o tipo de solo e o relevo; tratamento e reaproveitamento das águas para a rega (AQUINO, 2021).

³³Disponível em: <<https://www.energisa.com.br/Normas%20Tcnicas/etu149.pdf>>. Acesso em: 05 nov., 2021.

³⁴Essa prática simples redireciona os canos de drenagem do telhado da drenagem da água da chuva para os barris de chuva, cisternas ou áreas permeáveis. Ele pode ser usado para armazenar água da chuva e/ou permitir que a água da chuva se infiltre no solo (AQUINO, 2021, p. 67).

³⁵Contribui para a redução do escoamento superficial. A água do telhado é coletada podendo ser reutilizada e o seu excedente, dentro de um sistema sustentável, percorre uma série outras técnicas até atingir a jusante, finalmente despoluída (AQUINO, 2021, 67).

Figura 93. Exemplo de jardim de chuva



Fonte: Cornier e Pellegrino (2008)³⁶.

A escolha dos Materiais utilizados é muito importante para a análise do nível de sustentabilidade de uma praça, devendo obedecer à determinados princípios, tais como: (a) a preferência por materiais, mão-de-obra e operacionalização locais, evitando liberação de dióxido de carbono (CO²) através do transporte, além de preservar a cultura presente no lugar; (b) a utilização de materiais reciclados, minimizando a exploração de recursos naturais; (c) o uso de materiais ecológicos, bem como os recicláveis; (d) e por fim materiais duráveis e resistentes, reduzindo os gastos com manutenção. A Praça da Juventude tem o concreto como principal material construtivo, o que contribui no desconforto térmico até mesmo durante à noite devido a capacidade de absorção de calor do concreto, tornando incômoda a permanência no local. As estratégias referentes à esse critério seriam: substituição ou redução do concreto em geral; utilização de madeira de reflorestamento em bancos; placas de borracha reciclada para superfícies que exijam amortecimento como parques infantis; utilização de pavimento drenante. As edificações existentes na praça são de estrutura metálica e alvenaria de vedação, onde nota-se certa inclinação ao desempenho sustentável.

A manutenção da estrutura verde é um dos critérios mais importantes e palpáveis, visto que trata-se diretamente com a natureza. Corresponde à vegetação

³⁶ Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/105962/111750>>. Acesso em: 06 de nov., 2021.

utilizada na composição paisagística do espaço, com a finalidade de melhorar a qualidade do ar, criar sombras, filtrar ruídos, embelezar o ambiente, delimitar espaços, etc. “Nas praças, que estão muito expostas à radiação solar, os percursos pedonais devem-se fazer em zonas sombreadas por elementos arbóreos, etc.” (PEREIRA, 2008 p. 42). A praça possui um número reduzido de indivíduos arbóreos, apresentando, durante o dia, poucos locais de sombra propensos à encontros e reuniões. Além disso as áreas permeáveis estão desgastadas e algumas sem vegetação. Existe no espaço uma espécie de horta comunitária feita pelos moradores, dando margem à sustentabilidade. As estratégias referentes a esse critério seriam: incrementar a vegetação das áreas que já se encontram permeáveis; criação de novos nichos de plantio para a inserção de novas espécies, de preferência nativas (tais como Ipê por sua exuberância, pau-ferro por sua copa ampla, além de espécies frutíferas); privilegiar a inserção da vegetação em locais de passagem e de permanência, como forma de proporcionar sombra aos usuários que frequentam o local; requalificar e ampliar a horta comunitária, e com isso garantir um espaço verde mais duradouro e funcional, além da interação da população; convidar moradores para que participem do processo de plantio incentivando a perpetuação de manutenção do espaço.

Os **Critérios de utilização** estão diretamente ligados aos usos e funções da praça. O Nível de acessibilidade busca assegurar não só a entrada, mas também a circulação e o uso de todo o espaço a todo e qualquer cidadão na praça, através dos acessos, passagens, percursos, tipo de pavimentação, topografia, atravessamento, etc. Um espaço acessível além de permitir a entrada, também é convidativo ao contemplar, ou seja, não é só um espaço onde se pode entrar, mas induz a isso.

Assim, a vivência justa do espaço é válida, se as entradas, as passagens e as comunicações entre diferentes espaços possam ser igualmente compartilhadas por todos, sem exceção. Uma boa acessibilidade consiste em criar boas condições, a todos os utilizadores nomeadamente aos portadores de deficiências físicas, idosos e crianças, para aceder a um determinado espaço. É então necessário, no desenho arquitetônico, eliminar as barreiras que impedem ou dificultam o atravessamento ou percurso contínuo no espaço público (PEREIRA, 2008 p. 41).

A Praça da Juventude possui uma topografia favorável à pavimentação, porém as calçadas e percursos encontram-se irregulares, dificultando o acesso de pessoas portadoras de necessidades especiais e idosos. O espaço é acessível através das vias que a circundam, porém nas vias mais largas (avenidas) onde o tráfego é mais intenso, acabam dificultando o atravessamento de pedestres. Apesar do perfil esportivo, a praça não possui ciclovias e nenhum percurso que facilite a entrada de bicicletas; as rampas de acesso às pessoas com deficiência não atendem a NBR9050. As estratégias que solucionariam esse critério seriam: a reparação da pavimentação específica para o tráfego de pedestres deve atender ao que é estabelecido pela NBR9050 como pisos

antiderrapantes, táteis e de cores contrastantes como forma de contribuir com a acessibilidade, de preferência com materiais reciclados ou certificados como foi citado anteriormente; priorizar o acesso de pedestres pelas vias de menor tráfego; inserir ciclovia; adequar rampas de acesso para ciclistas e pessoas com deficiência; implementar elementos que ofereçam segurança no atravessamento pelas avenidas (faixas de pedestres, semáforos, lombadas, lombo-faixas, etc.); criar percursos sombreados e sombrear os existentes.

As Amenidades locais, resumidamente, estão relacionadas ao bem-estar. Refere-se aos aspectos que, mesmo despercebidos, proporcionam agradável e prazerosa maneira de passar o tempo. Na praça foram identificados, referentes a esse critério, como aspectos a melhorar, a ausência de espaço infantil, necessidade de requalificação dos painéis artísticos, situações propensas ao perigo e vandalismo, pois existem áreas pontuais na praça onde a ação de criminosos é facilitada. O mobiliário também é considerado como uma das amenidades, pois como trata-se de uma praça voltada ao esporte, a maior parte do mobiliário são aparelhos esportivos, porém a quantidade em relação à dimensão da praça é pequena, principalmente os de permanência e reunião como os bancos, além disso os existentes estão em péssimo estado; a distribuição em lugares sem sombra, o que torna desconfortável a permanência durante o dia; sem contar a escolha do concreto como principal material construtivo, como já foi dito anteriormente. As estratégias para solucionar tais problemas seriam: aumentar a variedade de atividades na praça, incluindo pontos de comércio móveis ou fixos, além de parque infantil, assim aumentaria a atratividade e o tráfego no espaço e com isso diminuiria as situações de perigo; criação de novos espaços para painéis artísticos; quanto ao vandalismo seria necessário um trabalho de conscientização e educação ambiental, porém considera-se como solução: inserir um sistema de comunicação através de placas informativas que incentivem a educação ambiental; inserir elementos que aumentem o tráfego de pedestres no local como mobiliários, equipamentos de lazer e assentos que incentivem a permanência e contemplação; promoção de atividades coletivas relacionada aos painéis artísticos como forma de minimizar o vandalismo; incrementar a fiscalização; e, inserir mais lixeiras para evitar o descarte indevido.

A Adaptabilidade depende da “diversidade dos usos existentes no local, da forma e da dimensão da praça e da maneira como ela se insere fisicamente em relação ao entorno” (PEREIRA, 2008 p. 43). Está relacionada à liberdade de poder adaptar-se a outras atividades, evitando que, com o tempo, o espaço se torne obsoleto. A Praça da Juventude, talvez por se tratar de um projeto padrão e com perfil esportivo, não foi pensado nessa flexibilidade de adaptação. É um espaço grande, onde é possível acontecer atividades variadas como eventos religiosos, parques de diversões, etc., porém

sem um espaço preestabelecido, nem estrutura adequada para tais eventualidades. A solução estratégica para isso seria “proporcionar um espaço físico com liberdade suficiente para poder receber outras atividades” (PEREIRA, 2008 p. 43). Sugere-se que sejam espaços grandes, flexíveis, com capacidade para uma máxima variedade de atividades possíveis (feiras, eventos religiosos, shows, etc.), disposto à arquitetura efêmera, mobiliário que monta e desmonta, espaço físico que tenha instalações (elétricas e hidráulicas) que possibilitem esse tipo de atividade temporária.

Os **Critérios de qualidade e conforto** buscam o conforto em geral, seja térmico e/ou sonoro. Qualidade do ar / microclimas – considera-se a condição climática e sensação térmica do local. Este critério busca garantir o conforto térmico às pessoas que frequentam o local. Ruído – refere-se à redução de ruídos oriundos do entorno e do tráfego intenso no local, utilizando artifícios que minimizem a poluição sonora no ambiente e garantam o conforto aos usuários.

Em termos gerais de desconforto da praça, ela está localizada num local de clima quente, que necessita de cuidados que amenizem o calor, utilizando de elementos como vegetação, espelhos d’água, entre outros que equilibrem o microclima do local tornando o espaço mais agradável. A praça fica localizada num encontro de duas vias movimentadas, sofrendo o desconforto provocado pelo tráfego de veículos nas vias principais e até mesmo pela circulação de pessoas no local. Os “pavimentos silenciosos”, as barreiras acústicas através de vegetação (árvores, arbustos, cercas vivas, etc.) e outros elementos são soluções encontradas para atender esse critério. As estratégias encontradas para este critério, assemelham-se com as, já citadas, no critério “estrutura verde”.

O quadro 5, a seguir, foi elaborado com o objetivo de indicar os critérios de sustentabilidade e as estratégias que foram relacionadas, de forma sintética, diretamente para cada um dos critérios estabelecidos por Pereira (2008).

Quadro 5. Resumo dos critérios sustentáveis e as estratégias aplicáveis à Praça da Juventude.

CRITÉRIOS DE SUSTENTABILIDADE E AS ESTRATÉGIAS APLICÁVEIS À PRAÇA DA JUVENTUDE LUCIANO BARRETO JÚNIOR.	
CRITÉRIOS AMBIENTAIS	Consumo energético
	- O aumento de pontos de iluminação mais baixos e de baixo consumo como as de LED; - Aproveitar as coberturas das edificações para inserir placas fotovoltaicas e assim produzir sua própria energia.
CRITÉRIOS AMBIENTAIS	Gestão de Águas
	- Reaproveitar as águas pluviais, através da infiltração direta no solo, a depender do nível de permeabilidade, ou a coleta da água para um bom sistema de drenagem, observando antes o tipo de solo e o relevo; - Tratamento e reaproveitamento das águas para a rega.

	Materias utilizados
	<ul style="list-style-type: none"> - Substituição ou redução do concreto em geral; - Utilizar materiais ecológicos, bem como os recicláveis e, de preferência, que sejam duráveis e resistentes, reduzindo os gastos com manutenção, como madeira de reflorestamento nos bancos e pavimentação; placas de borracha reciclada na pavimentação.
	Estrutura verde
	<ul style="list-style-type: none"> - Requalificar e ampliar as áreas permeáveis, bem como a horta comunitária existente, e com isso garantir um espaço verde mais duradouro e funcional, além da interação da população; - Inserir espécies de vegetações nativas, preservando a cultura local; - Aproveitar as áreas permeáveis para criar jardins e limites de percursos, afim de delimitar melhor os espaços e valorizar a estética; - Aumentar o número de árvores e com isso o sombreamento;
CRITÉRIOS DE UTILIZAÇÃO	Acessibilidade
	<ul style="list-style-type: none"> - Adaptar soluções que atendam à NBR9050 (rampas, corrimãos, percursos, etc.); - Reparar a pavimentação, de preferência com materiais reciclados ou certificados como foi citado anteriormente; - Priorizar o acesso de pedestres pelas vias de baixo tráfego; - Inserir ciclovia; - Adequar rampas de acesso para ciclistas e pessoas com deficiência; - Implementar elementos que ofereçam segurança no atravessamento pelas avenidas (faixas de pedestres, semáforos, lombadas, lombo-faixas, etc.); - Criar percursos sombreados e sombrear os existentes;
	Amenidades locais
	Mobiliário
	<ul style="list-style-type: none"> - Aumentar a variedade de atividades na praça, incluindo pontos de comércio ambulante e/ou fixo, além de parque infantil, assim aumentaria a atratividade e o tráfego no espaço e com isso diminuiria as situações de perigo; - Destacar espaços para os painéis artísticos onde em determinados períodos seriam atualizados pelos próprios moradores; - Dificultar o vandalismo através de sinalizações, de artifícios que impulsionem o aumento do tráfego, e da fiscalização; - Aumentar a quantidade do mobiliário, principalmente os assentos, como incentivo à permanência, e principalmente as lixeiras, para evitar o descarte indevido do lixo.
	Adaptabilidade
	<ul style="list-style-type: none"> - Determinar um espaço físico com liberdade suficiente para diversificar as atividades;
CRITÉRIOS DE QUALIDADE E CONFORTO	Qualidade do ar / microclimas
	<ul style="list-style-type: none"> - Inserir elementos que equilibrem o microclima e minimizem o desconforto térmico como: vegetação, espelhos d'água, entre outros.
	Ruído
	<ul style="list-style-type: none"> - Inserção de "pavimento silencioso"; - Plantar arbustos e/ou árvores mais frondosas nas áreas que limitam-se com as avenidas, criando barreiras acústicas através de vegetação (árvores, arbustos, cercas vivas, etc.).

Elaborado pela autora, 2021.

Um fator determinante para esta análise, por se tratar de critérios de sustentabilidade, é a questão do custo-benefício, ou seja, é mister que sejam adotadas estratégias que não encareçam, nem necessite de muitas mudanças físicas numa possível adequação. Com isso, estabeleceu-se uma síntese das estratégias apontadas anteriormente, de modo que alguns temas se sobrepusessem à outros, afim de criar soluções de melhor adaptação e flexibilidade, além de menor custo-benefício, visto que se trata de uma praça existente, evitando maiores danos ao meio ambiente, o que contraria o princípio da sustentabilidade. Deste modo, as estratégias aplicáveis à Praça da Juventude são:

Estratégia 1 – reúne ações relacionadas ao paisagismo e vegetação, são elas: (a) Vegetação, espelhos d’água, entre outros que equilibrem o microclima do local; (b) Aproveitar as áreas permeáveis e criar jardins e limites dos percursos; requalificar e ampliar a horta comunitária; inserir espécies de vegetações nativas; aumentar o número de árvores e com isso o sombreamento; (c) Plantar arbustos e/ou árvores mais frondosas nas áreas que se limitam com as avenidas (figura 94).

Figura 94. Desenvolvimento da estratégia 1

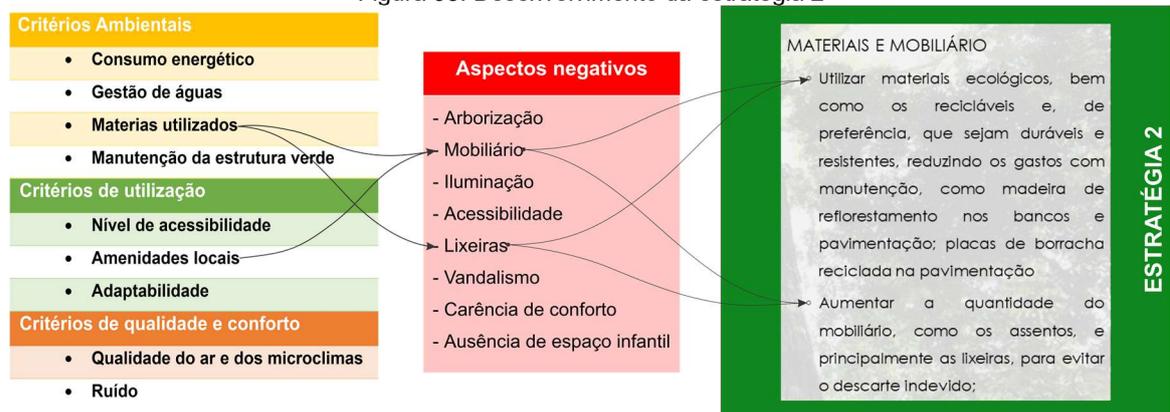




Elaborado pela autora, 2021.

Estratégia 2 – estão agrupadas as ações relacionadas aos materiais e mobiliário, são elas: (a) Utilizar materiais ecológicos, bem como os recicláveis e, de preferência, que sejam duráveis e resistentes, reduzindo os gastos com manutenção, como madeira de reflorestamento nos bancos e pavimentação, placas de borracha reciclada na pavimentação; (b) Aumentar a quantidade do mobiliário, como os assentos, e principalmente as lixeiras, para evitar o descarte indevido (figura 95).

Figura 95. Desenvolvimento da estratégia 2



Elaborado pela autora, 2021.

Estratégia 3 – reúne as ações que correspondem à acessibilidade, são elas: (a) adaptar soluções que atendam à NBR9050, com inserção de rampas, corrimãos, percursos, etc.; (b) reparar a pavimentação; (c) priorizar o acesso pelas vias de baixo tráfego; (d) inserir ciclovia e bicicletário; (e) adequar rampas de acesso para ciclistas e pessoas com deficiência; (f) implementar elementos que ofereçam segurança no

atravessamento pelas avenidas como faixas de pedestres, semáforos, lombadas, lombo-faixas, etc.; (g) criar percursos sombreados e sombrear os existentes (figura 96).

Figura 96. Desenvolvimento da estratégia 3



Elaborado pela autora, 2021.

Estratégia 4 – as ações desta estratégia estão relacionadas à iluminação e drenagem, que são: (a) o aumento de pontos de iluminação mais baixos e de baixo consumo como as de LED; e aproveitar as coberturas das áreas edificadas para inserir placas fotovoltaicas. (b) Aproveitar as águas pluviais, através da infiltração direta no solo, a depender do nível de permeabilidade, ou a recolha para um bom sistema de drenagem, observando antes o tipo de solo e o relevo; (c) tratamento e reaproveitamento das águas para a rega (figura 97).

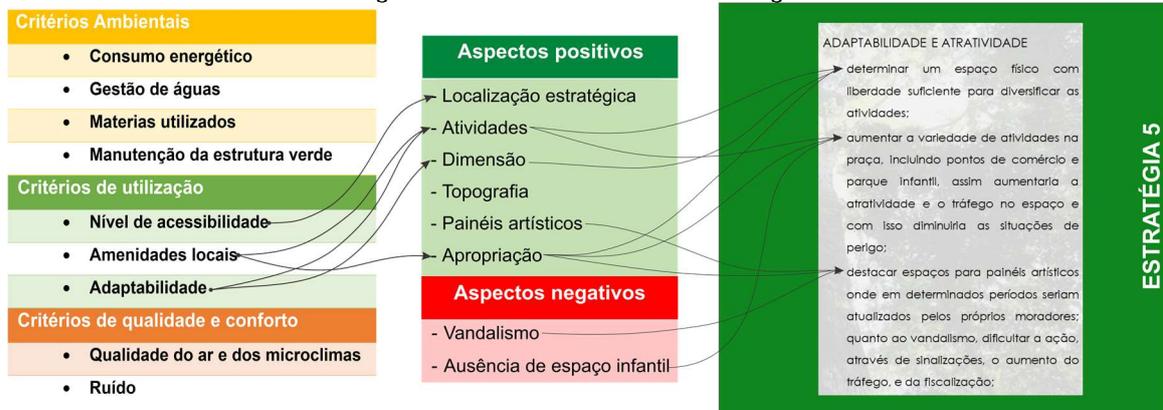
Figura 97. Desenvolvimento da estratégia 4



Elaborado pela autora, 2021.

Estratégia 5 – agrupa ações relacionadas à adaptabilidade, sendo: (a) determinar um espaço físico com liberdade suficiente para diversificar as atividades; (b) aumentar a variedade de atividades na praça, incluindo pontos de comércio e parque infantil, assim aumentaria a atratividade e o tráfego no espaço e com isso diminuiria as situações de perigo; (c) destacar espaços para painéis artísticos onde em determinados períodos seriam atualizados pelos próprios moradores; quanto ao vandalismo, dificultar a ação, através de sinalizações, o aumento do tráfego, e da fiscalização (figura 98).

Figura 98. Desenvolvimento da estratégia 5



Elaborado pela autora, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo o trabalho buscou-se pautar os fatores relevantes no tocante à sustentabilidade em praças públicas, desde a origem de praças e suas tipologias, identificando os conceitos e seus diferentes tipos, observando suas principais características, até chegar no surgimento do desenvolvimento sustentável e então identificar, através de embasamento teórico com base nos critérios de Pereira (2008), o nível de sustentabilidade da praça, que conforme o item 5.1 foi baixo, definindo estratégias de sustentabilidade aplicáveis à Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior, localizada no município de Nossa Senhora do Socorro.

Através desses estudos foi possível compreender a importância dos espaços públicos para uma cidade, assim como o ser humano, seja um morador ou gestor público, é o único responsável pelos impactos causados ao meio ambiente, afinal o ambiente não se destrói, nem evolui sozinho, é necessário a ação do homem. Porém assim como ele tem um poder deletério, ele também tem o poder transformador de construir e preservá-lo.

Ao observar os critérios sustentável foi possível compreender o conceito e a importância da sustentabilidade, sua origem, bem como o ponto de vista dos autores apresentados, obtendo como destaque Pereira (2008), tendo em vista a riqueza de informações e similaridade a respeito do tema abordado neste trabalho, como foi visto no capítulo 5.

Ao buscar bons exemplos de sustentabilidade percebe-se que existem vários fatores para que uma praça seja sustentável, como a dimensão do terreno, investimentos públicos ou privados, a participação da população, e principalmente que haja a preocupação com a natureza e o interesse em preservá-la, pois é possível que a sustentabilidade seja implementada mesmo com poucos recursos, visto no exemplo dado no item 3.3, a Praça Colônia Sergipe.

Neste sentido, a análise sobre o estudo de caso nos permite conhecer melhor a história do município de Nossa Senhora do Socorro, como se desenvolveu após a construção dos conjuntos habitacionais, até chegar no Marcos Freire II, o perfil dos espaços públicos do conjunto e, por fim, uma análise mais aprofundada sobre a Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior, onde buscou-se identificar os aspectos positivos e negativos para, então, averiguar a possibilidade de aplicar os critérios sustentáveis, e definindo estratégias para este fim, atingindo o objetivo principal deste trabalho.

Como já foi dito o complexo Taiçoca ao qual o conjunto Marcos Freire II faz parte, é o mais desenvolvido do município geográfica, econômica e demograficamente,

sendo isso também um dos fatores contribuintes para os impactos ambientais. Dessa forma foi tomada a iniciativa de buscar soluções que minimizem – mesmo que por outro segmento diferente do proposto no Projeto Grande Aracaju – tais impactos no conjunto Marcos Freire II e conseqüentemente no mundo, pois a preocupação com o meio ambiente é uma das principais razões da realização deste trabalho, além de ser um incentivo a melhorias não só para o próprio conjunto Marcos Freire II, mas também para o município ao qual pertence e até mesmo para a capital Aracaju, devido sua proximidade, podendo servir como referência para outros trabalhos sobre sustentabilidade, praças e outros espaços públicos.

A sustentabilidade nunca foi tão discutida como nos dias de hoje, porém ainda há muito a ser explorado e estudado, pois é um assunto muito abrangente, além disso muito se é discutido e pouco praticado.

Ao longo deste trabalho surgiram possibilidades que poderão servir como uma importante ferramenta para aprofundamento de futuras pesquisas e também para os gestores públicos do município, pois eles terão em mãos alguns dados da situação dos espaços públicos do Marcos Freire II, beneficiando a população local e o ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT. **NRB 10 004**. [S.l.]: [s.n.], 2004.

ALEX, Sun. **Projeto da praça: Convívio e exclusão no espaço público**. 2. ed. São Paulo: Senac são Paulo, 2008. 291 p.

AQUINO, Wesley Rodrigues de. **Do crescimento urbano às consequências ambientais: o caso do Riacho da Xoxota no Conjunto Eduardo Gomes em São Cristóvão-SE**. 2021. 130f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2021.

BARBIERI, José Carlos. **Desenvolvimento e meio ambiente: as estratégias de mudança da agenda 21**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 23 à 43.

BARCIOTTE, Maria Lúcia. **Coleta seletiva e minimização dos resíduos sólidos urbanos: Uma abordagem integradora**. São Paulo, p. 226. 1994.

BARROSO, Wellington Gomes. **O urbanismo sustentável como forma de garantir uma cidade para as pessoas**. Belo Horizonte, p. 32. 2017. Dissertação (Especialização em Sistemas Tecnológicos e Sustentabilidade aplicados ao Ambiente Construído) –.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

BOM DIA BRASIL. **Lixo: moradores de um bairro no Japão são exemplo de como cuidar bem dos resíduos**. REDE GLOBO, 2010. Disponível em: <<https://youtu.be/9YJ3rW6-ix8>>. Acesso em: 10 agosto 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4 ed. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. **Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010**. 2. ed. ed. Brasília: Edições Câmara, 2012.

BURKE, Peter. Uma história social do lixo. **Mais: Folha de São Paulo**, São Paulo, dezembro 2001.

CALDEIRA, Júnia Marques. **A Praça Brasileira, Trajetória de um espaço urbano: Origem e modernidade**. Universidade Estadual de campinas. Campinas, SP. 2007.

CIDADES inteligentes. **Alemanha apresenta tecnologia de ponta para gestão de resíduos**. 2017. Disponível em: <<https://ci.eco.br/alemanha-apresenta-tecnologia-de-ponta-para-gestao-de-residuos/>>. Acesso em: 10 agosto 2019.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos. *et al.* **Praças: História, usos e funções**. Maringá. EDUEM, 2005. 47 p.

DEGREAS, Helena. **Tipos de espaços livres públicos: Praças, Átrios, Largos, Pátios**. 2010. Disponível em: <<https://helenadegreas.wordpress.com/2010/03/12/algumas-tipologias-de-espacos-livres-publicos-pracas-atrios-largos-patios/>>. Acesso em: 27 novembro 2020.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. 1ªed. São Paulo: PINI, 1990.

DISTRITO FEDERAL. **Lei nº 5.650. Sistema Integrado de Normas Jurídicas do Distrito Federal**. Distrito Federal: SINJ-DF, 2016.

ESTADO DE MINAS GERAIS. **Elaborada por Aarão Reis, planta da construção de BH não foi cumprida à risca**. Estado de Minas Gerais, 17 Fevereiro 2016. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/02/17/interna_gerais,734868/elaborada-por-aarao-reis-planta-da-construcao-de-bh-nao-foi-cumprida.shtml>. Acesso em: 06 Dezembro 2020.

FARR, Douglas. **Urbanismo sustentável: desenho urbano com a natureza**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2008.

FERRAZ, José Carlos de Figueiredo. **Urbs Nostra**. São Paulo: Editora: EDUSP/PINI, 1991.

FRAMPTON, K. **História Crítica da arquitetura**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HORTA, N. J. **Praças públicas na contemporaneidade: história, multidão e identidade**. In: Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas-SP, p. 53(2), 2011.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, v. 1, 2009. 499 p.

KOSTOF, Spiro. **The City Assembled: The Elements of Urban Form Through History**. Boston. 1992.

KRIER, Rob. **Stadtraum in Theorie und Praxis: am Beispiel der Innenstadt Stuttgarts**. 2ª. ed. Michigan: Krämer, v. 1, 1975. 150 p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade: Arte e comunicação**. 70. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, Silvio Soares. **Paisagismo Brasileiro na virada do Século: 1990 - 2010**. São Paulo: da Universidade de São Paulo, Editora UNICAMP, 2012.

MASCARO, Lúcia; MASCARO, Juan José. **Ambiência Urbana - Urban environment**. 3ª. ed. Porto Alegre: Masquatro, 2009.

MEDEIROS, Maria Sirlei de. **Coleta seletiva de resíduos sólidos urbanos: acompanhamento do projeto lixo social na cidade de São José de Seridó RN**. Caicó: [s.n.], 2015.

NOSSA SENHORA DO SOCORRO. **Lei nº 703**. [S.l.]: [s.n.], 2007.

PEREIRA, Maria Madalena Dias Calhau Esquível. **Praças públicas sustentáveis, Caso de renovação das praças**. UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA. Lisboa - PT, p. 142. 2008.

PINTO, Renata da Silva. **A praça na história da cidade: o caso da Praça da Sé –Suas Faces durante (1933/1999)**. Salvador. 2003.

ROBBA, Fábio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças Brasileiras - *Public Squares in Brazil***. 2ª. ed. São Paulo: Edusp, v. Coleção Quapá, 2002.

RODRIGUES, Deborah A. **História das praças**. Dehpontinhos, 2007. Disponível em: <<http://dehpontinhos.blogspot.com/2012/03/historia-das-pracas.html>>. Acesso em: 27 novembro 2020.

RODRIGUES, Vinícius Silva. **As transformações recentes no espaço urbano de Nossa Senhora do Socorro: uma desconcentração metropolitana**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, p. 130. 2017.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Organização: Paula Yone Stroh. - Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, Ana Lúcia Rodrigues; OLIVEIRA, Wilembergue. **Nossa Senhora do Socorro: Trajetória**. Aracaju: UFS/NID, 1994.

SANTOS, Thacyo Vyctor Silva. **Complexo Taiçoca, Nossa Senhora do Socorro-SE: novos arranjos sócioespaciais na região metropolitana de Aracaju no século XXI**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, p. 88. 2016.

SILVA, Geovany Jessé Alexandre da; ROMERO, Marta Adriana Bustos. **O urbanismo sustentável no Brasil. A revisão de conceitos urbanos para o século XXI (parte 01)**. Vitruvius. Arqutextos, 2011. ISSN 128.03. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/11.128/3724>>.

SOUZA, Cassia Silva. **Sustentabilidade urbana: conceitualização e aplicabilidade**. [S.l.]: UFSJ, 2016.

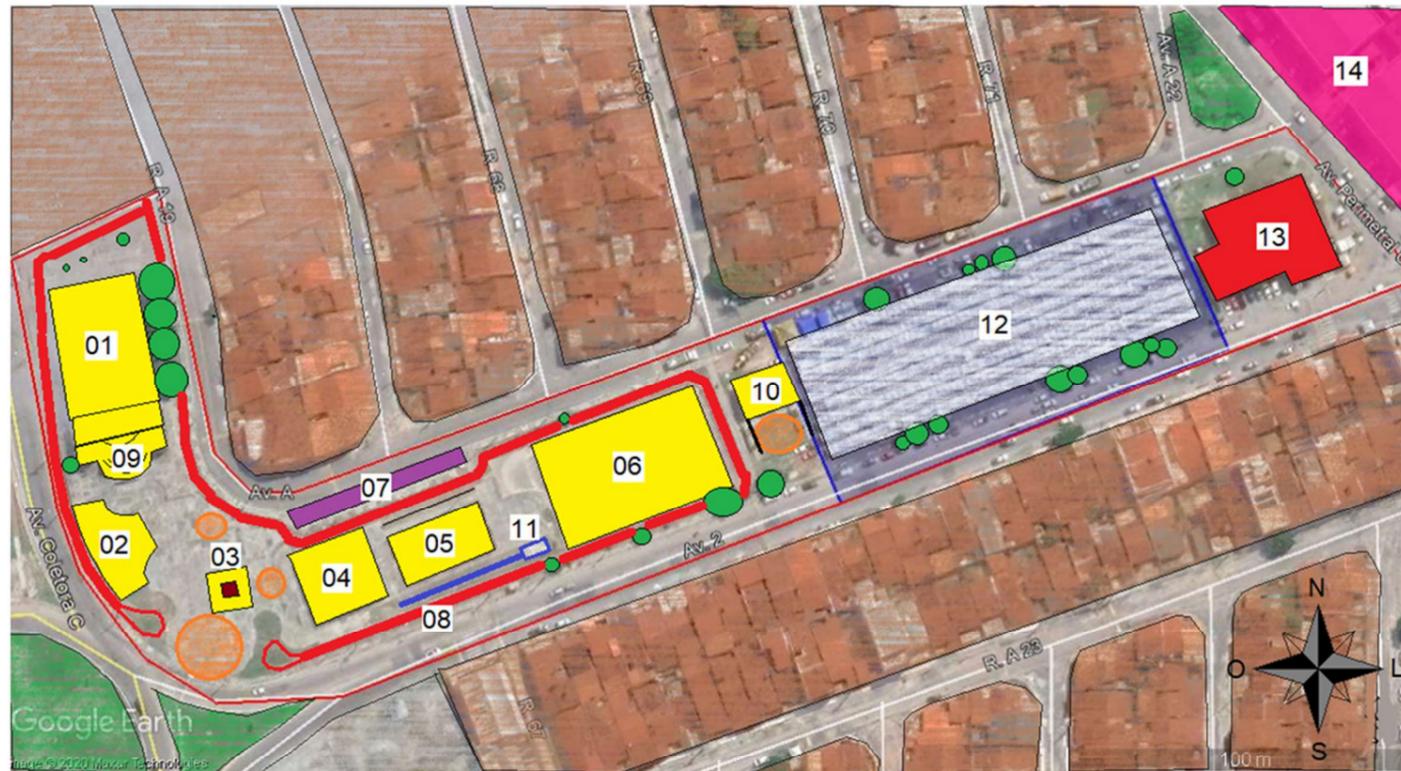
SUZUKI, Thiago Nakaji. **A praça como coração da cidade: uma proposta de centralidade para o Capão Raso em Curitiba**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba - PR, p. 115 f. 2016.

VIERO, Verônica Crestani; BARBOSA FILHO, Luiz Carlos. **Praças públicas: origem, conceitos e funções**. Jornada de Pesquisa e Extensão. ULBRA Santa Maria, 2009.

WILHEIM, Jorge. **Urbanismo: O Substantivo e o Adjetivo**. 3ª edição. ed. São Paulo: Editora: Perspectiva, v. 114, 2008.

APÊNDICE A

PRANCHA DE EQUIPAMENTOS da Praça da Juventude



- Equipamentos
- Estacionamento
- Instituição de Saúde
- Comércio
- Feira livre às quartas
- Academia ao ar livre
- Pista de cooper
- Pista de salto

- 01 – Quadra poliesportiva
- 02 – Pista de skate
- 03 – Totem
- 04 – Centro de convivência com sala de ginástica
- 05 – Quadra de vôlei de praia
- 06 – Campo de futebol society
- 07 – Estacionamento
- 08 – Pista de Cooper
- 09 – Teatro de arena
- 10 – Área de exercício e Espaço para terceira idade
- 11 – Pista de salto
- 12 – Local onde acontece a feira livre dias de quarta-feira.
- 13 – Clínica da Saúde da família Augusto César Leite Franco



APÊNDICE B

ENTREVISTAS

Nesta seção, estão transcritas as entrevistas realizadas para subsidiar o estudo da Praça da Juventude Luciano Barreto Júnior, do conjunto Marcos Freire II, compondo as narrativas do cotidiano dos entrevistados. Essa pesquisa antropológica tem como objetivo adquirir informações qualitativas e não quantitativas, por isso, foram feitas perguntas livres, em forma de diálogo informal, de maneira que ficasse algo mais confortável para o entrevistado, porém as perguntas tem basicamente o mesmo tema, os quais eram pertinentes a existência e manutenção da praça, os efeitos trazidos por ela, alterando de acordo com cada informação dada pelo entrevistado. Antes de cada abordagem foi explicado a finalidade da pesquisa. As entrevistas estão organizadas em ordem de abordagem. Cada transcrição contém um resumo da conversa e a íntegra da entrevista.

Ordem	Descrição	Página
TRANSCRIÇÃO 01	Morador do entorno	120
TRANSCRIÇÃO 02	Moradora do entorno	121
TRANSCRIÇÃO 03	Moradora do entorno	123
TRANSCRIÇÃO 04	Representante da comunidade	124
TRANSCRIÇÃO 05	Moradora do entorno	128
TRANSCRIÇÃO 06	Visitante	129
TRANSCRIÇÃO 07	Moradora do conjunto	131
TRANSCRIÇÃO 08	Comerciante do entorno	132
TRANSCRIÇÃO 09	Morador do entorno	134
TRANSCRIÇÃO 10	Visitante	138

OBS.: Antes de cada abordagem foi explicado a finalidade da pesquisa.

TRANSCRIÇÃO 01

Resumo: Senhor J. L. C., 86, mora há 22 anos no local.

Priscila Farias: seu J tem quanto tempo que o senhor mora aqui?

J: aqui são 22 anos

P: muito tempo. Então o senhor viu aquela praça ser construída?

J: oxente.

P: o que o senhor acha dela?

J: aquela praça ali?

P: sim

J: bom...de qualquer maneira é diversão. Só que eu não ando para aquele lado não. Quando muito eu vou, vou só na quadra sabe? Às vezes tem evento lá, uma apresentação.

P: Mas o que o senhor acha que teve de diferente do antes e depois da praça?

J: Ah! Melhora!

P: Foi melhor?

J: é melhor é

P: tem algo que o senhor acha que deveria ser melhorado, que se tivesse seria melhor?

J: Não

P: mas o senhor não usa muito ela?

J: não porque eu não frequento. Não uso, quem frequenta é quem deve saber onde tá faltando um “pontossinho” ne?

P: Mas o senhor vai a feira (da praça)?

J: Aí vou

P: e o que o senhor acha da feira na praça?

J: Ah! É muito bom! Ainda mais pra nós né que antes era longe e agora ficou próximo aqui.

P: e o pessoal daqui gostou?

J: gostou. Eu sou um dos antigos daqui. Eu vi muitas casas aqui ser construída. Quando eu vim morar aqui.

P: então do antes e depois o senhor achou que teve melhoria não foi?

J: muita!

P: em questão de segurança, melhorou?

J: melhorou! É raramente o dia que não passa policiamento aqui, tanto de moto quanto motorizado de carro né, às vezes passa três, quatro moto, porque tem uma turminha ali nessa quadra, lá pro assunto que gosta de puxar uma coisinha sabe? Quando vão aqui que algum lá, e dá fé, aí avisa, você só vê eles correndo (risos)

P: risos.... então assim, questão de segurança não é tão ruim por causa do policiamento né?

J: justamente

P: então seu J, muito obrigada pela sua colaboração!

J: por nada!

TRANSCRIÇÃO 02

Resumo: Dona N. M. S., 82, 10 anos que mora lá

Priscila Farias: a senhora mora aqui a muito tempo?

N: 10 anos

P: então a senhora viu a praça ser construída não foi?

N: Vi. Quando eu cheguei aqui não tinha praça ainda não, tinha só areia, era só areal

P: o que a senhora acha da construção da praça, o que acha que teve de bom e de ruim que a praça trouxe?

N: se tivesse uma organização, tivesse uma pessoa que tomasse conta dessa praça, isso aí era maravilhoso né? Mas a praça vive abandonada, por conta dos mala né mesmo? Fazendo o que não deve arrebatando tudo aí, empinando as pessoas idosas de dormir. É poque às vezes até 4 horas da manhã, tem um jogo aí que só vê bater no telhado encima né? Tem uns meninos que vem jogar aí só se vê pedrada aqui no meu muro. Parece que é alguém que quer entrar né? Mas deixa que é eles! Hum...porque, não tem uma pessoa que tome conta disso aí. Fica por conta deles né?

P: a vigilância tem horário de serviço né (para concluir o expediente)? Porque o senhor aí disse que tem vigilância né?

N: que vigilância? Só se for ele? Porque ele vigia a rua toda, mas a praça não. (risos)

P: (risos) mas a senhora acha que foi bom ter construído a praça?

N: foi bom ter construído. Porque pelo menos a gente pesava que a gente ia ter mais sossego, antes tinha um vigia aí que tomava conta, mas depois tiraram.

P: e antes da praça como era?

N: antes da praça um areal aí danado, só tinha mais era poeira (risos)

P: a senhora faz a feira aí também?

N: Faço.

P: e o que a senhora acha da feira na praça?

N: a feira já saiu daqui (antes era na própria rua, limítrofe da praça), ela era aqui ói. Depois tiraram daqui, botaram pra lá (próximo a escola Pública Marinalva Alves), de lá já passou pra ali (na praça). Pois é, pra alí tá melhor que pelo menos não tem lixeira né? E lá (próximo a escola Pública Marinalva Alves) era na lixeira. Agora eu gostei mesmo quando ela era aqui (na rua dela), porque eu saia daqui fazia minha feira e num instante entrava (risos).

P: em questão de limpeza... a senhora acha que a feira polui mais ou não?

N: a limpeza é mais.

P: então ajuda né?

N: ajuda. Porque assim que termina a feira tem um rapaz que de manhã vem lavar, lava tudo bonitinho e ali toma conta da feira. Agora isso é mais ruim aqui de noite, pra negócio de roubo tudo, quem desce do ônibus ali, que desce despreocupado quando pensa que não é atacado, é assim mesmo hoje em dia todo canto tá assim né minha fia?

P: verdade. A senhora sabe me dizer se a praça tem internet?

N: tinha.

P: tinha, não tem mais?

N: eu acho que já tiraram

P: hum. Então dona N, muito obrigada pela colaboração.

N: De nada!

TRANSCRIÇÃO 03

Resumo: Dona Luciene, 37, 22 anos que mora lá

Priscila Farias: tem muito tempo que a senhora mora aqui?

L: tenho, 22 anos

P: então a senhora viu tudo aqui ser construído né?

L: com certeza!

P: o que foi que a senhora acho do antes e depois (da construção) da praça?

L: mulher, melhorou bastante né? Só que assim tá abandonada né, porque tinha que ter guarda municipal e não tem, aí tá aí abandonada.

P: mas a senhora fala abandonada em relação a que? (segurança, manutenção...)

L: não, segurança né que não tem, manutenção também, ela nunca teve depois que foi feita. Melaram aí com umas tintazinhas, mas tá aí, abandonada.

P: a feira, não colocaram agora né? No início a praça era só onde é a feira né?

L: isso!

P: aí depois asfaltaram ali não foi?

L: asfaltaram ali o lugar da feira, ficou muito bom!

P: gostou?

L: muito!

P: o que a senhora acha do funcionamento da praça? A senhora a usa?

L: sim, faço física aí na quadra

P: hum... é muito movimentada durante a semana?

L: é muito movimentada, final de semana jogam futebol aí, durante a semana a gente faz atividade física três dias na semana.

P: fora isso, que tipo de evento acontece na praça?

L: mulher antigamente, logo quando ela foi construída tinha quadrilha né? E assim, às vezes o pessoal vem aí arruma pra negócio assim de festa de aniversário, porque é um lugar grande né? Mas é muito pouco, porque não tem segurança, quem é que vem "praí" com medo né? Aí não vem, mas antigamente ela era mais movimentada do que agora.

P: em termos de beleza, a senhora acha que ela é bonita ou podia ser melhor, onde podia ser melhorada...?

L: podia ser melhor... logo no começo era uma praça bonita, mas...tá abandonada nunca mais ninguém fez nada e se tornou feia né, porque ninguém faz nada, aí pronto taí.

P: durante o dia eu vejo que ela é bem calma né? Mas tem comércio na praça, algo assim, fora a feira?

L: fora feira? Não tem não!

P: não tem comércio?

L: tem não. Só lá no espaço da feira que tem, que eles vendem lá... vendem queijo, tem uma moça que bota o pula-pula “pras” crianças brincar assim de tarde, [...] sei que é movimentado lá, mas aqui não, aqui não é movimentado não. Só os vagabundos quando estão aí umas quatro horas.

P: a senhora acha essa praça confortável pra se usar?

L: não. Porque os malandra chegam aí e se tiver tendo alguma festa eles não querem nem saber, eles vem, fuma, aí ficam por aí?

P: aí não tem como ficar à vontade né?

L: aí não tem como ficar à vontade, a gente vai ficar com medo né?

P: em relação a arborização, é bem arborizada para a senhora?

L: tá bom.

P: a senhora filhos que usam a praça?

L: não, eu tenho um filho só, mas graças á Deus meu filho é uma benção.

P: ele não gosta de estar na praça?

L: não, não foi criado assim de tá com chameguinho de coleguinhas, ele tem os coleguinhas aqui da rua, mas graças a deus são tudo beleza! Graças a Deus! (risos)

P: muito obrigada dona L!

L: por nada!

TRANSCRIÇÃO 04

Resumo: Seu Luciano Barros, conhecido popularmente por Luciano Profeta, 54, morador há 30 anos, ex-proprietário de uma escolinha de futebol onde as aulas aconteciam no areal onde hoje é a praça, e afirma que a população queria que a mesma recebesse seu nome, devido sua popularidade no local e pelos cuidados que ele sempre deu a praça antes de ser construída.

Priscila Farias:

L: sou morador aqui da área, queriam que essa praça tivesse meu nome, pelo tempo que tem que eu cuido dessa área aqui antes dessa praça. Aqui antes dessa praça era um campinho de areia que eu tinha uma escolinha de futebol, eu botava a garotada para brincar aqui.

P: como é o nome do senhor mesmo?

L: Luciano, conhecido como Luciano profeta...moro aqui há 30 anos

P:eita! Então o senhor chegou quando fundou o conjunto.

L: exatamente!

P: que bom! Então quando o senhor chegou aqui era só areal né?...

L: Aqui era tudo areia, daqui até o outro lado da feira. Essas árvores aqui a maioria aqui quem plantou fui eu. Aquela árvore ali, botou mais outras ali porque arrancaram, eram vinte e uma.

P: então o senhor tem um papel fundamental nessa praça?

L: tenho, tenho...eu já fui administrador aqui da praça também na gestão de Fábio Henrique (ex-prefeito de Nossa Senhora do Socorro). Essa praça aqui ela tem muitos benefícios, muita gente acha que essa praça não tem benefício, mas eu penso o contrário... Nós já usamos essa praça pra fazer, quando a igreja católica “tava” reformando, essa praça era usada pra missa. Aqui já fizemos inúmeros eventos esportivos, tanto futsal, futebol de campo, de areia, futevôlei, tudo!...o que você imaginar essa praça já teve, eventos culturais, campeonatos de grafiteiros, entendeu? Tudo aqui já foi feito. Então o que a gente lamenta é a situação em que ela está hoje né? Vai fazer quase 5 anos que essa praça está “entregue as baratas”, o que a gente pode fazer a gente consegue né? Mas tem coisa que a gente não consegue fazer.

P: em relação a manutenção, o senhor acha que deixa a desejar...o que o senhor acha?

L: eu creio o seguinte, não basta você só trazer praça pra comunidade não, você tem que ter um capital pra manutenção dela. Não adianta você só construir praça...porque ficar tipo um elefante branco ali naquele lugar, sem manutenção, sem zelo. entendeu?

P: o senhor acha a praça confortável, pra usar, sentar numa tarde...?

L: sim, essa praça aqui, o nome já tá dizendo né? (Praça da Juventude) Houve algumas melhoras nela, essa praça não tinha esses bancos, foi um morador daqui que deu a ideia. Como é que faz uma praça sem banco? E foi colocado mais de 20 bancos aqui, e por outro lado a gente lamenta porque quem deveria cuidar...

P: e ia fazer a praça sem banco?

L: era sem banco! Foi inaugurada sem banco, foi colocado depois a pedido da comunidade aqui. O que a gente lamenta é que a gente vê uma praça dessa pra comunidade e vê algumas pessoas destruindo, vândalos, pessoas que não pensa, só pensa em si, não pensa no próximo né? Mas aqui a gente faz de tudo para que essa praça não se acabe. Entendeu?...aquí muita gente...” ah! porque junta droga!”, “junta num sei o que”, sim, mas me diga uma coisa, você quer ter uma praça desse tamanho sem segurança, sem nada, a tendência o que é? É acumular essas pessoas (referindo aos usuários de drogas), mas graças a Deus é tranquilo, eu moro aqui há trinta anos, essa praça aqui vai fazer 5 anos de inaugurada (na verdade são 8) ...ela foi inaugurada no segundo mandato de Fábio Henrique (em 2013) ...

P: o que viu o antes da praça ser construída, teve alguém que atrás, procurar a opinião dos moradores, saber o que eles queriam que tivesse na praça, teve alguma reunião?

L: não, não... esse projeto foi vindo, um foi Jackson Barreto e outra praça foi de Almeida Lima, mas aqui pelo contrário, essa praça aqui quando foi construída, quem fez a planta dessa praça aqui, eles não olharam que aqui ao redor da praça tinham árvores e aí era pra ser tirado todas

as árvores daqui, e nessa época eu briguei, inclusive até a máquina “tava” derrubando essas árvores aqui da frente de casa, eu botei uma cadeira de frente na árvore e não deixei.

P: corajoso o senhor!

L: Juntou reportagem, juntou tudo! Pararam a obra por dois meses, pra poder refazer o projeto, aí depois refizeram os anéis das árvores, pra poder fazer o “encimentado” e é isso.

P: Pra evitar acontecer isso né? Podia ser pior, se não fosse isso (o uso das manilhas pra conter as raízes das árvores).

L: exatamente! Só aconteceu (ainda assim algumas raízes romperam a pavimentação) porque se na época eles tivessem planejado tudo isso aí, a gente tinha feito de uma maneira que não acontecesse mais. Isso daí é o mínimo pra o benefício que ela faz.

P: mas se não fosse isso (a arborização) ele ia ficar desconfortável, pelo menos esse trecho, né? Porque o movimento é todo aqui (próximo da quadra coberta onde tem uma concentração de árvores).

L: o que eles disseram foi o seguinte, que a cada árvore tirada, plantariam cinco, todas essas árvores que estão plantadas aqui ao redor dessa praça, foi morador que plantou, não foi nem a prefeitura. Então por eles ficaria ao relento mesmo. E é isso aí a Praça da Juventude pra mim eu acho que é benefício.

P: é verdade que essa praça tem *wifi*?

L: tinha! Olhe quando essa praça foi inaugurada, meu irmão foi o administrador, aí ele saiu e eu fiquei, mas quando ele era administrador, quem organizava as coisas tudinho e dava as dicas pra ele era eu, que eu morava de frente... aí eu dava as dicas, essa quadra de futsal, o futebol aqui...

P: como funcionava o *wifi*? Era só chegar e usar gratuito ou tinha uma senha ou algo assim?

L: não a praça tinha, o sinal era aberto. Aí devido a muitas situações ruins de drogas essas coisas, até a própria polícia entrevistou, ela disse que não é viável tá com esse *wifi* aqui porque muitos estavam usando pra comercialização de drogas, infelizmente, mas fazer o que né? Mundo moderno né?

P: por causa de um todos pagam!

L: exatamente! Aí foi retirado, até quem fornecia a internet aqui era Marpnet (empresa de rede de internet), ela que “fazia” toda a internet aqui da praça. Um projeto muito bom, mas que tem que ter manutenção, sem ela não tem como.

P: em que o senhor acha que essa praça podia ser melhorada?

L: pra melhorar primeiro, uma grande reforma, pra voltar o que era antes, colocar um espaço kids que não tem, o que tem ali é mais pra adulto, tem pra criança, mas brinquedo pra criança não existe, podia ter um espaço desse pra elas né? Pra garotada. Às vezes eles que improvisam, os pais vem, aí vem com os carrinhos deles tudo, mas o bom era ter na praça já. E eles manter isso, aqueles brinquedinhos, local tem pra colocar e manter a segurança aqui,

a segurança aqui seria o fator importante, a guarda municipal de volta aqui na praça pra manter a ordem.

P: essa parte administrativa funciona?

L: no momento mais não.

P: mas funcionou?

L: funcionava. A gente tinha toda essa parte que funcionava, até quando eu fui administrador isso funcionava, depois eu saí, o rapaz que entrou ele percebeu que não tem condições de ser administrador sem ter pelo menos uma segurança ou algo parecido.

P: e qual era a função do senhor como administrador, o que fazia?

L: eu promovia eventos, incentivava as escolas a vir à praça, a usar a praça, eventos esportivos, de capoeira, a gente tem ali uma sala, aquelas duas que hoje reformaram pra sala de dança que tinha aula de ballet, tinha sala que o pessoal fazia capoeira, a pista de skate era usada, a gente já fez torneio de skate...cinema na praça, inúmeros eventos aqui... a gente procurou o SESC, ele veio com projeto.

P: Já teve evento religioso?

L: teve! Teve cultos, missas...aqui olhe eu fiz um torneio de futebol, todo dia era umas 150 pessoas que vinha assistir futsal.

P: como a praça é voltada ao esporte, então acontece mais eventos esportivos né?

L: é mais aqui a gente estendia, abria leque pra outros tipos de eventos também. Culturais, religiosos, esportivos, entendeu? Por isso a praça, se ela for reformada e se for mantida, a própria prefeitura tinha benefícios com ela. Tinha salas ali que poderiam ser usadas como secretarias.

P: e a feira ali, o que o senhor acha dela ser na praça, o fato de ela ter vindo depois...? no caso a praça só era até ali né?

L: a praça é até ali aquela academia popular. Aquele espaço aberto já tinha, e fizeram, ficou muito bom, essa feira era aqui antigamente.

P: aí, o senhor acho que ficou melhor a praça lá né?

L: a feira? Sim. Porque até o local você vê, um local bem organizado.

P: em relação a limpeza, a feira prejudicou?

L: não, prejudica não. Termina no outro dia, no mais tardar dois dias depois tá tudo ok, tudo limpo, não demora muito não, eles deixam tudo ok, quanto a isso tá tranquilo. Agora, precisamos que cuidem mais da nossa praça em si né?

P: quem o senhor acha que tem a maior culpa em relação a “destruição” da praça, o homem (morador, usuário...) ou o poder público?

L: olhe, a praça se destrói, ela não se destrói por si só, ela se acaba por si só com tempo, quando não tem manutenção, mas o pior, o culpado hoje dessa praça estar assim é a falta de segurança como era antigamente, o posto de segurança da guarda municipal tem que estar

aqui dentro, a gente tinha espaço. Se você chega num lugar e vê segurança, ninguém vai querer bagunçar, e se deixar entregue as baratas, todo mundo vai querer bagunçar, é roubar...aqui nós temos dois vestiários de futebol, coisas que poucos times tem. Ali você vê um teatro ali, tem tudo, mas tá aberto, tá entregue, o que acontece, a tendencia é dos vândalos tomar conta, entendeu? A segurança aqui é primordial, pra manter essa praça depois de reformada, intacta né?

P: Eu agradeço ao senhor pela sua contribuição!

TRANSCRIÇÃO 05

Resumo: Maria, 45, 3 anos que mora lá

Priscila Farias: olá dona M, há quanto tempo você mora aqui?

M: 3 anos.

P: o que você acha dessa praça?

M: eu acho ela muito alegre, muito divertida, eu gosto daqui ela só precisa de uns ajustes.

P: o que você acha que podia melhorar?

M: pintura, estrutura, deixar algo mais harmonioso, mais limpo, segurança para as crianças, policiamento constante porque tem muito traficante, tem muito uso de droga, apesar que eles respeitam a presença do cidadão, mas queira ou não de vez em quando a gente vê alguns consumindo né? E se tivesse policiamento constante aqui, amedrontaria eles e eles não viriam pra cá, pra os nossos filhos não tá vendo isso né, porque a curiosidade de uma criança de ver alguém com algo na boca... “mãe o que é aquilo ali?”, “mãe o que é aquilo?” evita esse tipo de conversa como nossos filhos.

P: você usa a praça de maneira?

M: eu uso no finalzinho da tarde pra minhas crianças brincar, correr e eu também faço atividade física.

P: todo dia?

M: sim eu corro aqui, meus filhos vem jogar bola também toda tarde quando o sol baixa eles vem pra cá, pra quadra.

P: eu já percebi que aqui as pessoas costumam jogar o lixo no lugar errado...

M: isso!

P: você já viu alguém jogando lixo nessa praça, descartando o lixo no lugar errado?

M: o lixo doméstico (da sua própria casa), não. Mas quem passa sempre jogam né, não tem coletores. Jogam no chão porque não tem coletores, nunca vi cidadão tirar de sua casa e fazer aqui uma “coleta” de lixo (ele se referia ao descarte), mas pessoas que passam e tá com um copo descartável, papel, jogam por falta de coletores.

P: você sabe o que é sustentabilidade?

M: mais ou menos (risos)

P: pelo pouco que você conhece de sustentabilidade, você considera essa praça sustentável?

M: em relação a que?

P: sustentabilidade, envolve questões ambientais, busca reduzir os impactos ambientais... e que aquele lugar seja sustentável pra essa e para as futuras gerações...

M: entendi... a durabilidade da praça né? Pra que essa dure por mais anos e anos pra outras pessoas usar.

P: isso. Você acha que ela é (sustentável)?

M: não. Pelo governo não! Ela está muito abandonada, ela podia ser mais preservada, eu falei na estrutura, na pintura, preservação de árvores, limpeza...

P: você acha ela bem arborizada?

M: acho, acho.

P: você acha que ela serve para todo tipo de pessoa, ou é mais voltada pra um tipo (jovem, idoso...)?

M: é bem relativo tem época que cheio de jovens, tem época que é cheio de... tem horários...horários que é só idosos fazendo atividade, tem horário que é só adolescentes, tem hora que é só pai de família, tem horas que é pessoas com seus animais passeando, é bem distribuído a praça de acordo com o dia! De manhã cedo tem muito idoso, a noite a garotada se reúne pra jogar bola, pra poder fazer dança, tudo aquilo que envolve a garotada, é dividido durante o dia.

P: aquela parte administrativa funciona?

M: eu sempre vejo aberta né? Mas como eu mora no lado de cá...

P: mas funciona direitinho aquela parte administrativa?

M: você tá falando a que inaugurou um dia desse?

P: sim!

M: eu nunca...eu sempre vejo o pessoal lá dentro, depois que abriram aí, tem atividade de capoeira, atividade de dança, academia, depois que abriu começou a aparecer num outro "quiosque" (edificação) lá.

P: o wifi, funciona?

M: eu nem sabia que tinha! (risos) Eu nem sabia que existia *Wi-Fi* aqui.

P: (Risos) ok dona M. Muito obrigada pela colaboração!

TRANSCRIÇÃO 06

Resumo: Diego, 31,

Priscila Farias: O que você acha da praça?

D: a praça em geral, acho que...(tem) locais né, entretenimento principalmente na área de esportes, a pista de skate, campo de futebol, futevôlei, uma quadra poliesportiva, mas infelizmente é uma praça que a própria população não toma conta né, eu acho que equivale a isso, e às vezes alguns locais, alguns pontos da praça vira até ponto de droga, não todos os horários, também não pode generalizar, porque a praça querendo ou não é uma praça grande, não é à toa que o nome é Praça da Juventude, mas em questão de infraestrutura no início, sempre foi “top”, não agora né, por conta do que a própria população não zela.

P: você acha que houve melhorias depois da praça?

D: no início ou quando fez a praça?

P: antes da praça

D: antes da praça era um terreno totalmente baldio, que só servia pra as pessoas passarem de um lugar para outro e pronto, só tinha grama (mato), só isso, não tinha nada né? Nada, nada, nada!

P: sobre a feira, você usa (frequenta) a feira?

D: é porque a feira não é mais aqui não (na rua limítrofe a praça). A feira mudou!

P: é aqui ainda (agora na praça)

D: mudou pra cá?

P: não, era lá, mas agora mudou, todas as quartas é aqui!

D: entendi. Rapaz, eu não uso a feira, mas quando eu já fui pra feira. É um local bacana porque ela atinge toda a região, tanto do final de linha como das ruas adjacentes do Marcos Freire, acho que não tenho muito o que falar em relação a feira.

P: o que você acha da manutenção da praça?

D: acho que é horrível né? (risos) desculpe o termo, mas...eu não sei se tem algum tipo de fiscalização que faz com que isso revigore, a manutenção também, eu não sei a questão da segurança, no início realmente tinha segurança, tinha alguns guardas municipais, mas hoje eu não vejo uma segurança na praça.

P: você já usou as quadras, o anfiteatro... o que acha deles?

D: sim, sim. A quadra eu já usei, o anfiteatro não, que por sinal eu nem sabia que tinha.

P: você chegou a usar o *wifi*?

D: não, nunca usei também, nem sabia que tinha, pra você vê eu nem sabia que tinha. Só usei a quadra mesmo e campo quando eu joguei...

P: e a parte administrativa já chegou a entrar?

D: não também, nunca nem fui.

P: mas você sabe se funciona?

D: também não, eu acho que não. Tenho quase certeza que não.

P: ok, muito obrigada pela sua colaboração!

TRANSCRIÇÃO 07

Resumo: Denise M. B. S., 56, mora há 24 anos

Priscila Farias: tem muito tempo que você mora aqui?

D: tenho 24 anos!

P: eita! Então a senhora viu tudo da praça, viu construindo...?

D: é! algumas coisas (risos)

P: o que a senhora acha dessa praça aqui?

D: que ela deveria ser mais organizada viu?! Aqui é um local que a família gosta de tá participando de tudo, mas não dá(tem) condições nenhuma, porque é tudo uma bagunça, a malandragem muito grande, entendeu? O que eu acho assim.

P: a senhora usa aqui, estou vendo a senhora passar com seu cachorrinho...a senhora faz mais atividades?

D: tudo, participo da academia da saúde aqui na quadra, e é a desejar a quadra viu?!

P: funciona em que dia e que horário?

D: ela funciona dia de segunda, quarta e sexta, seis horas da manhã, de seis as sete.

P: olha que bom! Aí no caso, a senhora faz caminhada, essas coisas também...

D: Faço caminhada às vezes, às vezes eu passeio com meu cachorro, entendeu?

P: tem parentes, filhos, netos...que usam?

D: não, tenho não porque não tenho filhos, só eu mesmo, meu esposo também participa, anda por aqui.

P: já trouxe alguém da família além do esposo?

D: já, eu tenho uma tina que todos os finais de semana ela vem por aqui a gente passeia, às vezes senta um pouquinho ali no banco, fica, mas só isso.

P: a senhora acha a praça confortável?

D: ela é! Só que agora no momento ela não tá assim, entendeu? Não tá aquelas coisas como era antigamente.

P: e ela é nova né?

D: é...não é construída há muito tempo né?

P: a senhora quando vem, a senhora quando vem qual o tipo de pessoa que mais usa (jovem, idoso...)?

D: jovem, senhoras também

P: misturado?

D: tudo misturado, criança tudo. Todo tipo de pessoa.

P: apesar do nome Juventude não tem só jovens né?

D: não tem todo tipo! Inclusive na academia da saúde é todo tipo, é jovem, é senhora, é tudo, que participa. Inclusive a professora é excelente, professora Daiane.

P: tem comércio aqui na praça (algum vendedor...)?

D: tem, tem. Assim olhe, agora esse rapaz aí que vende essas coisas, só o que eu vejo, de vez em quando tem festa aí o povo vem e vende aqui na praça, só isso.

P: a senhora acha que essa praça trouxe melhoria pra cidade, para o conjunto... tem mais pontos positivos que negativo, como a senhora acha?

D: tem positivo, não tem só negativo não. E foi bom construir essa praça aqui, que antigamente era um mato, era uma sujeira e agora não. Realmente, ela tava mais(bonita), mas agora só que ela não tá, mas dá pra gente usar né, do jeito que está ainda.

P: o que a senhora acha que podia ser melhor?

D: que a comunidade contribuísse né?! Mas a comunidade em si, não tá nem aí. Hoje ela tá limpinha, mas tem dias que ela tá horrível. O povo mesmo usa a quadra pra festa e tudo, quando a gente vê tá tudo sujo. Eu vejo isso, mas fora isso.

P: o pessoal tá fazendo exercício ali né?

D: é... toda tarde o povo tá fazendo exercício, tem professor, *personal trainer* ali olhe, daqui a pouco tá cheio, é muito agradável aqui essa praça, agora só o estado em que ela está né?...Academia ali na frente, as moças fizeram...botaram planta e tudo, agora o povo tá começando a jogar lixo tudo de novo, aí não adianta.

P: Ah! E as pessoas jogam lixo?

D: é! A moça botou, aí os carroceiros vêm com o lixo, bota o lixo lá. Eu sei que agora hoje tá limpo, porque ontem teve a feira né, mas quando for de hoje (quinta) pra sábado, tá a mesma sujeira.

P: então de certa forma a feira tem até ajudado?

D: e muito! Até o espaço de lazer da feira, tá sendo até ótimo para as crianças, que eles ficam andando de bicicleta, andando de patinetes, é ótimo! Mais tarde os adultos, estão tudo lá sentados e os meninos tudo brincando.

P: mesmo que não tenha cobertura?

D: mesmo que não tenha..., mas lá ainda tem umas árvores e tudo sabe, só não tem muitas, mas tem um local que tem muita sombra também. Agora, eu acho que a comunidade tem que ajudar. Pra existir isso o prefeito faz, eu sei que ele faz tudo, agora só que também a comunidade em si tem que ajudar, só que não ajuda.

P: muito obrigada dona D. pela sua colaboração!

TRANSCRIÇÃO 08

Resumo: Erotilde, 52, dona de um comércio no ramo alimentício que fica no entorno imediato da praça há 2 meses.

Priscila Farias: Aqui funciona um restaurante?

E: era restaurante, eu trabalhava com comida, com lanche...

P: tem muito tempo que a senhora mora aqui?

E: Não, aqui no restaurante não. Aqui no Marcos Freire tem dois anos, agora aqui dois meses.

P: O que a senhora acha da praça?

E: Mulher... assim né, assim essa aqui até que você ainda pode falar assim né, dá porque as crianças brincam o pessoal faz muito ginastica, exercício ... essa aqui, essa parte aqui porque assim, agora a parte de láque é essa parte aí da quadra... tá quem a quem tem os meninos que jogam gostam de fazer esporte tudo mas também tem uns usuário né que enquanto os meninos tão jogando tem uma turminha aqui inclusive agora tá tudo ali olhe reunido tudo é os meninos jogando e outros infelizmente né fazendo arte.. aí pronto daqui dessa eu não tenho assim que falar não, que inclusive ele minha neta brinca aí os meninos faz muita Malhação aí agora partiu daqui para cá eu não tenho muita coisa a dizer não boa não, se fosse assim só a quadra em geral para o jogo fosse descoberta. Mas é muita coisa aí entendeu muita a coisa era uma coisa assim até boa que podia se aproveitar assim mas.

P: a senhora acha que o fato de ter o seu comércio em frente a essa praça é bom?

E: é bom!

P: mas assim traz algum prejuízo tem algum prejuízo alguma coisa, algum perigo?

E: não, até assim, tem dois meses que eu tô aqui e graças à Deus nunca, nessa parte aqui, nunca aconteceu nada não entendeu, não vou dizer que já aconteceu comigo não eu só falo assim dessa parte assim que entendeu

P: mas eles nunca mexeram com a senhora não?

E: Não não eles nunca mexeram comigo não. Um dia eu tomei um susto né, que entrou um aqui de tornozeleira no pé meio... aí eu peguei logo aí eu corri fiquei ali, mas graças a Deus Ele sabe olhou aí saiu acho que ele era meio "coisadinho" também entendeu, mas, só essa parte que eu falei

P: sobre a feira, o que a senhora acha da limpeza da praça?

E: eu gostei, muito boa! Não tenho nada a reclamar da feira.

P: o que a senhora achada limpeza da praça?

E: Agora tá, até que tá limpinha viu, mas "tava" um horror, "tava" muito suja. agora por esses dias eles até que deram uma geral limpam bem

P: em relação a jardinagem, arborização e paisagismo em geral que a senhora acha da praça? É confortável pra senhora?

E: É... não eu mesmo, por caminhada eu faço por aqui não, fico às vezes sento aí no banquinho, fico conversando, mas só isso meus filhos que brinca mais minhas netas, vem brinca com a bicicleta aí a noite, de tardezinha

P: de certa forma ajuda a senhora o comércio da senhora já que é de alimentação, quando alguém passa já vê, é bem visível né?

E: é não, não é isso aí para o começo é ótimo, entendeu, aqui passa assim todo mundo é só uma coisa assim porque isso aí é tipo sei lá tá muito abandonada essas coisas aí que ninguém usa é muito escondido, só disso sabe.

P: a parte de administrativa da praça senhora já usou alguma vez?

E: Não.

P: Que tipo de coisa acontece lá dentro?

E: Eu não sei. Lá dentro eu não sei.

P: sobre o wi-fi a senhora também não sabe né?

E: é... até um tempo desse quando eu não tinha instalado aqui os meus filho ficava ali porque disse que tinha né, agora não sei se tem realmente.

P: aqueles banheiros ali não funcionam?

E: aquele banheiro ali fia, eu na verdade nunca entrei não né

P: pelo que eu tô vendo parece esconderijo.

E: Então é isso esconderijo de... é perigoso às vezes você chega a noite porque sabe né, as malandrags tá demais né em todo canto existe as pessoas aí, pronto

P: Eu queria poder ter coragem de tirar foto mas eu tenho até medo. (Risos)

E: não faz medo não mulher, eles não mexem não. Eles ficam ali fumando as coisas deles, os meninos tão ali jogando, mas eles não coisa não você entre e diz "olhe é um trabalho que eu tô fazendo" só e pronto. Não mexem não. Eu aqui eles nunca mexeram não.

P: a maioria das pessoas que comentaram sobre essas coisas não reclamou de nada, que ninguém incomodou ninguém. Só o que incomoda é o uso e algum barulho que fazem, né?

E: não até que eles não coisa...eu falo assim em relação a esse coisa aí que fica assim muito escondido entendeu? Aí tem uns que fumam só por fumar mesmo né, pra... mas a gente nunca sabe cabeça de ninguém, as vezes a noite tarde hora da noite, eu falo entendeu sobre isso, mas eles fumam ali não mexem com ninguém não. Ficam ali reunido, ali fumando, ali enquanto outros jogam. Eu digo assim porque também tem muita criança que vai pra ali fica jogando né, mas mexer, mexer eles não mexem não. Aqui pelo menos comigo aqui nunca mexeu não. E eles vem direto comprar as coisas aqui tudo, mas não vou dizer também né que mexeram, nunca mexeram não. Só fala assim nisso aí que essa praça deveria, eles deveria fazer mais alguma coisa por aí, que aí tem muita coisa aí que não usa, esse prédio aí ói.

P: na verdade falta manutenção né?

E: é, manutenção! Falta manutenção! Ela precisa, tem tanto espaço aí que poderia aproveitar pra outras coisas, aí fica aí abandonada. Eles não usam.

P: então! Dona E, muito obrigada pela contribuição!

Resumo: José tempero, 68, 21 anos que mora lá

Priscila Farias: tem muito tempo que o senhor ora aqui?

J: 21 anos já.

P: tem muito tempo aqui?

J: já tenho uma parte aqui.

P: o senhor viu a praça ser construída?

J: foi...tinha areia, vi tudo!

P: o que o senhor acha dessa praça?

J: rapaz, essa praça ela muito boa. Agora , o que acontece é que tá faltando, é pessoas pra tomar conta. Eu acho ela é boa, foi muito bem suspiro ela aí, muito bem localizada, ela aí, pelo motivo que era um areal, cheia de bagunça, fizeram a praça, aí o que acontece...que depois da praça feita abandonaram, todos os “prefeito” que entra nenhum dá um porte ela merece, tá entendendo? Agora, que ela merece, ela está num lugar bom.

P: o que o senhor acha da manutenção da praça?

J: a manutenção que ela tem, não é boa não, ela pra ter uma manutenção boa ela poderia ter fiscalização, vigia pra prestar atenção o mau feito que ela tem né? Não teve um ainda que fizesse isso.

P: mas o senhor acha que a culpa é da fiscalização? quem joga, não é o morador?

J: certo! Quem joga é morador, mas o que acontece, que a casa da gente se a gente não prestar atenção os filhos bagunça, pior uma praça que anda a comunidade toda, e com as leis que temos hoje pior, quem não for homem, nem mulher bem, não tem posse nem em casa quanto mais para as coisas que é da humanidade.

P: sobre a feira, o senhor usa?

J: uso, muito bem localizada, boa, a manutenção da feira tá boa.

P: mas a feira veio depois né?

J: foi, mas tá boa, a manutenção tá, a feira tá muito bem localizada, a manutenção da feira tá boa, ninguém pode falar da manutenção da feira.

P: a feira tem trazido problemas? Em relação a sujeira?

J: não! Não! Pessoas falar que a feira traz problema, é porque quer botar defeito naquilo que não tem. A sujeira tá bem... não tem sujeira, a manutenção da feira tá ótima!

P: o senhor já viu alguém jogando lixo (na praça)?

J: oxente! Aí sempre, não falta! (risos)

P: o lixo é coletado certinho (regularmente)?

J: tá coletado certinho... tem falha, porque às vezes, pode ter falha, porque o carro quebra e pode quebrar na hora exata, agora que tá boa.

P: mas tá regular, certinho?

J: É regular certinho, é sábado, terça e quinta. Às vezes atrasa porque máquina quebra né, aí não pode chegar no horário.

P: mas é só questão de horário, não falta não?

J: ah não, não! É só de horário, a máquina dá problema, e tem que ir né.

P: quem joga lixo são os próprios moradores?

J: sim, pronto, tá aqui...eu moro aqui aí me atraso, faço como quem não quero aí vou jogar lá na outra rua lá, pronto fica lá, mas deixa que tá tendo falta não. Olhe aqui eu tinha uma inquilina, ela se deitava uma hora da manhã, se levantava dez, quando o carro do lixo passava, ela botava o lixo pra fora. Ou então quando ela botava, quando o lixo passava amanhã aí ela já botava hoje, aí o carro passava e pegava, quando ela levantava aí botava mais lixo, “quem botou esse lixo aqui!”, mas deus me ajudou me deu a benção que ela saiu, aí tá assim.

P: e outras pessoas aproveitavam pra acumular na porta dela, de outras ruas que esqueciam?

J: não! Porque sempre eu tô cedo aqui, aí (via) que não botavam.

P: o senhor usa a praça?

J: caminho, eu dou umas voltinhas, muitas vezes eu não dou umas volta aqui porque eu não gosto de andar perto de casa, porque um passa fala “T”, eu gosto de caminhar longe porque alguém não fala comigo entendeu?

P: risos.. pra não distrair.

J: não porque caminhada é o seguinte, a gente tem que fazer segura. Caminhada a gente não pode fazer em turma porque você às vezes se esforça pra me acompanhar, ou diminui pra eu acompanhar você, aí não tá adiantando aquela caminhada, nem pra mim nem pra você, acredita ou não? Olhe e eu nunca acompanhei aula tá entendendo? Mas eu tenho em mim, pra você me acompanhar aí se esforça, ou então diminui, aquilo ali não tá servindo nada pra você, aí nós vai conversando se e lá fazendo algum assunto, falando da vida do povo, porque o comum da gente é esse. (Risos) Falar da vida do povo, ou de bem ou de mal. “ oh rapaz, viu fulano?” tal... e você sozinha você ói...foca naquilo que você pode.

P: e a esposa faz uso da praça também?

J: rapaz, é difícil! Ela difícil fazer, cobra dela, mas ela...

P: o senhor já levou algum familiar pra ficar na praça?

J: É mais meus netos quando chegam. Tem ela, tem outro aí, às vezes vem outros parentes de fora, outros netos, tal e tal...aí nós “vamos pra ali brincar meninos”, aí nós brinca lá e tal...

P: fica lá um pouquinho, pra curtir a praça também né?

J: é fica lá um pouquinho...

P: tem uma hortinha ali que fizeram né, com uns pneus ali na frente?

J: é ali era pra ser, falta pessoas pra trabalhar, pra botar pra fiscalizar, pra fazer. Fizeram, mas não tem nada, que de vez em quando vão botam um “lixozinho” entendeu? As pessoas

da rua mesmo, sabe? Era pra ser um negócio organizado, por ter respeito e o não jogar, mas o povo sempre joga. Pouco, mas joga! Que não era pra ter nada, era pra ter é pessoas ali pra organizar.

P: em questão de segurança o que o senhor acha?

J: segurança, nós não tá tendo nada! Não tem nada!

P: tem policiamento?

J: era pra ter até problema aqui pelo tanto de segurança e pelo tanto de gente que tem, que não tem segurança. Depois que botaram esse negócio aí de botar a tornozeleira no povo tirar, melhorou mais! Aí era pra botar tornozeleira e tirar. Até que melhorou mais, melhorou setenta por cento depois disso aí ói. Pronto! Inclusive até tinha um pessoal, tinha uns caras que vinha jogar aí, jogar bola. Tinha ali um chuveiro, botaram um chuveiro fora, eu acho que era pessoas mesmo que fazia parte daí né? Aí era tomando banho ali. Aí eu comecei a ficar de olho né? Os cabra saia, era nú que tomavam banho, quase nú!

P: oxente!

J: Aquelas cuequinhas mesmo assim da pessoa... que nem na praia ninguém vai daquele jeito, eu comecei a ficar de olho. Aí eu comecei a reclamar, aí teve um abençoado e disse “faça uma queixa!”, não chegou nem eu fazer. Aí ele foi, ele é um cabra que faz parte da limpeza aqui, ele mora até na Piabeta né? Aí foi reclamou alguma coisa, e não é que graças a Deus tiraram, os cabras era nú mesmo, passeando... “vocês tão em casa é?”, um dia eu arrumei até um problema, um pouco um problema ainda com um...”pai”, eu “pai uma caramba rapaz!”, “oxente!”, ele tá na casa dele é? Não! Aqui tem homem, caramba!

P: famílias né...crianças também...

J: não é?! Não é praia, não é piscina, não é nada! Aí pronto, regularizou tudo aí. Depois o menino “pai, viu o que o senhor falou?”, eu digo “ e né não é?” o cara tem que ter a pessoa pra tomar pulso, pra falar alguma coisa.

P: o senhor acha a praça confortável?

J: rapaz! Ela é no local confortável, mas pra ser confortável tinha que ter manutenção de pessoas pra fiscalizar igual eu falo. “Ah! Mas!”, não! Ninguém toma conta de nada! Sua casa se você não prestar atenção seus filhos bagunçam, um quer de um jeito, o outro quer de outro. Pior uma coisa que é... aí eu vou falar o que vejo errado, “é seu!”...aí eu vou arrumar um problema né?

P: eu falo em relação a sentar à tarde? É arborizada?

J: é bom! Fresco! É! Isso aí é , só falta mesmo a gente...

P: tem atividade para as crianças?

J: tem. Os pais vai, os avos vai.

P: tem brinquedo para as crianças?

J: não, não! Fizeram, mas por motivo de não ter quem olhe aí não.

P: como era o local da feira antes?

J: ali era um areal, mas graças a Deus primeiramente, e ao padre que fez aquele benefício pra todo mundo. Passa, vê e acha que é bom. É bom e bonito e tem... pronto! Tem a feira, mas quase tem feira quase a semana toda, que sempre tem barraca, que beneficia todo mundo. Quem tá precisado a vender e quem tá precisado a comprar. É muito bem...

P: tem os comerciantes que ficam ali ainda né?

J: tem! Muito bem benefício.

P: fora dali não tem comércio aqui na praça né?

J: Não tem não! Não tem por esse motivo né? Não tem foco de pessoas, mas depois que fizeram isso aí tá setenta por cento em cima da situação.

P: seu T muito obrigada pela colaboração!

TRANSCRIÇÃO 10

Resumo: Cláudio Vinícius, 18,

Priscila Farias: C, tem muito tempo que você mora aqui?

C: na verdade eu não moro por aqui, só que eu já morei um tempinho aqui, hoje em dia eu não tô morando mais não.

P: você faz uso sempre da praça?

C: sim, sim. Todo dia!

P: quais atividades você faz, além de caminhada?

C: Faço umas atividades ali nas barras, faço umas flexões também.

P: o que eu você acha dessa praça?

C: Essa praça ela é bem legal, bem diversificada. O problema dela é que... são as pessoas em si que usam ela, essa praça pra uma família vim, pra brincar, colocar os filho pra correr por aí, não dá muito certo porque esses canto aqui principalmente naquela quadra os cara vem usa muita droga, os cara esconde droga lá dentro daquela quadra aí fica comercializando por aqui. Então se a pessoa quiser vim usufruir dessa quadra ela tem que vim mais pela parte do dia, de noite já não é muito recomendado vim aqui justamente por causa disso, até de tardezinha mesmo, os cara fica aqui ói. Eles sentam aqui, sentam lá e ficam esperando.

P: em lugar estratégico para se esconder né?

C: é.

P: e em relação a estrutura da praça o que você acha?

C: eu acho que ela tá boa, eu só acho que ela tá precisando de uma reforma, tem muitos equipamento ali que tão quebrado, umas barra, tá precisando de reforma mas ela boa sim eu acho.

P: em questão de conforto térmico, ela é confortável durante o dia para se usar, sentar numa sombra...?

C: então...já durante o dia não é porque não tem muita sombra, é como eu te falei, se você quiser vim aqui pra ficar na sombra, você tem que ficar naquela quadra, só que como eu falei aquela quadra não é muito recomendada. Essa praça pra pessoa usufruir mesmo dela tem que vim a noite, só que a noite por questão de segurança também não dá.

P: você que usa muito aqui, vê muita atividade de ciclismo ou algo parecido?

C: não. Eu vejo mais gente fazendo caminhada, os cara que vem andar de skate aqui, umas pessoas vem aqui fazer exercício também, barra, essas coisas.

P: mas ela é bem aproveitada, as pessoas usam muito, né?

C: sim. Eu vejo também as pessoas vindo mais aqui pela manhã, até porque pela manhã não tem muito perigo

P: e a feira você usa?

C: não. A feira eu já não uso porque como eu te falei eu não tô morando mais por aqui.

P: hum...você mora em outro conjunto?

C: no (marcos freire) III.

P: Eita! você vem caminhando de lá até cá?

C: sim, sim. Só pra usar as barras porque lá onde eu moro não tem, aí eu venho até aqui todo dia.

P: e o wifi, você já usou, já ouviu falar?

C: não, até onde eu sei aqui nessa praça acho que não tem não

P: tinha

C: não, eu nunca cheguei a usar aqui não. Morei dois anos aqui, mas nunca usei o wifi.

P: já utilizou dos serviços de administração da praça?

C: não

P: nunca viu como é pro dentro? Nunca teve oportunidade?

C: não

P: aquilo ali você sabe o que é?

C: é onde fica feira agora.

P: onde teoricamente termina a praça

C: eu não sei pra que serve muito bem. Só sei que tem um povo que fica indo aí pra fazer atividade também, dança, ginástica. Acho que é espaço já pra isso mesmo, que de vez em quando eu vejo um pessoal dançando aí e fazendo ginástica lá dentro.

P: certo. Aquela parte onde fizeram aquelas plantaçoezinhas ali, é o que, horta?

C: não sei te dizer muito bem o que é. Não sei não.

P: muito obrigada pela colaboração!